

# *Diario de Lisboa*

## *Edição Mensal*

Número avulso: 2500 ESCUDOS

Administrador e editor

**MANZONI DE SEQUEIRA**

ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 37, 2.<sup>o</sup>

Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

**JOAQUIM MANSO**

Propriedade da RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, composição e impressão

**RUA LUZ SORIANO, 48**

TELEFONES—2 8271, 2 8272 e 2 8273

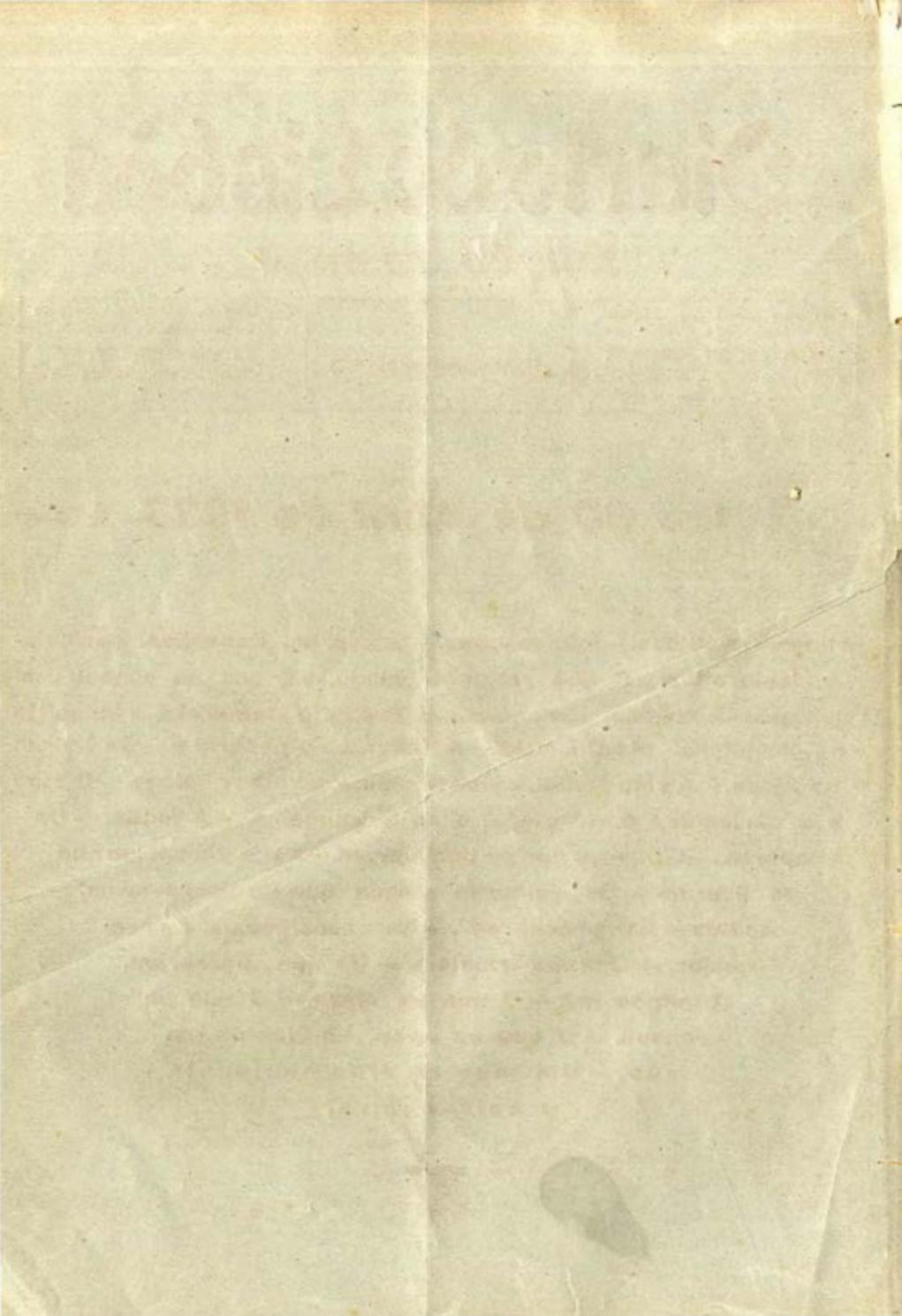
Endereço telegráfico: DIBOA

N.º 1

**1 a 30 de Abril de 1933**

1.º ANO

**Artigos.—Notícias.—Informações.—Gravuras, desenhos, caricaturas, fotografias.—O que vai pelo mundo.—O que se passou em Portugal.—A Política, a Economia, o Direito, o Comércio, a Indústria e a Agricultura.—As Ciências.—A História e a geografia.—As Letras e as Artes.—A vida social, a vida feminina, a vida religiosa.—O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro.—A moda.—Os "sports".—Os livros que se publicaram.—As conferências que se fizeram.—Os melhores artigos que se escreveram.**  
**As leis — As "prémieres".—As exposições.—Os certos. — Os que triunfam. — Os que morreram.**  
**O que se fez. — O que se disse. — O que se pensou. — O que se viveu.—A vida de um mês.—Um mês de vida nacional e estrangeira.**



Compro



Número avulso: 2500 ESCUDOS

Administrador e editor

**MANZONI DE SEQUEIRA**

ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ROSA, 57, 2.º

Endereço Telegráfico: DIBOA

# Diário de Lisboa

## Edição Mensal

DIRECTOR

**JOAQUIM MANSO**

Propriedade da RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES—2 6271, 2 6272 e 2 6273

Endereço telegráfico: DIBOA

# ABERTURA

**S**AI hoje o primeiro numero da edição mensal do Diário de Lisboa. Era uma necessidade, nos tempos que tão correndo, em que as criaturas, — tendo tempo de se desenhistarem da sua luta pela vida, perdem o contacto com o seu mundo exterior ou o restringem a um âmbito cada vez mais estreito e confinado. Tempos apressados e de levante em que os acontecimentos se sucedem, não havia entre nós um jornal retrospectivo e de síntese em que rapidamente a vida se pudesse inventariar para estar em dia com o que vai pelo mundo. Depois o «Diário de Lisboa» mensal pretende ser o leitor, o secretário do leitor. Ao fim do mês contar-lhe-á tudo o que sucedeu, tudo o que se realizou, factos e acontecimentos que se deram, livros que se publicaram, pessoas que morreram, ciência que progrediu, tudo enfim o que marcou na vida ou na biblioteca universal. E isso, além da elucidação constituirá também uma lembrança para estar continuamente em dia, não deixando de comprar o último livro, ou de prever no horizonte a proxima guerra. Não intira imitar nenhum jornal, nenhuma revista, nenhuma ideia. A necessidade o criou, pretende apenas satisfazer essa necessidade. Este primeiro numero é apenas um «tentamen». Se o público inteligente para quem ele é

criado nos ajudar, a sua missão definir-se-á com precisão e ele virá a ser qualquer causa de notável. Buscará técnicos cooperadores, o homem que sabe de cada causa, para falar de cada causa, receberá avisos, sugestões e indicações do público, e o público é um precioso colaborador, melhorará a sua parte gráfica, secções ainda indefinidas terão o seu desenvolvimento condigno, buscará enfim criar um elemento de estudo e de trabalho que busque tudo e tudo informe, devidamente arrumado e sem exageros de palavras ou de espaço descrito. Será neutral.

Neutral e imparcial em matéria de política e de religião ele procurará relatar factos. Quando expandir ideias, essas terão uma assinatura por debaixo e marcarão o pensamento de um nome colado cujo alcance é sempre bom ouvir. Procurará enfim servir o público. Ele se quizer ser servido ajuda-lo-á. E nós aqui estamos para o servirmos conscientes de que alguma causa fizemos para a cultura popular, a cultura dos que não têm tempo nem dinheiro para ler dezenas de jornais e consultar centenas de revistas. Vence? Será uma bela causa realizada. Acaba por falta de incentivos? Fracassou?

Nem por isso fica na nossa consciência, sem azedume, a certeza de que cumprimos o nosso direito. E logo dito, vamos começar.



## O MEZ DE ABRIL na tradição popular

— Abril aguas mil, criadas por um mandil (avental), e em Maio três e quatro.

— Uma agua de Maio, o três de Abril, valem por mil.

— Chuvinha d'Ascensão das pa-lhinhas da pão.

— Aí chova todo o ano, e a mim chova Abril e Maio.

— Se chover em Maio carregará o rei o carro e em Abril o carril; e entre Abril e Maio o carril e o carro.

— Se não chover em Abril pode o lavrador o carro e o carril ou

em Abril queima a velha o carro e o carril.

— Se não chover entre Maio e Abril dará el-rei o carro e o carril por uma fogaca e um funil, e a filha a quem a pedir.

— No tempo do caco tanto está molhado como enxuto.

— Abril frio e molhado enche o celeiro e faria o gado.

— Abril frio, pão o vinho.

— Frio de Abril nas pedras val ferir.

— Do grão te sei contar que em Abril não ha de estar nascido, nem por semear.

— Quem me vir e ouvir guarda pão para Maio, lenha para Abril.

— Entre Abril e Maio moenda para todo o ano.

— Abril vem com as favas no mandil.

— Em Abril queijos mil; e em Maio três ou quatro.

— Em Janeiro seca a ovelha suas madeixas ao fumeiro, e em Março no prado, e em Abril as vil urdir.

— A rez perdida em Abril cobra a vida.

— Hosta de Março tira nodoas

quatro; bosta de Abril tira no-dos mil.

—Por S. Marcos bogas a sacos.

—Saveis por S. Marcos enchem os barcos,

—Sólho de Abril abre a mão e deixa-o ir.

—Altas ou baixas em Abril vêm as Pascas.

—Não é cada dia Pascas nem vindima.

—Não ha Entrudo sem lua nova, nem Pascas sem lua cheia.

—Se a Pascas é de assolarhar, é o Natal atrás do lar; se a Pascas é atrás do lar, é o Natal a assolarhar.

—Por Abril dorme o moço ralim; e por Maio o moço e o amo.

—As manhãs de Abril são doces de dormir.

—Sono de Abril deixa-te filh dormir.

—Val-te embora Mundo (ou Janeiro) deixar-me-ás Abril e Maio.

—Em Abril vai onde has de ir e torna ao seu covil ou em Abril guarda o gado e vai onde tens de ir.

—Por todo Abril mau ha descobrir.

—No princípio ou no fim, Abril sóe ser ruim.

### Os santos advogados

Dia 2—S. Francisco de Paula—advogado da sucessão masculina e de agua nos lugares secos.

Dia 5—S. Vicente Ferrer—advogado contra as dores de cabeça.

Dia 14—S. Pedro Gonçalves Telmo—advogado contra os perigos do mar.

Dia 23—S. Jorge—defensor do Reino, e patrono dos barbeiros e armeiros.

Dia 29—S. Pedro, Marilir—advogado contra a pedra que destrói as sementes.

## O PRIMEIRO DE ABRIL dia das mentiras

O primeiro de Abril é o dia das mentiras, e é costume nesse dia os jornais forjarem uma notícia falsa que faça sensação. Lembram-nos nesse género a de um peixe monstro que dera à costa em Poco de Arcos, e da estátua do Marquês de Pombal inclinada, etc.

A deste ano foi batida pelo *Diário de Lisboa*, acreditando nela muita gente, especialmente amigos dos dois duelistas... em hipótese.

Tendo-se travado entre os sr. drs. Alfredo Pimenta e Afonso Lopes Vieira uma violenta polémica a propósito da edição da *Lírica*, de Cambes, comentada pelo último e pelo sr. dr. José Maria Rodrigues, suscitou-se entre aqueles dois escritores uma pendencia de honra que teve hoje o seu desfecho.

Ontem, às primeiras horas da noite, os sr. visconde de Torrão e dr. Castanho Beirão, testemunhas do sr. dr. Alfredo Pimenta, tiveram uma conferência com os sr. dr. José de Figueiredo e Raul Lino, testemunhas do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, não tendo chegado a acordo na maneira de dar como nula a pendencia, com honra para ambas as partes.

Supõemos que o sr. dr. Afonso Lopes Vieira se mostrou irreduzível com todas as formas de entendimento sugeridas nessa reunião, que, por vez, decorreu agitada. Sendo reconhecida unanimemente pelas testemunhas a qualidade de ofendido no sr. dr. Afonso Lopes Vieira, os seus representantes escolheram a espada como arma de combate.

O encontro foi agravado para as sete horas da tarde, na Tapada da Ajuda. O sr. dr. Alfredo Pimenta, acompanhado das suas testemunhas, e do seu médico assistente, sr. dr. Aníbal de Castro, foi o primeiro a chegar. Era já quarenta e cinco. Já clareava o dia. Embora um pouco pálido, mostrava-se firme e decidido. Luvas brancas e monoculo.

Minutos depois, noutro carro, chegava o mestre de armas Carlos Gonçalves, escolhido como juiz de campo.

Cumprimentos rápidos, sérios. Precisamente as 7 horas, o sr. dr. Afonso Lopes Vieira, acompanhado das suas testemunhas era, visconde de Torrão e dr. Castanho Beirão, e do seu médico sr. dr. Aníbal Brétencourt, entrava na Tapada.

O sr. dr. Afonso Lopes Vieira, apresentando uma grande serenidade, cumprimentou com leve aceno de cabeça o grupo das testemunhas do seu adversário, conversando alguma breves instantâneas com o mestre de armas Carlos Gonçalves. Apesar de hora matutina, tinham-se juntado alguns curiosos, atirados pelo aparato.

Foi então escolhido o campo—uma

vereda estreita e sombreada—intendendo-se logo o duelo.

No primeiro assalto, o sr. dr. Afonso Lopes Vieira, manejando com facilidade a espada, e com a vantagem de jogar à esquerda, fez recuar, por vezes, o seu contendor.

No intervalo, a assistência sublimhou a vivacidade do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, enquanto o sr. dr. Alfredo Pimenta ouvia das suas testemunhas algumas indicações. O segundo assalto foi mais rijo e perigoso. Houve um momento em que a lâmina do sr. dr. Alfredo Pimenta procurou com fúria o braço esquerdo do adversário, caindo a fundo, mas este desviou-se sem perigo.

### A MENTIRA DA FOTOGRAFIA



O duelo Alfredo Pimenta e Afonso Lopes Vieira

Novo descanso de dois minutos, que os dois médicos dos duelistas aproveitaram para realizar uma rápida conferência, cuja intenção facilmente se adivinhou entre os raras assistências. E iniciou-se o terceiro assalto, com vantagem para o sr. dr. Afonso Lopes Vieira que, pela segunda vez, feriu re-cusar o seu adversário.

Este ainda se recompondo, mas, dolorosamente depois, era tocado num braço. O combate foi imediatamente suspenso. O sr. dr. Alfredo Pimenta apresentava no ante-braco direito uma profunda incisão de três centímetros, com abundante hemorragia.

Ainda manifestou desejo de continuar o combate, mas por determinação unânime dos médicos foi dada por liquidada a pendência com honra para ambas as partes, tendo-se lavrado as competentes actas. Os srs. drs. Afonso Lopes Vieira e Alfredo Pimenta não se reconciliaram. O sr. dr. Alfredo Pimenta recolheu a casa, tendo sido durante o dia de hoje muito visitado e cumprimentado.

No dia 2 o *Diário de Lisboa* publicava o seguinte:

A reportagem fantástica que ontém publicámos sobre um suposto duelo Alfredo Pimenta-Afonso Lopes Vieira, justificada por ser o dia 1º de Abril, causou sensação em Lisboa, tendo sido o caso do dia nos centros de cavaço, onde a grande maioria das pessoas acreditou na veracidade do duelo.

Tanto é para casa do sr. dr. Afonso Lopes Vieira como do sr. Alfredo Pimenta numerosas pessoas telefonaram, a informar-se do estado de saúde dos «convidados», recebendo com satisfação a notícia de que o duelo não passara dumha fantasia infotiosa.

Os dois imaginários duelistas, com quem tivemos ocasião de trocar hoje impressões, acharam graça a brincadeira e não guardam por isso o menor ressentimento. O sr. dr. Alfredo Pimenta teve até ocasião de apreciar a solicitude de numerosos amigos, que lhe telefonaram, para saber se o ferimento era de gravidade.

Resta esclarecer que o arranjo fotográfico que reproduzimos nes foi amavelmente cedido pelo nosso camarada Leitão de Barros, e representa uma fase do duelo Carlos Gonçalves-António Coelho, com a diferença de a cara de mestre Carlos Gonçalves ter sido substituída pela do sr. dr. Afonso Lopes Vieira.

—Em A Tor de 14 de Abril o sr. dr. Alfredo Pimenta historia e faz comentários ao duelo de que foi imaginário personagem, num artigo da sua *Tribuna Livre*, intitulado: «Para a história do celebre duelo».

\* \* \*

Também pela primeira vez, ao que julgamos, para o poiso d'April foi empregada a radiotelefone. O posto C T I D H anunciou que ás 15 horas um indivíduo se precipitaria do elevador de Santa Justa munido de um para-quedas. Como coincidisse com a chegada do «Gonçalo Velho», o facto levantou protesto.

## I -- Ciencias sociais e politicas. Direito

### a) Sociologia

### b) Política internacional

### c) Economia nacional: A vida do Estado

a) Política interna. Governo e administração pública e civil. Funcionalismo.

b) Economia e finanças: Riqueza pública. Bancos, moeda, bolsa, crédito. Países Exportação e Importação. Estatística.

c) Ação social: O capital e o trabalho.

d) Previdência social: Assistência, Seguros, Desemprego, Cooperativismo, Mutualismo, Lotarias.

e) Pedagogia e educação: Psicologia. Vida escolar. Movimento professoral, f) Higiene e Sanidade.

g) Ciencias militares: A guerra e a ciencia da guerra. Exército e Marinha. Vida militar.

d) Direito: Jurisprudência. Legislação. Crime e repressão. Tribunais. Vida forense. Diário do Governo.

### a) Sociologia

## O CAPITALISMO

**Seu passado, seu presente e seu futuro.—Lição no "Instituto dos Altos Estudos"**

O professor Bento Carqueja iniciou no dia 27 no Instituto dos Altos Estudos, da Academia de Ciencias de Lisboa, a série de três preleções acerca de —O Capitalismo, seu passado, seu presente, seu futuro. A primeira preleção versou sobre as origens do Capitalismo e a segunda realizou-se no dia 29 versando sobre os aspectos do Capitalismo no presente.

Principiou por afirmar que o assunto é de maior importância, tanto no campo da Ciencia Económica, como da Sociologia, assumo vastíssimo que procuraria sumariar, o mais possível, ilustrando-a pôr em evidência a grande evolução económica e social, que deu em resultado o triunfo alcançado pelo Capitalismo e pela grande indústria, no século XIX.

Definiu o que deve entender-se pelo Capitalismo moderno e afirmou que o existente em velhos tempos, especial-

mente nos românicos e nos gregos, era um Capitalismo puramente comercial e financeiro, sem aplicação à indústria.

Examinou a vida económica na Idade Média, com as primeiras manifestações do Capitalismo, alias diferente do regime capitalista moderno, caracterizado pelo expansionismo do comércio internacional, pelo desenvolvimento da grande indústria, pelo triunfo obtido pelos maquinismos, pela preponderância, de cada vez mais acentuada das grandes potestades financeiras.

Fez a união de todos estes fenómenos que constituiram verdadeiramente o capitalismo moderno.

Foi no século XIII que, nas regiões economicamente mais activas, como a Europa e os Países Baixos, o Capitalismo começou a exercer influência na indústria, podendo afirmar-se que o capital, na verdadeira acepção da palavra, nasceu o dia em que a riqueza mobi-

laria se desenvolveu, sob a forma de especies armadas, sendo as formas do Capitalismo comercial e do Capitalismo financeiro as que primeiro se expandiram.

Para a evolução se operar, tornou-se porém, necessária a transformação da toda a organização de trabalho, das relações entre patrões e trabalhadores, transformação que deu em resultado exercer-se, sobre as classes sociais, a sociedade mais profunda, até então nunca observada.

O triunfo obtido pela organização capitalista não é anterior ao século XIX e pode mesmo afirmar-se não ser anterior à segunda metade deste século.

Passou rapidamente em revista as primeiras manifestações do Capitalismo no Idade Média, descrevendo o regime feudal e os progressos do individualismo, acentuando o que foi •

Capitalismo nos Países Baixos, traçando o propósito e o quadro de que foi nome: «Feitoria de Flandres» e do papel que desempenharam no mundo financeiro os feitores portugueses.

Falando da gênese do Capitalismo, referiu-se aos potentes financeiros da Itália e da Alemanha, às Bolsas, aos progressos do crédito público, às crises financeiras, ao desenvolvimento dos bancos, à influência preponderante do Capitalismo comercial, à doutrina católica e calvinista acerca do juro.

Pintou, com vivas cores, as consequências económicas dos descobrimentos dos portugueses, referindo-se ao grande comércio marítimo, aos estabelecimentos coloniais e aos progressos do Capitalismo, no século XVI.

Passando ao século XVII, descreveu o que foi o Capitalismo comercial e financeiro, especialmente pela preponderância de Holanda, à custa da decadência comercial da América.

Passando ao século XVIII, aludiu à preponderância marítima e à expansão comercial da Inglaterra, narrando o que foi o pôlo colonial na Espanha e na Inglaterra e, depois de descrever os efeitos da técnica, da concentração industrial e da introdução dos mecanismos, falou do despertar do regime capitalista, no século XVIII, auxiliado pela transformação dos meios de comunicação.

Mostrou a influência do Capitalismo na propriedade predial e no regime agrário; as relações de classe com a abolição da escravatura, a sua influência sobre as transformações das classes operárias, descrevendo como o Capitalismo substituiu as distinções económicas às distinções jurídicas.

Para se compreender o carácter do capitalismo contemporâneo é indispensável estudar, não apenas o capital em função do trabalho, mas também a ação do Capitalismo nos diversos fenómenos de ordem política, de ordem intelectual, de ordem religiosa, bem como a reacção desses fenómenos nas novas formas da organização económica.

Recordou na 2.ª conferência a ligação útil que deram os homens dos séculos XVI e XVII, preparando a passagem da civilização limitada da Idade Média para a civilização de expansão material, característica dos tempos modernos.

A evolução do Capitalismo assinalou-se por uma transformação paralela dos fins e os meios da actividade económica, como se reconhece pelas obras publicadas a tal respeito, nomeadamente as de Sombart, das quais deu larga ideia especialmente sob o aspecto da concentração capitalista.

A dinâmica do capitalismo é uma concepção admirável, tendo por base a noção do consumo, da circulação e da produção. Aludiu à Moda, que constitui hoje uma verdadeira necessidade, a que se não pode ser superior. E que dizer dos «cartéis» e das «trusts», originados muitas vezes pela necessidade e para pôr termo a situações difíceis, ou destinados a aproveitar períodos favoráveis.

As sociedades anónimas têm resul-

tado verdadeiros prodígios e os abusos delas não podem ser levados à conta de falta de préstimo.

Tem sido com o auxílio de mecanismos e de Capitalismo que pessoas de origem modesta têm podido, tanto no domínio político e científico, como no económico, a triunfar hoje, mais do que outrora, atingindo altas situações.

Tragou o quadro da luta entre o tra-

tes «gerais»: o tipo do empresário modificado, reclamando grande habilidade para os negócios, um certo talento de orador, largas concepções do conjunto, etc.

Tem de reconhecer-se que estamos no coração do Capitalismo, o que basta para o legitimar.

O crador descreve a posição actual das empresas industriais, conquistada à custa de contrariedades, sem conta. Os antigos chefes de empresas tiveram de vencer dificuldades que não conheciam, pelo menos com tal intensidade; os novos chefes foram vítimas do seu espírito ardente, ultra-especulativo, mas entre mortos e feridos muitos foram socorridos, a tempo, para os não deixar morrer.

A função do Estado tornou-se muito mais activa; interveio para defender e organizar interesses ameaçados, tais como os resultantes da limitação da concorrência entre produtores, ou da salvaguarda de bancos e outros estabelecimentos de crédito importantes. A protecção aduaneira tem sido também muito acentuada, para vencer a concorrência estrangeira.

Passando a considerar questões relativas à estrutura do Capitalismo, referiu-se especialmente à do capital-dinheiro, capital-objeto, mão de obra e mercados, mostrando que o problema monetário é dominado pelo problema do ouro e afirmando ser preciso extraí-lo mais ouro. E, sem dúvida, uma situação difícil, em virtude do desenvolvimento do crédito e da influência dos processos aperfeiçoados do pagamento. Em todo o caso, a afluência do ouro a certos países, como os Estados Unidos, deve considerar-se um mal.

Durante os anos que se seguiram à paz, os economistas concentraram a sua atenção nos princípios de estabilização da moeda; para defender a paridade, é preciso, porém, que a situação não seja muito desfavorável, sob o ponto de vista do balanço das contas.

Concluiu, afirmando que se está em presença de um período de transição em matéria de Capitalismo; que há muitas questões a resolver; mas que essas questões não são de ser solucionadas dentro dos princípios que a ciência das Finanças tem estabelecido e que serão examinados numa terceira preleção.

Muito aplaudido e cumprimentado no final, o sr. professor Bento Carqueja que fará a sua 3.ª lição no próximo mês.

\* \* \*

#### O professor Bento Carqueja

(Visto por Telzeira Cabral)

balho doméstico e o trabalho feminino nas oficinas e assimilou o movimento de concentração dos estabelecimentos industriais e comerciais, referindo-se especialmente à concentração bancária, segundo as doutrinas de Bieser.

E certo que a introdução de métodos científicos na direção das empresas produziu a «dehumanização» destas e a sua «condenação».

Tragou um largo quadro das causas económicas, sociais, orgânicas e políticas dos diversos aspectos do capitalismo capitalista, após a Guerra, referindo-se por momentosamente a cada uma destas causas. Já antes da Guerra, o Capitalismo sofria da omnipotência dos «cartéis», o movimento tem-se acentuado. Na Alemanha, a produção sindicou-se nas proporções de 92,3 0/0 na potassa, 94,3 0/0 nas minas em geral, 94,5 0/0 na limítre, 90,1 0/0 na antracite, 86,9 0/0 na electricidade e 65 0/0 na grande metalurgia do ferro.

Isto constituiu o principal fermento da vida capitalista, provocando o chamado «capitalismo tardio».

Analisou a atitude dos chefes de empresas, apontando a opinião de Eicker de que existe um enfraquecimento do desejo de ganho, produzindo tanto na Europa como na América e na Ásia; em todo o caso, a base do Capitalismo permanece a mesma, e sólida; na Alemanha, deixou de haver a era dos directo-

Em O Primeiro de Janeiro Marques Guedes vem publicando A Democracia e a sua crise. É a história política da Europa dos nossos tempos, sintética e clara, numa série de artigos que são notáveis; no Diário de Notícias de 24 António Ferro publica uma entrevista com Manuel Afonso «o democrata violento» e no de 30, no mesmo jornal, Armando Hevenatura com Alexandre Kerensky em Madrid. No dia 17, pelo pena é seu redactor em Bruxelas, Louis Frank, diz numas entrevistas que «A primeira condição para extinguir a crise mundial é restabelecer a ordem nas finanças públicas e o equilíbrio na produção agrícola e industrial».

## b) Política internacional



O JUDEU SERÁ CRUCIFICADO!

(Desenho de Raemeckers, publicado no De Telegrafie de Amsterdam)

O que sobrenadou do mês de abril internacional foi a guerra aos judeus na Alemanha, que deu lugar a muitos assassinatos, perseguições a que o famoso Einstein fosse professor para França, a tanta cousa contra o pensar das gentes de hoje que mais se diria termos voltado ao tempo medieval. O gesto infeliz da Alemanha deu lugar a represálias económicas da Inglaterra, país de liberdades e da América, pais de negócios.

O julgamento dos engenheiros ingleses inculpados pela G. P. U. prendeu muito tempo a atenção do público, mas o perigo foi sabiamente afastado pelos soviéticos com penas mínimas ou absolvições dos incriminados.

Também os Estados Unidos tiveram abandonado o estalo-curo perturbou o mundo que logo se refere do susto. E terem 22 dos Estados que compõem a grande América abandonado no dia 6 a lei seca, foi um grande triunfo de Roosevelt. Se Lessps cortou Suez e teve ideia de coriar o Panamá, Roosevelt abriu as comportas que barravam um Oceano de cerveja que dizem foi o que beberam os Americanos para festejar a morte da lei.

As conversas perimétricas da Conferência Económica a que foram Mac Donald e Herriot também fixaram a atenção

do mundo. Em Avignon abriu a 15 o Congresso Socialista francês sob a presidência de Cluchier, Getúlio Vargas fez as eleições e sofreu um desastre, François Marsal antigo chefe do governo francês está acusado do desfalque de 400.000 libras num trust, a guerra continua na América, na China onde os japoneses progredem,

Sánchez del Cerro, coronel e presidente do Peru, foi assassinado a tiro. Ambições, guerras, crimes, morticínios, perseguições é a ordem do dia. E o terrível ponto final interrogação permanece sem resposta. A temível symbolização da Guerra de Durer ameaça o mundo.

A França puxa para a Paz. A Alemanha quer a guerra. A Itália arma-se e ameaça, por si só, pôr o mundo em movimento. A Áustria quer ser alemã? A colônia pode sustar um choque germanoruss ou russo-germano? Quer a Alemanha num futuro mais ou menos próximo expandir-se para o lado dos soviéticos?

A crise será julgada ou ficará ainda a Europa estrangulada por ela e pela angustia que consigo deflagra e propaga? São enigmas e muitos haveria ainda a pôr, que nos parecem de difícil resolução.

Terá também a Europa a serenidade para resolver esses problemas calma e serenamente, evitando direcionautes e zepelins, gumes, camhões, tanks e baterias? O Futuro o dirá. Nós temos agora a França que elevou ao dobro a taxa aduaneira dos nossos vinhos. Entretanto Pio XI inaugurou solenemente o Ano Santo, lançando a sua bênção ao mundo que não sabemos o que fará para a não morrer.

\* \* \* \*

**CONFERENCIAS**—No dia 6, na Universidade Popular Portuguesa, os ards. Filipe Ferreira e Leitão e Silva sobre Economia política; no dia 7, na Universidade Popular Portuguesa, o sr. dr. Marques Guedes, a 8ª conferência da serie Grandes figuras modernas contemporâneas, disertando sobre Wilson, a paz precária de Versalhes, os 14 pontos, problemas criados pelo tratado, a S. D. N., e o reconhecimento pela figura do idealista que traçou



O JUDEU NA CRUZ

(Desenho de Raemeckers, produzido na República de Lisboa)

o esquema, não compreendido, da Paz; no dia 9, no Porto, o militante operário e jornalista sr. Joaquim Silva, sobre a Despensa operária à Confederação Internacional do Trabalho, em Genebra.

**NECROLOGIA**—No dia 17 faleceu na Baía o dr. Vital Soares, vice-presidente eleito do Brasil em 1930.

—No dia 1 em Jamnagar o maharaja Jam Sahib de Nawaragar e em Londres Lord Chelmsford, vice-rei da Índia de 1916 a 1922; no dia 19 o escritor e político espanhol Marqués de Villa Urtua, em Madrid; em 24 o Barão von Schoen que foi embaixador alemão em Paris a quando da declaração de guerra.

**BIBLIOGRAFIA**—Política internacional—Henrique Baptista—A Rússia Bolchevista.

Economia política—A. Filomeno Lourenço—Princípios de Economia política; Alvaro Reis Gomes—Jornalismo.

**LIVROS FRANCESES**—Corteano—L'Évolution de l'Etat, (Estudo das leis psicológicas da vida social e económica), 20 francos; Maurice Druon—Les problèmes économiques modernes et la technocratie, 12 francos; Jeanne Haes—Le Travail, 2v francos.

**Trotabas**—La Responsabilité de l'Etat en Droit international, 2,50 francs—Qu'est ce que le régime parlementaire, 6 francs; Francisco Nitti—La Democracia, 2 vol.; 75 francs; Etienne Fournier—Manuel de Politique Française, 12 francs; Druon—Le Cadastre et l'impôt foncier, 40 francs; Berdineff—Problème du Communisme, 10 francs.

## A ARTE NA ALEMANHA HITLERIANA



A pintura.



A música.



A dança.



A poesia.

(De Cole. Koso, de Praga rep. no Ls de 50)

## c) Economia nacional: A vida do Estado

### a) Política interna. Governo e administração pública e civil. Funcionalismo

O mês político foi sem dúvida um dos mais importantes da vida do Estado. Votou-se a Constituição, promulgaram-se importantes decretos, fizeram-se discursos contendo afirmações pêremptórias de orientação política. O primeiro navio da nossa moderna esquadra entrou no Tejo entre aclamações festivas, re-

gressa ouro aos cofres do Banco de Portugal e respondeu dignamente à elevação de direitos que a França entendeu por bem fazer aos nossos vinhos. Estado coordenadas, por coesão perfeita, as directrizes da política encetada com a Ditadura entrada agora em regime constitucional.

### A Constituição

As fases e alterações no regime constitucional português podem concretizar-se assim:

*Primeira Constituição* — Votada em Cortes em 22 de setembro de 1822 (após a revolução de 20). Durou nessa fase até 31 de maio de 1823. Depois, absolutismo.

*Segunda Constituição ou Carta Constitucional* — Doada por D. Pedro IV, em 29 de abril de 1826. Durou até 6 de maio de 1828. (D. Miguel). Foi a Carta restabelecida em 24 de julho de 1833 pelo entrada das tropas liberais em Lisboa. Durou cerca de ano e meio.

*Terceira Constituição de 26* (a votada em 1822) foi novamente posta em vigor em 10 de setembro de 1833, foi suspensa praticamente e recomeçou em pleno exercício em 1838.

*Quarta Constituição ou Carta Constitucional* — Foi notadamente lei em 9 de fevereiro de 1842.

*Acto adicional (Saldanha)* — Julho de 1852, modificou um pouco a Carta.

*Modificação da Carta Constitucional* — 24 de julho de 1855, (ministro Fontes).

*Carta Constitucional* — 3 de abril de 1896 restaurou-se conforme a doação de D. Pedro IV. A Carta Constitucional, com a interpretação prática da ditadura franquista, durou até a proclamação da República.

*Primeira Constituição da República* — 18 de agosto de 1911, votada em Camaras Constituintes. Com suspensões práticas de exercício por motivo do golpe de Pimenta de Castro (23 de janeiro de 1915), e depois pela revolução de Sidónio Pais (8 de dezembro de 1917) foi suspensa definitivamente em 28 de maio de 1926 pela proclamação da Ditadura.

*Nova Constituição da República (aprovada em plebiscito)* — 12 de abril de 1933.

(Do «Diário de Lisboa» de 11 de abril).

★ ★ ★

No dia 9 reuniu no Ministério do Interior a Comissão encarregada do apuramento dos resultados do plebiscito, e que constam da seguinte acta publicada no Diário do Governo:

«Aos nove dias do mês de Abril de

1933, na Sala do Conselho de Ministros do Ministério do Interior, teve a sua reunião final a assembleia geral de apuramento dos resultados do plebiscito nacional de 19 de Março de 1933, sobre a Constituição Política da República Portuguesa, assembleia que é constituída nos termos do artigo 16.º e único do decreto-lei n.º 22.229, de 21 de Fevereiro de 1933, pelo conselheiro presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Eduardo Augusto de Sousa Monteiro, como presidente; pelo procurador geral da República, Francisco Henrique Góis; e director geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior, José Martinho Simões, como secretários; pelo desembargador do Tribunal da Relação de Lisboa, Alfredo Aníbal de Moraes Campliño; e ajudante do procurador da República junto da mesma Relação, António Nunes Ribeiro, como escrutinadores.

«Estando todos presentes, passaram a examinar os documentos relativos ao plebiscito, verificando haver actas e comunicações telegráficas relativas a todo o continente e ilhas adjacentes e às colônias de S. Tomé e Índia, nenhuma comunicação havendo relativamente às colônias de Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique, Macau e Timor.

«Em seguida, verificou, pelas actas e comunicações, não haver reclamações, constatando, no entanto, divergências em algumas actas que a assembleia, constituída em comissão, resolveu no acordão preparatório do apuramento geral que vai apenso a esta acta e deixa fazendo parte integrante para todos os efeitos legais.

«Em seguida, procedeu-se à contagem geral, obtendo-se os resultados seguintes:

1.º — Número de eleitores inscritos em todo o continente, ilhas adjacentes e colônias, um milhão trezentos e trinta e cinco mil duzentos e cinquenta e oito;

2.º — Número de votos que aprovaram o projeto de Constituição política da República Portuguesa, um milhão, duzentos e noventa e dois mil, setecentos e sessenta e quatro.

3.º — Número de votos que reprovaram o mesmo projeto, seis mil cento e noventa;

4.º — Número de votos nulos, seiscentos e sessenta e seis;

5.º — Número de eleitores que não intervieram no plebiscito ou relativamente aos quais faltam comunicações, trinta mil quinhentos e trinta e oito.

«Em face dos números obtidos e de harmonia com o artigo 4.º do citado

decreto-lei n.º 22.229, a Assembleia General de Apuramento deu a Constituição Política da República Portuguesa como aprovada por um milhão duzentos e noventa e dois mil oitocentos e sessenta e quatro, contra seis mil cento e noventa, em um número total de eleitores inscritos no referimento político de 1933, de um milhão trezentos e trinta mil duzentos e cinquenta e oito.

«Devendo entrar em vigor no dia em que for publicada no «Diário do Governo» esta acta que depois de devidamente assinada e rubricada será arquivada na secretaria do Supremo Tribunal de Justiça, deixa de extrair duas cópias também devidamente assinadas e rubricadas, das quais uma será enviada à direcção geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior e outra à secretaria do Congresso da República para ali ficarem arquivadas e mais uma cópia devidamente assinada, para ser publicada na imprensa, na primeira série do «Diário do Governo».

«E nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos da Assembleia Geral de apuramento dos resultados do plebiscito nacional de 19 de Março de 1933, sobre a Constituição Política da República Portuguesa.

«Sala do Conselho de Ministros do Ministério do Interior, em 9 de Abril de 1933. — (Seguem-se as assinaturas).

★ ★ ★

Votada a constituição, e entrado num regime constitucional o sr. dr. Oliveira Salazar reuniu o último conselho no dia 11, tendo ido nesse mesmo dia apresentar a demissão do seu ministério sendo imediatamente encarregado de formar o novo gabinete. Este ficou constituído: Presidente do Conselho e Ministro das Finanças dr. Oliveira Salazar; Ministro do Interior, dr. Albino dos Reis; Ministro da Justiça e dos Cultos, dr. Manuel Rodrigues; Ministro da Guerra, Major Luiz Alberto de Oliveira; Ministro da Marinha, comandante Mesquita Guimarães; Ministro dos Estrangeiros, dr. Caeiro da Mata, Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Engenheiro Duarte Pacheco; Ministro das Colônias, dr. Armando Monteiro; Ministro da Instrução Pública, dr. Gustavo Cordeiro Ramalho; Ministro da Agricultura, Comércio e Indústria, Engenheiro Sebastião Ramires. Sub-secretários: Das Finanças: dr. Aguedo de Oli-

veira; *Da Agricultura*: Agronomo Levegliido de Sousa; *Das Corporações e Presidência*: dr. Teotonio Pereira. A posse teve lugar no Palácio de Belém. Do Ministério anterior saíram o general Daniel de Sousa e dr. Cesar Mendes respectivamente Ministros da Guerra e dos Negócios Estrangeiros. São novos Ministros o dr. Caetano da Mata, reitor e professor de Direito da Universidade de Lisboa, autor de varios tratados da especialidade, socio efectivo da Academia das Ciencias, director do Banco de Portugal, Presidente do Conselho Superior de Instrução Pública etc.

O major Luís Alberto de Oliveira era o comandante do batalhão de caçadores 5. Esteve em África e no C. E. P., possui varias medalhas entre elas a cruz de guerra.

O lugar de sub-secretário de Estado das Corporações e Previdência Social foi criado por decreto que saiu no dia 11. Ficam sob a sua superintendência «o Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios e de Previdência Social e todos os assuntos que respeitem a corporações e outras instituições de trabalho».

O dr. Oliveira Salazar, chefe do novo governo, completou no dia 28 5 anos de governo. Comemorando o facto o *Jornal do Comércio e das Colónias* de 18 publicava um artigo onde ha dados curiosos e onde por onde se vê que o sr. dr. Oliveira Salazar é, nos ultimos cem anos, o estadista que mais tempo tem detido, ininterruptamente, a pasta das Finanças, como se verifica do seguinte quadro onde se apontam os titulares daquela pasta que mais tempo deliveram o Poder, considerando o limite minimo de dois anos:

Duque de Avila (1857-59) 2 anos.  
Dr. Afonso Costa (1915-17) 2 anos e 8 dias.

Fontes P. de Melo (1863-68) 2 anos e 4 meses.

Hinze Ribeiro (1883-88) 2 anos e 4 meses.

Silva Carvalho (1832-35) 2 anos e 5 meses.

Conde de Valbom (1862-65) 3 anos.

M. de Carvalho (1886-89) 3 anos.

Hinze Ribeiro (1893-97) 3 anos e 1 mês.

Barão do Tojal (1842-46) 4 anos e 3 meses.

Antonio de Serpa (1872-77) 4 anos e 4 meses.

Fontes (1851-56) 4 anos e 9 meses.

Dr. Oliveira Salazar (1928-33) 5 anos.

Devemos observar que Fontes Pereira de Melo somou, das quatro vezes que foi ministro, 9 anos e 11 meses de exercicio e o Duque de Avila, nas seis vezes, 6 anos e 7 meses.

Os cinco anos de gerencia do

sr. dr. Oliveira Salazar correspondem ao Governo sem solução de continuidade.

Já agora, e para que se verifique um contraste frisante e elucidativo, acentuemos que, em igual período de tempo, e em regime parlamentar, 1920-24 se verificaram 23 gerencias e 19 ministros cujos nomes damos a seguir, mencionando o tempo que alguns deles se mantiveram na gerencia da mesma pasta:

1920:

Antonio Maria da Silva (18 dias).  
Antonio da Fonseca (46 dias).

Francisco Pina Lopes (109 dias).  
Antonio Maria da Silva—2.\* vez (21 dias).

Inocencio Camacho (56 dias).

Antonio Granjo (64 dias).

Cunha Leal (93 dias).

1921:

Liberato Pinto (8 dias).  
Antonio Maria da Silva (82 dias).

Tomé de Barros Queiroz (96 dias).

Antonio Vicente Ferreira (50 dias).

Francisco Antonio Correia (16 dias).

1922:

Francisco Peres Trancoso (41 dias).

Vitorino Guimarães (51 dias).

1923:

Velhinho Correia.  
Queluz Vaz Guedes (21 dias).

Cunha Leal (33 dias).

Alvaro de Castro.

1924:

Eduardo Lima Bastos (20 dias).

Vitorino Guimarães (entrou o ano de 1923).

1925:

Velhinho Correia.

Queluz Vaz Guedes (21 dias).

Cunha Leal (33 dias).

Alvaro de Castro.

1926:

Daniel Rodrigues.

Manuel Gregorio Pestana Júnior.

\* \* \*

Na Sala do Conselho do Ministério



A Paz—Impossível de achar: fechadura francesa

Italia—Mas possível de forçar. Martelo italiano

'Do 11 420, de Florença)

do Interior reuniu-se em 11 do corrente, pelas 12 horas, o Conselho de Ministros para apreciar a situação política criada pela entrada em vigor da Nova Constituição da Republica e para se pronunciar sobre alguns decretos destinados à execução do Novo Diploma Constitucional.

O senhor Presidente do Ministério salientou a transcendente importância política da entrada em vigor da Constituição e o alto significado que teve o plebiscito que a aprovou, pelas condições de ordem e legalidade em que decorreu e pela grande percentagem de votos expressos a seu favor e declarou que com tal facto entendia ter o Governo terminado a sua missão política, devendo por isso apresentar a sua Ex.\* o senhor Presidente da República a sua demissão.

O Conselho, por unanimidade perfibrou o modo de ver do senhor Presidente do Ministério, ficando resolvido que o senhor dr. Oliveira Salazar apresentasse a Sua Ex.\* o Presidente da República a demissão do Governo.

O Conselho aprovou os importantes diplomas relativos a:

- 1.\* Acto colonial;
- 2.\* Organização do Conselho do Estado;
- 3.\* Direito de reunião;
- 4.\* Censura;
- 5.\* Prazos de vigência das leis e novas fórmulas oficiais;
- 6.\* Casa Militar de Sua Ex.\* o senhor Presidente da República.

\* \* \*

No jornal Republica do dia 12 arquivou-se uma entrevista com o escritor Bourbon e Meneses sobre a sua irradiação do Partido Socialista; no Diário da Manhã de 20, António Ferro declarava que Se um Estado Novo era um pleno géril de renascimento não poderia esquecer que para renascer a mentalidade de um povo é necessário, fundamentalmente, renovar-lhe a sensibilidade; o Diário de Lisboa de 14 publica um artigo Na cinco anos. O mandado presidencial do sr. general Carmona terminaria amanhã, e a Constituição não a tivesse prorrogado.

**NECROLOGIA**—No dia 2 faleceu em Angra do Heroísmo o capitão Domingos Borges, governador civil; no dia 18, em Lisboa, o conselheiro Domingos Euzebio da Fonseca, director geral aposentado e antigo deputado.

No dia 17 devia efectuar-se a trasladação dos restos mortais do antigo ministro do trabalho Augusto Dias de Silva. Não se efectuou por ainda estar incorrupto.

—A duquesa do Porto sr. D. Nevada de Bragança esteve no dia 2 em Lisboa onde chegou a bordo do Vulcano a visitar os restos mortais de seu marido o Infante D. Afonso. Seguiu viagem para Cannes.

—No dia 21 passou o 42º aniversario da morte de Elias Garcia. Agostinho Forjaz evoca a figura do velho republicano no Diário de Lisboa de 21 e num artigo de fundo do Diário de Notícias da mesmo dia. No dia 7 passou o 12º aniversario do falecimento de Alexandre Braga.

b) Economia e finanças.—c) A acção social.—d) Previdencia social.

## BOLSA E CAMBIOS

O mês de Abril pouco tem que contar no campo da actividade bolsista. Foi um mês fraco, fraquíssimo mesmo em transacções sobre papéis de crédito.

Exceptão feita dos fundos do Estado e de dois ou três papéis particulares chamados de especulação, o público desinteressa-se da bolsa. A crise económica e os exemplos provados de má administração tornaram o pequeno capitalista cético e medroso. Nas actuais circunstâncias, a instituição oficial dum afeiçado fiscalização do anonimato poderia talvez fazer voltar a confiança e concorrer grandemente para diminuir a apatia nos negócios desta natureza.

Na categoria dos fundos do Estado houve de notável a subida de 6% O Consolidação, em que houve maior numero de transacções e contratos de maior vulto. Os Externos e o Rácio caíram levemente. Os Portos e as Inscrições mantiveram-se. Mas quasi todos apresentavam tendência fraca ao terminar o mês.

Nas transacções sobre ações bancárias o público deu preferência ao papel do Banco de Portugal, que caiu ao princípio mas voltou novamente a firmar-se. O Comercial e o Lisboa & Açores mantiveram-se e o Ultramarino caiu ligeiramente.

Nas categorias de algodões, caminhos de ferro, seguros e coloniais o movimento foi insignificante e as cotações mantiveram-se em regra sem interesse.

Foi na categoria das Companhias Diversas que se notou alguma animação sobre papéis não estatais. Esta animação foi, em todo o caso, fraquíssima se atendermos a que das 44 espécies dessa categoria apenas se efectuaram operações sobre 18 e dentre estas algumas foram cotadas apenas uma, duas ou três vezes.

Merce especial referência o Gás e Electricidade, que teve uma alta apreciável e grande numero de transacções. Vem depois a Portuguesa de Tabacos, que também subiu, a Portugal e Colonias, que se manteve, as Aguas de Lisboa com ligeira alta e os Cimentos de Leiria com uma alta notabilíssima, que tombou no ultimo dia do mês.

Isto quanto a ações.

Quanto a obrigações, citaremos as transacções sobre Benguelas, que tiveram uma queda formidável devido aos boatos correntes sobre a sua proxima conversão em ações da Tanganyika. Porém no ultimo dia do mês recuperaram o valor do primeiro dia. Todas as restantes se mantiveram ou manifestaram ligeiras subidas.

Os fundos brasileiros tiveram fraca procura e calaram todos levemente. Como de costume, houve preferência pelo Porto-Rio e pelo Funding de 1914. Tam-

bém se cotaram os 5 0/0 de 1895 e 1913, mas o numero de transacções foi insignificante.

Sobre cambios, passou-se no mês de Abril um facto da maxima transcendência, que veio lançar maior confusão e desordem no campo, já tão confuso e desordenado, das cotações monetárias internacionais. Foi o facto dos Estados Unidos anunciarem o abandono do estalão ouro ou, o que tanto importa, o recesso a inflação.

Este ano de 1933, que um especialista estrangeiro ousou já classificar de «ano da inflação», pode, de facto trazer-nos grandes surpresas monetárias, caso a tão reclamada Conferência Económica Internacional nada consiga fazer sobre o assunto. Efectivamente, continuando a crescer as barreiras aduaneiras, as restrições sobre divisas e os déficits orçamentais, mal se compreende por que meios se hão-de livrar os governos dos grandes Estados do flagelo inflacionista que os ameaça.

Felizmente que Portugal disfruta, sob este ponto de vista, uma situação privilegiadíssima, que lhe resulta do equilíbrio do seu orçamento e da tendência, cada vez mais acentuada, para o equilíbrio da sua balança de pagamentos internacionais.

Mas vamos ao que mais importa.

Ao principiar o mês de Abril, o dolar, que tinha saído mal ferido do interregno ou feriado bancário norte-americano de março, chegou a mostrar uma certa firmeza, em que, no fundo, ninguém acreditou. E lá foi singrando entre pequenas altas e baixas até que, a partir do dia 18, com as notícias inflacionistas vindas de Nova York, se deu a queda quasi vertical que alarmou os mercados de todo o Mundo.

Com o dolar caíram as moedas de quasi todos os países e até o próprio franco caiu também.

Mantiveram-se apenas a libra e as moedas que a acompanham, como sucede com o nosso escudo.

Depois, a partir do dia 22, em consequência das conversações internacionais de Nova York, o dolar reagiu um pouco e o franco francês voltou facilmente ao ponto de partida em virtude das declarações exemplificadas feitas em Paris de que a França não abandonaria o padrão ouro.

Como nota final poderemos dizer que ao findar o mês de Abril havia muito quem acreditava na alta do franco, pouquissimos que acreditavam na estabilidade do dolar e que a todos os espíritos parecia ter voltado a ideia de que a libra, não sendo a mais forte, é, contudo, a moeda mais equilibrada do Mundo.

JOÃO MARQUES PEREIRA

### Ouro português

Pelo vapor *Vulcânia* chegaram no dia 1 da America do Norte, em 14 barcas, 66 barras de ouro com o peso de quasi 1 tonelada e no valor de 601.000 dólares. Foi adquirido antes da moratoria bancária e o embarque à saída de ouro dos E. Unidos, e escoado por praças da G. N. H. deu entrada nos cofres do Banco. No dia 5 chegaram também no *Highland Chieftain* 200 barras de ouro sinc com o peso de 12.500 kg, cada que foi para Inglaterra em 13 de março, para refinar.

No dia 11 regressaram a Lisboa no *Almenara*, vindos de Inglaterra, 143 barras de ouro fino com o peso de 12,5

cada e o peso total de 1.800 kg. Fazem parte da remessa de 13 de Março, que se acha toda já nos cofres do Banco de Portugal.

**BIBLIOGRAFIA**—Dr. António de Oliveira Salazar—*Conceitos económicos e societas da nova constituição (Separatas dos Cadernos corporativos)*; Serafim Martins—*Salarismo—I Pedras de constituição*.

O *Bulletin mensuel de Statistique* da Sociedade das Nações apresenta melhoramento nos números de Janeiro para cd. Interessa a todos pelas notícias sobre o mundo inteiro.

### Mutualismo

No dia 3 esteve no Ministério

das Finanças uma comissão para entregar ao sr. dr. Oliveira Salazar as conclusões a que chegou a «Semana do Mutualismo», da iniciativa do jornal *O Século*. São as seguintes:

“1.º — Obrigatoriedade da inscrição nas associações de socorros mutuos, fixando-se que os estabelecimentos, seja qual for a sua índole, e desde que mantenham um certo número de empregados, não os admitem sem que se faça prova da sua inscrição na mutualidade.

2.º — Isenção de todos os impostos e contribuições, num sentido efectivo, de harmonia com o que preceitua o artigo 19.º do decreto n.º 19.281, de 29 de

Janeiro de 1931, o que se tornará extensivo à cobrança de 5 por cento no imposto de sucesso e doação, como se especifica na alínea d) do I 3º do artigo 2º do decreto n.º 19.403, de 15 de Novembro de 1930.

4.—Desenvolvimento intenso das mutualidades escolares, dando-lhes o máximo de atribuições e generalizadas proficiente mente.

4.—Reorganização dos tribunais mutualistas, fazendo com que a sua ação seja o mais possível eficaz, justa e benéfica.

5.—Fiscalização constante e promulgação de medidas atinentes à manutenção de higiene dos locais de trabalho, obedecendo o alojamento urbano às mais modernas leis de higiene, o que virá atenuar os encargos dos cofres associativos, não só na ação particular, como dentro da órbita do Estado.

O sr. dr. Aguedo de Oliveira, que a receber, prometeu transmitir ao sr. Ministro o desejo das Associações de Socorros Mutuos.

### e) Pedagogia e educação. — f) Higiene e Sanidade.

No Diário da Manhã de 28, saiu a tradução um artigo de M. A. Thibaudet publicado no Jornal de Genebra sobre a Universidade de Coimbra.

— O n.º 21, de 5 de Abril, da Escola Primária, é quase todo consagrado à Reforma dos serviços administrativos de Instrução Primária, decreto n.º 22.309, que publica na íntegra. O n.º 22 traz um artigo de críticas e comentários às conferências pedagógicas ultimamente realizadas.

— No dia 2 foram distribuídas as primeiras 62 bengalas brancas aos cegos, no Atélio Antonio Feliciano de Castilho. Foi uma cerimónia enternecedora. A bengala branca é obrigatória para os cegos. A primeira bengala distribuída pertence a João da Silva, cego por acidente de trabalho, que se apresentou a receber-a acompanhado de seu neto.

BIBLIOGRAFIA—Hippolyte Duoc—*Qual é o mundo da Escola Única?*; Mário de Oliveira—*A Escola Única*.

Belfon—*La Mémoire*, (Estudo psicológico), 4 fra; Jagot—*Psychologie de l'Amour, l'Instinct, la sensibilité, l'Imagination*, 12 francos.

CONFERENCIAS—No dia 1, na sede da Construção Civil de Palma, o sr. Mario Portocarrero Casimiro, sobre Instrução e educação popular. Tratou do ensino primário nos países escandinavos, na Bélgica, e na Inglaterra, da instrução e educação popular na Rússia, e da obra da Universidade Livre; na festa de despedida dos alunos do 7.º ano do Liceu de Camões, pelo aluno Marques Matisa, sobre Ritmos românticos; no Salão do Seculo, o prof. Sousa Carvalho, sobre A execução do orçamento e a sua importância pedagógico-social. Tratou dos defeitos da voz e da palavra na antiguidade clássica, falou dos tratamentos médico-cirúrgicos, lembrou o nome do dr. A. A. da Costa Ferreira e das tentativas feitas a favor da causa, dá o resumo de tudo o feito e termina com

## LOTARIAS

### OS MAiores PREMIOS DO MÊS

Dia	600 contos	60 contos	10 contos
1	1808	5802	9147
8	5472	8338	4688
15	3493	7718	3270
22	5333	9023	5516
29	6753	8497	8393

uma prolongada salva de palmas. Projectou-se um filme; no dia 4, no Sport Club do Porto, Porto, o dr. Leonardo Coimbra, sobre *Valor e significado da cultura*, e no dia 5, no mesmo club, o dr. Simões da Costa, sobre *O problema da origem das terras*.

NEUROLOGIA—No dia 8 faleceu no Porto o engenheiro sr. Manso Calado, professor da Escola Industrial Paria Guimaraes, vítima de uma queda da escada onde se encontrava uma máquina de projecção. A morte foi devida a fratura de crânio. Fora combatente da Grande Guerra como tenente de Artilharia Pesada, tomara parte no dia 9 de abril, contava 41 anos e era casado. Na dia 27 de um desastre de camionete o engenheiro Juízo Vieira da Silva Pinto, antigo professor do Instituto Superior Técnico de Lisboa. Em Lausanne faleceu o dr. Julio Picard, catedrático da Universidade de Basileia que durante 40 anos regou a cadeira de Química. Era pai do sabio Augusto Picard.

### g) Ciencias militares. A guerra e a ciencia da guerra.

## A guerra e a arte da guerra

### Vem aí a guerra

Dia por dia, os telegramas, vindos de todos os recantos do mundo lembram-nos essas nuvens que pouco a pouco, enegrecem a atmosfera, trocando o azul limpidos festivos dias de sol pelo ambiente pesado, asfixiante, que precede o desfaçal das tormentas... Vem aí a guerra? Esta interrogação, impressa em jornais e publicações dos mais diversos países, criou uma depressão colectiva que muito recorda os grandes medos da Idade-Média—instintivos panícios sem causa, provindos de misteriosas reacções psíquicas: dc povo que, nas trevas, via fantasmas temerários e, nos deuses das catas... juizes inexoráveis.

### Vem aí a guerra?

Os negócios decorrem incertamente, a actividade económica estagnou-se e a suprema incerteza de uma Humanidade sem horizontes esclarecidos nem rumo certo não é a menor das causas deste desentrelaçamento da cadeia do trabalho, anel por anel ligada, jundida fortificada pelo

suo, pela tenacidade, pelo desejo de bem fazer das gerações passadas, as quais viveram num mundo de certezas e de verdades em cuja imutabilidade acreditavam.

Uma vez mais:—Vem aí a guerra?

Lloyd George, político veterano, arguto adiuvado do xadrez internacional, declarou em Sheffield, durante a trigésima reunião anual do conselho nacional das igrejas livres evangélicas, «que todas as nações, presentemente, marcham para o campo de batalha». Em que confiamos?

— A situação é muito grave, sendo inutil quanto se faça para o dissimular. Os acontecimentos dos derradeiros meses representam sérios «eventos no caminho do desarmamento». Este é o significado da guerra sino-japonesa e o do que se passa na Alemanha. Não devemos condenar na orientação da guerra e na preparação da paz. Permitam-me, pois, que diga algumas palavras acerca do tratado de Versailles. Nele incluiu cláusulas relativas ao desarmamento dos alemães e quebramos as suas es-

pingardas, destruímos aos milhares as suas metralhadoras. Depois de despojarmos a Alemanha dos seus armamentos dissemos-lhe:—nós desarmaremos uma vez feito o vosso desarmamento... Nenhum dos países que assinou este compromisso o executou. A Alemanha mostrou-se paciente. Tudo que o tratado exigia foi por ela executado na sua letra e no seu espírito até ao dia em que aqueles que o impuseram foram os próprios que o violaram.

As palavras de Lloyd George são exactas, em grande parte. Noutra discussão. Mas o que nelas há de aterradoramente verdadeiro é que «as nações, presentemente, marcham para o campo de batalha». Em que confiamos? Uma só esperança resta:—a fadiga daqueles que viveram a guerra de 1914 e conhecem a sua dolorosa realidade. Mas já outrora gerações marcham atrás dos veteranos da grande conflagração e, romântizando com a sua juvenil fantasia à guerra sem grandeza nem nobreza das lobregas trincheiras, recairão na eterna contradição

humana;—glorificar a vida atra-  
vés da Morte.

Cit. Amédée Tost—*L'Italie dans la Guerre mondiale (1915-1918)*, 32 fra.; Bruce Lockhart—*Mémoires d'un agent britannique en Russie (1912-1928)*, 25 fra.; Maxime—*Histoire du déterminisme, 50 francos.*

### Marinha de Guerra Portuguesa

No dia 1 entrou a barra o aviso «Gonçalo Velho» que desde o dia antecedente se encontrava fundeado em Cascais.

As toldas do navio, na vespera transformadas em paloas de munições estavam já desen-  
pachadas por os explosivos vindos de Inglaterra para o minis-  
terio da Marinha terem sido já transferidos para o Arsenal. Mar-  
picado e ventania furiosa o que fez com que a flotilha de escolta não pudesse passar além da barra onde aguardou que o navio chegas-  
se. Este aprofundou a barra em breve entrou no meio de indis-  
critível entusiasmo. Centenas de barquinhos o rodeavam e as margens do Tejo tinham inúmeras pessoas contemplando o cortejo. Palmas, vivas, foguetes e mor-  
teiros o ruído dos apitos e sirenes e às 15 e 45 o navio fundeava em frente do Terreiro do Paço, depois de ter salvado à fragata «D. Fernando», onde se arvorava o pavilhão do comandante das forças navais. Foi em seguida o «Gonçalo Velho» visitado pelo ministerio, todos os ministros com exceção das Colônias que estava de deserto. Com o ministerio seguiam variadas personalidades em destaque. Na camara do comandante foi servi-  
do um «Porto de Honra» falando o sr. ministro da Marinha que historia o estado em que a Marinha se encontrava e as medidas tomadas para o debelar, descer-  
rando em seguida o retrato do sr. dr. Oliveira Salazar que pronunciou o seguinte discurso:

Dois sentimentos contrários me domíniam neste momento: é preciso que tenhamos decido muito baixo, para que seja um acontecimento nacional a chegada dum pequeno navio para a marinha portuguesa; é preciso que vá já muito alto no seu caminho assocional a reorganização do país, para que este haja saído da sua indiferença, do seu triste conformismo com todos os aviltamentos e venha saudar tão entusiasmaticamente a reorganização da sua gloriosa marinha de guerra. Eu não tenho, porém hoje, senão um de-  
ver—alegrar-me com todos os que se alegram, apesar de não ser susceptível de entusiasmo exuberante, por temperamento e pela convicção de que as coisas não acontecem por acaso, mas porque se preparam e porque se merecem.

E é este o caso. Comegaram chegando ao Tejo ou vão sendo construídos nestes barcos da nova esquadra: é a re-  
alização do que muitos julgavam um

somno e tantos uma impossibilidade. Eu sou testemunha da longa luta do Ministerio da Marinha com esse es-  
tado de espírito de descrença, de des-  
confiança, de hipocrisia doméstico, que ainda vem dos velhos tempos, que tudo arreda, que tudo destrói e que ainda nada consegue construir. O povo não, esse resumiu a chama da sua fé patriótica e esperou, esperou através dos sacrificios, das restrições impostas, das contrariedades da crise, do feroz egoísmo internacional, que o plano da sua reconstrução fosse sendo executado. E quando tudo estava preparado, ele o foi nessa parte.

Este pequeno barco entra nas águas portuguesas pago, antecipadamente pa-  
go, integralmente pago, com dinheiro todo de português, a Armada começo a removê-lo nos mesmos anos em que o país colheu todo o pão para comer. Os políticos do acaso encontrando nisto uma simples coincidência; mas eu afirmo que está ali a base fundamental e a razão deste custoso empreendimen-  
to. Nós não teríamos pago para pagamen-  
to imediato da nova esquadra se pelas campinas não houvessem loura-  
jado, abundantes, as socalcas. Para que pudesseem suilar os maiores navios portugueses, foi preciso que a charrua sulasse mais extensamente e melhor a terra da Pátria, poupano à nação lar-  
gas somas do seu duro.

Faria que estaria fadado este pequeno barco? Para a guerra? Para a paz? Nós queremos firmemente que não seja para a guerra, nós queremos firmemente que seja para a paz, mas seja qual for o seu destino, o que queremos é que abrigue sempre português, testemunhe sempre o valor dos nossos marinheiros, afirme sempre o heroísmo da raça portuguesa e a glória impoluta da nossa Pátria. Embaixador de Portugal por todos os mares, nós queremos que ele seja sempre a afirmação clara da nossa herança passada e do nosso presente, a expressão mais alta dos mesmos princípios que tornaram possível e o fizeram surgir—a paz interna, a ordem pública, a compreensão do interesse nacional, a unidade da Pátria, a seriedade da administração, os sacrifícios de todos em prol do bem comum.

Sob a bandeira de Portugal, vai o pequeno barco cruzar os mares distantes, visitar os longínquos países, os portugueses espalhados por todas as partes do mundo. Não há, senhores oficiais e valentes marinheiros, que esconder a face, mas que erguer altivamente o rosto: é uma Pátria renascida que vós representais, cercada do prestígio que lhes grangeram o seu esforço próprio e os seus processos de governo. E já me não custa agora a mim falar na alta estirpe dos marinheiros portugueses porque sinto fortes os vocais ombros para levar a sua pesada herança.

Senhor Ministro: Cumprimento em V. Ex. a Marinha de Guerra, e permiti-me saudar no comandante deste barco essa futura esquadra portuguesa,—uma esquadra nova que seja uma nova esquadra.

O navio atracou à estação do Sul e Sueste e durante alguns dias foi visitado pelo público. Por motivo da chegada do Gonçalo Velho, o sr. almirante Magalhães Corrêa, foi muito cumprimentado. Em Évora realizou-se uma sessão de regozijo.

O «GONÇALO VELHO»—S suas carac-  
terísticas:

Deslocamento, 1.800 toneladas. Velocidade máxima, 16 milhas por hora. Velocidade económica, 10 milhas por hora. Armação, 2 peças de 120 milímetros, uma a vento outra à ré; 3 peças anti-aéreas de 76 milímetros, uma a vento, outra à ré; 2 metralhadoras pesadas de 40 milímetros; 2 lança-mís-  
séis; 24 minas a ré; 2 proyectores. Foi construído em Inglaterra.

ALEMANHA: No dia 1 foi lan-  
çado à água o cruzador *Almirante Scheer*, vencedor da batalha da Jutlandia, que fora construído com o nome de cruzador B. em Wilhelmshaven. Melle Bloomberg quebrou a tradicional garrafa de champagne e von Papen e o mi-  
nistério da Marinha von Bloomberg pronunciaram alocuções entusiastas. Foi também posto ao ser-  
viço o cruzador A *«Deutschland»*. No lançamento do primeiro o al-  
mirante Raeder disse:

«Este novo cruzador foi cons-  
truído dentro das restrições im-  
postas pelo tratado de Versailles, que continua a pesar sobre a Ale-  
manha e sobre o seu pacífico po-  
vo. Referindo-se às reivindicações do Reich, declarou: «Quere-  
mos, unicamente, dar às nossas fronteiras territoriais e marítimas a mesma segurança que qual-  
quer nação pacífica reclama para si, como um direito evidente. Terminou:

«Foi o amor ao nosso glorioso passado que fez que a nossa orgulhosa frota, junto de Scapa Flow, preferisse a morte voluntária à rendição sem glória, e que deu à marinha do Reich a necessária energia para que a Alemanha de novo goze de prestígio nacional.»

—A revista francesa *Les Annales*, de 7 de Abril, publica um curioso artigo, profusamente ilustrado *Les marchands de canons ont-ils besoin de la guerre?* É um inquérito feito por Paul Allard, magnificamente documentado.

—Também *Science et Civilisation*, de 13 de Junho, publica *La vérité sur les armements allemands*. Todo o numero, muito ilustrado de gravuras, mapas e graficos, trata apenas desse assunto.

### 9 de Abril

9 DE ABRIL — Realizou-se a comemoração costumeira. A Liga dos Combatentes da Grande Guerra efectuou a venda do espaço. O Seculo publicou uma aguado forte do pintor Sousa Lopes e o *Diário de Notícias* um trabalho de Varela Aldeimira. A Sociedade de Propaganda de Portu-

gal realizou uma romagem à Batalha, para colocar no Museu das Oferecidas uma placa de bronze dourado com um soneto de D. Alberto Brâncio, consagrado ao Soldado Desconhecido.

#### SOLDADO DESCONHECIDO

Desconhecido! Não. Eu conheci-o  
E toda a gente o conheceu também...  
Era aquele rapaz, cheia de brio,  
Que abandonou a noite e o dia e a noite,  
E foi, tímido ao sol, curioso ao frio.  
Em nobre ardor, por esse mundo afora,  
A defender a Pátria, onde floriu  
O encanto ideal que a juventude tem.  
Batalhou e venceu, glorioso e forte!  
Morto?... Que importa, se morreu em  
grafia!

O herói que morre vence a própria morte.  
O heroísmo é feito de imortalidade  
O herói fundiu-se no clérigo da Raça.  
E a Raça tem por si a Eternidade.

D. Alberto Brâncio.

O sr. Raul Esteves publicou no *Diário da Manhã* do dia 9 um artigo *A Heróis da grande guerra* e o sr. general Ferreira Martins outro no *Diário de Notícias* sob o título *O Capacete simbólico*. Entre as principais homenagens do dia realizaram-se a concentração dos combatentes no Alto de S. João; inauguração do monumento ossário, original de Maximiano Alves e Raul Xavier, no mesmo cemitério e desfile ante o

monumento da Avenida da Liberdade. Em Tavira, o sr. ministro da Guerra inaugurou o monumento aos mortos da guerra *magnetique* original de Alberto Ponce Castro. *CONFERENCIAS* — No dia 8, comemorando o 9 de Abril, realizou na Escola Ferreira Borges, uma conferência, a guerra de 1914-1918, o sr. dr. Faria Cardoso.

—No dia 13 realizou-se na 2.ª reunião da Aeronáutica Militar, a abertura das propostas do concurso para o fornecimento de três aviões de caça e das peças sobreentendentes com que o Estado resolveu dotar a nossa aviação.

Apresentaram propostas para o fornecimento as fábricas suíça «Conte»; polaca «V. Z. L.»; francesa «Doré» e «Olivier»; «Newport», «Morane» e «Paten»; sueca «Junkers»; holandes «Fokker» e inglesas «Hawker» e «Fairey».

—Na Revista Militar, no dia 10, realizou-se uma assembleia geral para proclamação e entrega dos respectivos diplomas aos novos associados. Foram recebidos os srs. dr. Júlio Dantas e Joaquim Leitão, que em nome da Academia das Ciências de Lisboa foram agradecer a oferta das insignias da Ordem de S. Tiago à Academia. Foram aprovados novos sócios o sr. almirante Augusto Osório, honorário, tenente-coronel Barreto de Oliveira e major Eduardo de Meneses.

—No dia 7 terminaram em Vendas

Novas os trabalhos finais para o es-tágio de vinte coroneis das diferentes armas.

—A viúva e a filha do capitão Aníbal de Azevedo, na miseria, requereram ao chefe do Estado uma pensão. E um documento contrário que o *Diário de Lisboa* publica no seu número da 8, e que bem merecia ser atendido.

*BIBLIOGRAFIA* — Capítulo Correia Guedes:—*Guia tático do comandante do pelotão em combate* 2.ª ed.; Joaquim Abrantes—*Os Caminhos de ferro na Grande Guerra*.

*NECROLOGIA* — No dia 11, em Lisboa o general reformado José Vitorino de Sousa e Albuquerque; no dia 15 em S. Tomé o tenente da administração militar Armando Martinho de Oliveira Soares; o dia 18, em Lisboa, o coronel de infantaria Francisco Afonso de Chedras Santans; no dia 20 o coronel Antônio do Canto Blane Moreira da Camara Falcao e em S. Tiago de Cacem o tenente Antonio Maria Camarate de Campos; no dia 21 assassinado por um seu filho louco, em Tavira, o segundo comandante de infantaria 4 João Carlos de Vasconcelos; no dia 22 o general João José Pereira Dias, em Lisboa.

—Em Paris em 21 o major Ladoux que durante a guerra dirigiu os serviços de espionagem e contra-espionagem e que fez prender e fuzilar a celebre Mata-Hari; em Londres a 27 Sir Geoffrey Salmond Marechal chefe da aeronáutica.

## d) Direito

Pinto Coelho realizou, no dia 3, a sua conferência *Situação da família em face da legislação portuguesa*.

*BIBLIOGRAFIA*: *Direito* — Couto Martins—*Código de registo comercial*; Léon Rabinowicz—*O crime passional*; Felix Ribeiro—*Os magistérios do Alemão e a legislação em vigor*. (Congresso Alemanhano 133).

*NECROLOGIA* — Em 12, em Budapeste o conhecido jurista Vitor Concha.

*TRIBUNAIS* — No dia 3 foi julgado, no Tribunal do Comércio de Lisboa, o marquês de Sagres, sr. José António Alves Pereira de Almeida do Oliveira Sagres, acusado de quebra fraudulenta. Foi absolvido.

## II-- Comercio, industria, tecnologia. Agricultura

### A) Organização e métodos. Ensino técnico B) Comércio

- a) Produção.
- b) Transportes e comunicações: Aviação. Caminhos de ferro e camionagem. Portos. Marinha mercante. Estradas. Correios, telegrafos, telefones.
- c) Mercados e feiras.
- d) Comércio exterior. Relatórios consulares.
- e) Publicidade. Exposições.

### C) Indústria: Indústrias variadas. Exposições. D) Tecnologia E) Agricultura

Os factos da complexa vida comer-cial e industrial foi para nós a questão do Vinho do Porto. A Sociedade Química Portuguesa pede ao governo que lhe permita estudar o assunto, o governo cria o Instituto de Vinhos do Porto e A Voz publica no dia 11 um importante artigo do sr. Nicolau Ferreira de Almeida sobre A situação in-ternacional dos vinhos do Porto. O go-vernamento francês determinou elevar os di-reitos e repressalias aduaneiras foram

executadas que no próximo numero his-toriaremos.

\* \* \*

O dirigível «Akron», um dos dois maiores do mundo, pertencente à marinha norte-americana, caiu no mar às 0.30 do dia 4. O desastre deu-se so largo da costa de Nova Jersey, a 20 milhas do farol flutuante de Barnegat, em frente da praia do mesmo nome. O di-rigível socorreu em plena tempestade

e morreram 74 pessoas. Comunicou o desastre o navio-cisterna alemão *Phoebus*, que salvou 4 sobreviventes, um dos quais o rádio-telegrafista Copland, faleceu em resultado do esforço e queimaduras. Os sobreviventes salvo foram a imediata do «Akron», tenente Wiley.

O «Akron» levava a bordo 19 oficiais, 57 marinheiros e 1 passageiro. Saía de Kakehurah à noite para realizar um voo de treino,

### III -- Ciencias

#### A) Matemáticas

#### B) Físico, químicas, naturais

- a) Física
- b) Química
- c) Naturais

#### C) Medicas. Medicina, Cirurgia, Especialidades. Farmacia. Arte veterinaria

vers sobre a evolução dos Açores e da Madeira.

**BIBLIOGRAFIA**—Fernando L. M. Zahn—Como resolver problemas de física.

—F. Daicos e M. Rousseau—Mesures radio-electriques élémentaires, 25 fra. (Livro útil aos electricistas técnicos de T. S. F., cinema sonoro, estudantes e professores de escolas superiores e faculdades).

#### Expedição científica

—Os aviões da expedição Houston voaram sobre o Monte Everest. Atingiram 10.675 metros, ou seja 1.800 metros mais alto do que o cume do Everest. Os dois aviões que praticaram a façanha eram tripulados pelo marquês de Clydesdale e pelo tenente-aviador Macintyre.

**CONFERENCIAS**—No dia 5, na Universidade Portuguesa, o dr. Bento de

Jesus Carça, sobre Iniciação matemática; na Sociedade de Geografia, no dia 6, realizou o professor dr. Fernando de Almeida, uma conferência intitulada «Uma prioridade da ciência matemática portuguesa: Daniel Augusto da Silva, 1814-1878, e a Instituição de Estatística».

—No dia 10, fez na Sociedade de Geografia, o sr. coronel Roma Machado uma conferência sobre «Algumas pola-

### c) Medicas

## O CONGRESSO DE ANATOMIA

**O** CONGRESSO de Anatomia ainda este mês realizado em Lisboa («XXVIIIº Reunião da «Association des Anatomistes» e 1º da «Sociedade Anatómica Portuguesa») parece ter, em síntese, a seguinte significação:

Da parte da «Association des Anatomistes», sociedade anatómica francesa com perio de 500 associados de todas as nacionalidades, exprime, como disse o seu presidente neste ano, o professor Champy, no discurso da sessão inaugural, a simpatia a admiração com que em França e nos outros países se olham os trabalhos dos anatómicos portugueses, acompanhadas pois da certeza de que em Lisboa a «Association des Anatomistes» encontraria para esta reunião o ambiente mais adequado. Da parte da «Sociedade Anatómica Portuguesa», exprime não só a solidariedade moral entre os anatómicos ou

Na XXVIIº reunião da «Association des Anatomistes», em Nancy, no ano de 1932, foi entusiasticamente aceita a proposta do sr. prof. Celestino da Costa de que a futura reunião dessa colectividade anatómica se efectivasse em Lisboa.

Desde logo na Faculdade de Medicina desta cidade se começou a trabalhar para o futuro Congresso e se organizou uma comissão com os srs. professores H. de Vilhena, presidente; Pires de Lima e Geraldino Brites, vice-presidentes; Marek Atlas, tesoureiro, e Celestino da Costa, secretário geral. Como secretários adjuntos os srs. assistente e professor auxiliar da Faculdade, drs. Xavier Morato e Vítor Fontes. Entre os vogais os srs. professores Maximino Correia e Ermal Monteiro, e professor auxiliar dr. Barbosa Soeiro. Ao mesmo tempo esta comissão e os demais membros portugueses da «Association des Anatomistes» determinaram-se a criar a «Sociedade Anatómica Portuguesa», que ficou e cuja mesa é a mesma da comissão constituída pelos fins da 1932, e organizadora do Congresso. Desde logo a este núcleo anatómico aderiram muitos professores, assis-

tentes, médicos, naturalistas de Lisboa, Porto, Coimbra, que aos ramos de ciência anatómica se dedicam.

Trabalhando sempre, a comissão do Congresso, no grande desejo de proporcionar aos seus hóspedes uma galharda recepção e hospitalidade, promoveu a 1º reunião da «Sociedade Anatómica Portuguesa» conjuntamente a XXVIII da «Association des Anatomistes». Foi a data do Congresso estabelecida de 9-14 de Abril de 1933.

Nos caminhos de ferro espanhóis e portugueses se obtiveram grandes facilidades que permitiram que ao Congresso concorresse grande número de congressistas, não só franceses, como espanhóis, belgas, italianos, polacos, luso-eslavos, etc.

Os congressistas espanhóis, que já pertenciam à «Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana», vieram sobretudo por solidariedade com a jovem «Sociedade Anatómica Portuguesa».

A «Association des Anatomistes» para a mesa da sua reunião em Lisboa nomeou os professores Champy (Paris), presidente; e Atlas (Lisboa), Del Rio Hortega (Madrid), e Vallot (Toulouse).

morfologistas portugueses (anatomicos propriamente ditos, antropologos, histologos, embriologos), como também as suas grandes possibilidades, que adquiriram e em que se situaram, de acção e realização no domínio dos ramos científicos que cultivaram.

Para o ano efectuar-se-á em Santiago de Compostela outro Congresso anatomico, (1. Reunião da Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana, e 11. da Sociedade Anatómica Portuguesa).

Será acontecimento importante não só em vista do cultivo das ciencias morfológicas, mas ainda pelo que representará de alta solidariedade moral e de larga expansão mental dos anatómicos portugueses, espanhóis e sul-americanos.

25 de Abril de 1933

HENRIQUE DE VILHENA

vice-presidentes, e Collin (Nancy), secretário.

A este Congresso, que decorreu sem si, vieram não só os professores das especialidades, mas ainda assistentes, chefes de trabalhos, preparadores e pessoas de família dos membros do Congresso, esposas, filhas, e o seu numero subiu acima de 170.

No dia 10, às 9 da manhã, no anfiteatro de Anatomia realizava-se a sessão de abertura com numerosa assistencia. Presidiu o sr. prof. Sobral Cid, director da Faculdade de Medicina de Lisboa, tendo á sua direita os srs. professores Champy e Collin, e á esquerda os srs. professores Vilhena e Celestino da Costa.

Os srs. professores Vilhena e Sobral Cid leram, em francés, os seus discursos de boas-vindas, o primeiro em nome da comissão organizadora do Congresso e da «Sociedade Anatómica Portuguesa», e o segundo, em nome da Faculdade. Foram estes discursos sublinhados e coroados por vibrantes aplausos dos congressistas. O sr. professor Champy leu o seu discurso de agradecimento desde logo frizando

que a presente reunião da «Association des Anatomistes» em Lisboa se efectuava pela estima e admiração em que os anatomicistas estrangeiros têm os seus colegas portugueses.

Após os discursos iniciaram-se no auditório do Instituto de Histologia os trabalhos, tendo-se logo nesse dia lido bastantes comunicações.

Nos dias 11 e 12 prosseguiram. Das 100 comunicações e 9 demonstrações especiais indicadas no programa foi lido um grande numero.

Todas as festas, passeios e excursões se levaram a efeito tal como anunciado no programa, havendo de dizer-se que tudo decorreu com satisfação e aprazimento de todos os congressistas que por vários modos o patentearam.

Muitos dos congressistas estrangeiros, sobretudo as senhoras acompanhadas de senhoras portuguesas, que sempre sollicitamente as guiaram nos passeios, visitaram vários pontos interessantes de Lisboa.

Ofereceram-se aos congressistas numerosos opúsculos sobre Portugal, entre eles, elaborados especialmente para o efeito.

Realizaram-se ainda vários almoços íntimos, tendo tudo decorrido sempre na mais harmónica das cordialidades. O congresso durou até ao dia 16, visitando os congressistas os Museus de Arte Antiga, dos Coches, os Jerónimos, Sintra, Cascais, Estoril, Batalha e Alcobaça, a Curia e o Porto, etc.

O discurso de abertura do prof. Vilhena é um hino à nossa terra. Damo-lo na íntegra:

«Quanta satisfação é a nossa, da comissão organizadora desta reunião da «Association des Anatomistes» e da «Sociedade Anatomica Portuguesa» por termos alcançado este momento de vos receber e de inicio de nossos trabalhos! Podeis julgar-l-o lembrando-vos ou pensando que há um anno que nenhum dia se passa sem que se nos apresente a ideia desta Reunião, sem que nos preocuemos com o momento de vos receber, com os dias de trabalhos, com as excursões a realizar, com as facilidades que devem ter ou as comodidades que vos devem cercar: no desejo intenso não só de que encontremos aqui, na Faculdade, na cidade, no País, um ambiente de calorosa estima e do carinho, como ainda de que esta Reunião seja de todo o proveito para as ciências morfológicas a que nos dedicamos.

Não posso neste momento deixar de lembrar os nomes de alguns dos professores da Faculdade ou mesmo da velha Escola Médico-Cirúrgica: lembrar-me que de algum modo tornaram possivel— influências próximas, influências a distância—a presente Reunião, a hora actual de confraternização de tantos caros e muito distinçoes colegas estrangeiros e nacionais. Em primeiro lugar o professor Serrano, falecido em 1904, que pela sua extraordinaria dedicação

A velha Escola e ao cultivo da ciencia anatomica, e pelo incentivo espiritual de sua obra, tornou possível já metade a oito anos depois da sua morte, a fundação deste Instituto de Anatomia e o maior incremento desta ciencia na Faculdade. Com veneração recordo o seu nome, homenagem de um modesto trabalhador a um trabalhador cheio de honestidade e de talento e que deixou rastro perdurável. Em seguida cumpre-me evocar o nome do professor José Cesário, que ainda me ensinou na cadeira de Clínica cirúrgica e sempre me honrou com a sua amizade. Professor de Anatomia descriptiva por algum tempo, depois da morte de Serrano, foi por sua ventura que ocupou o prosectorado de Anatomia e assim pude iniciar a minha, aliás muito singela, carreira anatomica. Afirmou por então esse eminentíssimo professor que não aceitaria no prosectorado (havia apenas um lugar) outra que não fosse eu, e, assim, para sempre, se fez crêder da minha gratidão.

O professor Moreira Junior, o mais antigo dos actuais professores em exercício da Faculdade, Alvaro Neves que foi seu director e presidiu ao Centenário da Faculdade em 1915, e Sobral Cid, aqui presente e actual director, pessoas que pela sua amizade pessoal, pela simpatia que sempre manifestaram por este Instituto e pelo incentivo que assim nos puderam dar, eu não poderia deixar de lembrar também, neste momento, com emoção.

O incremento do Instituto de Histologia e Embriologia e dos trabalhos histológicos e embriológicos em Portugal, em que tanto relévo têm tido os professores Alvaro e Cesário da Costa, tesoureiro e secretário geral da comissão organizadora desta Reunião, não pouco nela influiu, e sem dúvida nela muito influiu a actuação de Cesário da Costa, que justamente que podia dizer a alma deste Congresso: foi pelo seu prestígio na «Association des Anatomistes» e pela sua proposta na ultima reunião, em Nancy, que se marcou a actual em Lisboa; e pela actividade que tem desenvolvido desde então em todos os preparativos do Congresso e por seu grande mérito neste sentido, ficar-nos-a devendo muito do éxito que desejamos e esperamos.

Atéas, o mais antigo dos membros portugueses da «Association des Anatomistes» foi igualmente um auxiliar valioso da comissão.

Entre os nossos confrades estrangeiros cumpre-me lembrar, e faço-o gravemente, os eminentes professores Champy, presidente da «Association», e Collin, secretário geral. Foi este nosso estimado Confrade incansável também, na boa vontade e diligência, pelas qualidades frequentemente, para o efeito do Congresso, se correspondeu com o nosso secretário geral. E se os professores Rodrigues, Cadáver, reitor da Universidade de Santiago de Compostela, grande amigo de Portugal, dos portugueses, fraternal amigo meu, e Fernando de Castro e Del Rio Hortega, de Madrid, que tanto nos auxiliaram na intenção das vantagens a conseguir para os congressistas nas linhas de ferro espanholas.

Meus senhores: Esta reunião anato-

mica conjuga no mesmo esforço a «Association des Anatomistes» e a Sociedade Anatomica Portuguesa, de recente criação. Lançou os fundamentos desta Sociedade, a comissão organizadora do Congresso, que pensou desde logo em dar-lhe o surto, o impulso da reunião presente. A «Association des Anatomistes» sociedade anatomica adulta já, com perto de 30 anos de existência, podia dizer-se dela, com bom humor, «uma femme de trente ans à Balzac, ao mesmo tempo amiga de se reservar e de se perfilar, de se reservar... compreendendo-lhe bem, de se perfilar... por todas as capitais da Europa—confraterniza assim com a novel Sociedade Anatomica Portuguesa que, semelhantemente, se pode dizer em período de puerícia—puericia alias um tanto atrevida pois que, digamos sempre brincando, ainda mal deixou de chuchar no dedo e já se mete a fazer discursos ao lado da sua tão experiente irmã!

Meus caros confrades! Sois recebidos nesta Faculdade com amizade que vos peço acrediteis muito sincera e fervorosa. Se tiverdes tempo, deixado pelas ocupações mais instantâneas e pelas excursões do programa, visita à Faculdade e suas dependências, fora deste edifício. São elas o Instituto Bacteriológico Camara Pestana, o Instituto de Medicina Legal, o Oftalmológico, o Hospital de Santa Maria, o Manicomio Bombarda. Veréis ali a boa vontade, o esforço dos seus directores e colaboradores para que essas instituições desempenhem na ciência e na vida portuguesa o seu mais justo e generoso papel. Visitar também como instituições estranhas à Faculdade, se o tempo vo-lo permitir, os Hospitais Civis e Militares de Lisboa, o Hospital Colonial e a Escola de Medicina Tropical, o Instituto de Investigações Biológicas Rocha Cabral, o do Oncologia e a Maternidade Alfredo da Costa. Ainda algumas outras instituições médicas ou para-médicas se encontram na cidade, cujo nome me permito aqui omitir para não me alongar.

E a cidade de Lisboa que vos recebe um burgo pitoresco, com seu aspecto próprio, sui generis. Do alto dos seus montes vereis panoramas deliciosos nos quais o Tejo e as terras sulenhinas participam cativantemente, generosamente. Se tiverdes ocasião de vos estimardes um pouco à conversação meridional daquelas que vos acompanham e se constituiram vossos dedicados cérebros, sentireis naturalmente, em vista do meio, da ambientação, alguma coisa cuja pouca de qualidade psicológica dos lisboetas, ao mesmo tempo do entrando amor pela sua terra natal, a cidade, e de uma como ansiedade de fuga para terras longínquas, africanas, asiáticas, através dos mares, dos grandes horizontes! É uma gente curiosa! Amigo da sua casa, da sua rua, do seu bairro, da sua cidade, da sua terra, do seu Portugal, e ao mesmo tempo constantemente tocado de devaneios, as longe, das imagens de si mesmo em terras estrangeiras, e ultramarinas, exóticas. Ela não se percebe a si mesma e os estrangeiros não a entendem facilmente. Mas os estrangeiros quer em Lisboa, quer em outra parte de Portugal, experimentam sensações,

interessantes também, curiosas, que podem em síntese e no que respeita ao seu mesmo interesse e bem-estar, exprimir-se desse modo e é a história de um estrangeiro que vos venho repetir. Dizia-nos ele: no primeiro ano, tudo dos senhores me parecia mau; no segundo assimilei e assimilei-me; sentindo prazer em me deixar assimilar; dai por diante Lisboa era a minha cidade, Portugal a minha segunda pátria. Os senhores são estranhos, mas não só má gente. Um dia, um de vós lhe disse, português, veio dizer-me mal, como os senhores costumam às vezes fazê-lo, da sua cidade, de seus concidadãos e de sua pátria. Disse-lhe com bom humor: «vá-se embora, não o entendo, Lisboa é a minha cidade, os portugueses como se meus pais, Portugal é a minha segunda Pátria».

Nesta cidade, para passados momentos de distração, encontraria meus caros Confrades, alguns passeios agradáveis, jardins, logradouros públicos, monumentos, uma estimaável, outros admiráveis, entre eles a Igreja de Santa Maria de Belém (Jerónimos) e o respectivo claustro, imagem estética da grandezza dos nossos antepassados, os grandes navegadores e descobridores. E museus, como o Etnológico, de Arte Antiga, o de Arte Contemporânea, dos Coches, o de Arte Sacra, o de Artilleria, e outros ainda de valor e significação muito distintos. E perto de Lisboa, meus caros confrades, poder-ia distrair e tornar-se-vos muito agradável a visita a Sintra, o glorioso eden de Byron, e os seus belos palácios que foram reais, e ainda a Cascais e Estoril na costa marítima, e a Maia por ser majestoso palácio e belissima Igreja. E mais não vos digo da cidade e seus arredores, que bem poderíeis ver, em resumo com o mais referente a Portugal, nos opúsculos que a comissão depositou em voas molas.

Quando fizedes, logo a seguir aos trabalhos, a excursão ou excursões a outras terras portuguesas, incluindo Coimbra e Fório, verdes sempre os alnais não só da nossa antiga grandezza como da nossa grande vontade de viver uma vida sempre mais generosa e de assim alegar as gerações que nos seguiram.

Mas para uma coisa ainda quero chamar a vostra boa atenção. E' para o nosso povo. Se Portugal foi grande, em grande, em muito grande parte foi pela infinita riqueza de sua alma popular. Ela permitiu as navegações e descobrimentos, elas lhes deu o sentido geral, de obra social, obra de um povo, e não apenas de grandes homens, que o foram sem dúvida e nem assim se mostraram. Ela tem permitido que através de tantas crises sociais internas, e de tantas crises internacionais, mundiais, como a ultima, a da Grande Guerra, seus precedentes, ela mesma, suas consequentes, Portugal fosse mantendo seu Império colonial. Na verdade a epopeia ultramarina portuguesa foi continuamente através dos séculos, desde os descobrimentos, na terra africana, e a do século XIX, no descobrimento e assenhoreamento, a princípio deste século, pela Grande Guerra, levada à intimidade africana.

é uma pagina exemplar na história da África. E com essa epopeia a colonização, seguida, sustentada, em que o nosso bom povo adaptou-se e se adaptou. Hoje o ultramar português é a continuação da terra metropolitana, não é a colônia, é a própria terra da Pátria, sedeada aqui e acolhida pelo mundo.

Poucos povos e nenhum país tão pequeno em extenso territorial como o nosso, podem dizer alguma coisa de semelhante. E nenhum, nem duvida, pode acrescentar que foi o inicio da riqueza e da expansão de outros tantos e tão grandes povos do mundo que descobriram e conquistaram e que, evidentemente, tão poucos eram os seus filhos, não podia integralmente conservar e generosamente desenvolver.

Mas vós, meus caros confrades, reparai então no nosso povo. Um qualquer dele olhar-vos-á, primeiramente com um pouco surpresto (certamente já longe de como no tempo de Montesquieu era visto um povo em Paris, e ele nos conta), mas logo entrará em si mesmo e solicito-vos considerá-la repousar na sua pequena casa, muito contente de toda a hospitalidade carinhosa que vos puder dar. Sua mulher poderá-vos-a na mesa, o leite de sua cebolinha, e enquanto o homem vai ao trabalho seguirá discretamente a casa de comadre ou da vizinha, deixando-vos tudo preparado para que a vossa vontade estejais e repousais. Os pequenos estarão ainda um momento olhando-vos curiosos, plantados na vossa frente, mas em breve se retirarão, com o pensamento: «não é caso para ficarmos aqui mais tempo, espantados, a olhar este senhor, vamos brincar».

Meus caros confrades, minhas senhoras, meus senhores. Não me resta, neste grato momento, senão ainda saudar-vos calorosamente. Nesta Faculdade, neste cidade, neste país, sede os muito, o muito bem-vindos!

Entre os congressistas estrangeiros havia nomes mundiais como Dubreuil, professor de histologia em Bordeaux; Raoul May, assistente do Instituto Pasteur de Paris; Grynfeld, professor de anatomia patológica em Montpellier; Dustin, professor de Anatomia em Bruxelas; Weber, professor de anatomia em Geneve; Gerard, professor de histologia em Bruxelas; Turchini, professor de histologia em Montpellier; Billot, professor de anatomia em Lille; Dusberg, professor de anatomia em Liege; Champs, professor de histologia em Paris; Sanchez y Sanchez, professor de anatomia em Valladolid; Rouvière, professor de anatomia em Paris; Cadarso, reitor da Universidade de Santiago de Compostela; Vernet, professor de anatomia em Barcelona; Forster, professor de anatomia em Strasbourg; Latarjet, professor de anatomia em Lyon; Wolf, professor de anatomia em Praga; Cordier, professor de anatomia em Lille; Delmas, professor de anatomia em Montpellier; Lucien, professor de anatomia em Nancy; Debyer, professor de histologia em Paris Gironde e Verne, professores de histologia em Paris; Leplat, professor de anatomia em Liege; Beccari, professor de histologia em Florença; Jolly, pro-

fessor de histofisiologia no College de France; Faure-Fremiet, professor de embriologia no College de France; Lehoucq, professor de anatomia em Gand; Bellucci, professor de anatomia em Estrasburgo; Tuma, professor de histologia em Praga, etc.

★ ★ ★

— No dia 1 terminaram as provas do concurso para professor auxiliar de anatomia patológica e patologia geral da Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi aprovado o sr. dr. Luís Simões Raposo, candidato unico.

— No dia 27 terminou o prazo da entrega de requerimentos para o concurso de 18 vagas de médicos substitutos na Assistência Nacional aos Tubererculose.

**BIBLIOGRAFIA:**— A. Celestino da Costa — *La Faculté de Médecine de Lisbonne*; 20-2 pag.; M. B. Barbosa Soeiro & Vitor Fontes — *Aperçu historique de l'enseignement de l'anatomie humaine e Aperçu de l'œuvre de l'Institut Anatomo-clinique de Lisbonne*, por H. de Vilhena, (Separata dos Arquivos de Anatomia). (Ambas estas obras foram distribuídas aos congressistas de Anatomia).

#### Varia

Por decreto de 11 de novembro professor de Anatomia medico-cirúrgica e Cirurgia experimental da Faculdade de Medicina de Paris M. Proust. A ligação de abertura terá lugar no dia 2 de maio, às 18 horas.

— Na Faculdade de Medicina de Paris acaba de criar-se um *Instituto de Higiene Industrial e medicina do trabalho*.

— A casa Citroën tem feito varias expedições de carácter científico, expedições feitas em automóvel através regiões inhospitais ou desertos sem fim. Em 1922, cinco automóveis atravessaram o Sahara e 20 dias depois entraram triunfalmente em Tombuctoo. Em 1924 realizou outra façanha e, finalmente, em 1931, sete automóveis saíram de Beyruth e outros sete das margens do Pacífico, encontrando-se todos em Pequin. Deste tudo, além de dados científicos resultou um museu, o Museu Citroën, curiosíssimo, e onde há um espaço destinado à medicina e à farmácia. Os nossos médicos podem visitá-lo no Boulevard de Batignolles.

— O n.º 26 de *La Presse Médicale* insere além dos costumados resumos de Sociedades médicas ou da *Société française d'Histoire de la Médecine*, devers curiosos sobre humanismo médico. Também o n.º 27 critica o livro de Skovs Zervos *Les bactéries, les souches et les curettes chirurgicales d'Hippocrate*, (48 grav. Manon).

— Os médicos que se interessem pelos estudos médicos em França poderão ver o curioso trabalho de G. Bouyé *La réforme des Etudes Médicales*.

*Le régime laitif en thérapeutique*: Etienne Boltanaki: *Le traitement radio-thérapeutique de l'acne juvénile*; e Benoist: *Prophylaxie et traitement de la rougeole*; Gernez e Breton: *Contributions au traitement des fièvres typho-paratyphiques par le principe lytique transmissible (ou bactériophage) anti-Eberth préparé par électrophorèse*; Lutembacher: *Les erythèmes*; Parturier e Pont: *Folie et lésions gingivées-dentaires*.

e Deguy: *Les chiffres normaux de la tension artérielle*. São estes os artigos de maior interesse para a prática médica de todos os dias.

— O numero de 4 de Abril da Revue thérapeutique des Alcaloides publica o ultimo artigo do dr. Beussat sobre Georges-Noel, Lord Byron, (*Essais de Clinique Romantique*). É um curioso estudo médico, ilustrado com retratos e documentação variada. Também o n.º 4 de Abril, da *La Chronique Médicale* publica um estudo do dr. Jean-Claude Dubreuil sobre Médecins et médecins du moyen-age, um artigo do Albert sobre Médecins-poetas, Prosper Viro. O n.º 27, de 5 de Abril da *La Presse Médicale* também publica um artigo de Edmond Lacoste sobre Montaigne et la Médecine.

— Entre os artigos mais importantes da *La Presse Médicale*, de Abril, (n.º 26 a 30), figuram os de Planques, Rieret et Boët: *La pression rachidienne chez les hypertensions artérielles*; Gaston Lyon: *Sur le mode d'éjection des sels de bismuth en pathologie gastrique et en chirurgie*; A. Ravina: *Traitements du*

rheumatisme articulaire par l'histamine et ses dérivés; Robert Clément.

**CONFERENCIAS**—No dia 2, no Instituto Clínico, pela visitadora-chefe do posto n.º 1, D. Emilia Linhares, sobre *O desmame*; no dia 9, pela visitadora-chefe do Posto de Puericultura n.º 3, D. Maria do Ceu Vieira Ferreira, *Cuidados gerais de higiene infantil*.

— O n.º 82 de *La Presse Médicale* insere de L. de Gennes um *Etude de la fonction rénale au cours des hypertension paroxystiques*; uma crítica à teoria médico-literária da Dr. Mary Trivas, *Le douleur est cause d'Alphonse Daudet (auto-observation d'un tabéte que de qualité)*, que o anno transacto se formou em Paris; e o n.º 33, de 23 de Abril, publica um curioso artigo sobre *Therapeutic mercury en radiografia*, de Lévy-Bling e A. Carteaud, e outro de A. Sennay sobre *Le valeur du tracé d'épreuve pour le diagnostic de la syphilis*.

— A Revista de la Medicina Italiana, n.º 58, publica um curioso artigo de Tripodi, Sobre os critérios de corabilidade da exérise em los cirróticos;

outro de Da-Jhih y Blao. El quadro hemostólogico en la sclera, duodenal gastrico, e outros de igual valor científico.

**NECROLOGIA**—No dia 8 faleceu na Casa de Saúde de Benfica, vitimado por um cancro, o sr. dr. David de Moraes Sarmento, professor agregado da Faculdade de Medicina de Lisboa e conferenciante muito aplaudido.

Faleceu também dr. José Augusto Fernandes, major médico de infantaria 15 em Lisboa.

**BIBLIOGRAFIA**—Dr. Cassiano Neves — *A Taberculosis*; S.—*Introdução à terapêutica cirúrgica*.

**MEDICAMENTOS NOVOS**—Os laboratórios Chini lançaram no mercado a Pomada de Colicido, Vacina argen-tico-antipitoplasma, para supurações, an-trax, paraciticos, escorrias, infecções, etc. O Sportosol, toni-cardíaco, e o Sportosol-cromosol, reunião da esparteina com a canfora.

— O Laboratório da farmácia Robert, de Barcelona, fornece aos médicos uma coleção de 41 radiografias em gravura que interessam aos traumatólogos.

## IV -- Historia e Geografia

### A) Historia e Ciencias auxiliares:

*Pre-historia. Antropologia. Arqueología. Cronología. Etiología, etc.*

### B) Geografia:

*Ciencias auxiliares. Viagens, guias, turismo.*

### C) Portugal

### D) Colonias

### E) Brasil

## d) Colonias

### A XXII reunião do Instituto Colonial Internacional

No dia 18 inaugurou-se nas salas do Senado, Palácio do Parlamento, a XXII reunião do Instituto Colonial Internacional.

E o Instituto Colonial International é uma entidade privada, que se compõe dum numero limitado de membros — não mais de duzentos — seleccionados entre o esco do colonialistas de todos os países. Organismo de estudo, dos mais transcendentes problemas coloniais, reune-se para apreciar pontos concretos, teses longamente estudada: por grande numero dos seus componentes.

Sem depender nem de governos nem da Sociedade das Nações, goza dum prestígio e ocupa uma situação de superior independência, que lhe permite apreciar com imparcialidade e elevado critério científico os assuntos que interessam à colonização.

A vinda a Portugal dos sócios do Instituto, estadistas uns, estudiosos de gabinete outros, pioneiros das tarefas coloniais quasi todos, foi um acontecimento de excepcional relevo, sobretudo num momento em que parecem adensar-se novas ameaças a integridade do nosso domínio colonial.

Deve-se ao sr. Conde de Penha Garcia a reunião em Lisboa do Instituto de que é presidente por ter sido eleito há dois anos, na ultima reunião que se efectuou em Paris, e consequentemente a vinda de pessoas como Gemmalo Mondalini, professor da Real Universidade e do Instituto Superior de Ciências Económicas e Comerciais de Roma, e Corrado Zoli, Italianos; Basil Williams, professor da Universidade de Edimburgo; J. Coatsman, professor de Ciências Económicas na Universidade de Londres, e dr. Newton Rhodes, professor da Universidade de Londres, inglês; dr. Paul Valroger, advogado no Conselho de Estado; G. Julien, antigo governador colonial; Le Neveu, secretário geral da União Colonial Francesa; Henri Samut, antigo presidente do Conselho Colonial da Cochinchina; Du Vivier Strell e Conde de Warren, das Colônias; René Yvon, administrador dos Serviços Civis da Indo-China; H. Solin, professor de Legislação Colonial; Henri Moncharville, professor da Universidade de Estrasburgo e Blanchard da Brosse, governador de Colónia, francês; dr. E. Mo-

resco, antigo vice-presidente do Conselho das Índias e delegado do seu País junto da Sociedade das Nações, holandês; coronel Bertrand, membro do Conselho das Colônias; Henri Carton, antigo ministro das Colônias; Eduard Jonghe, director geral do Ministério das Colônias; Paul Fontaines, engenheiro civil e de minas; Octave Leuwers, secretário geral do Instituto; Louis Frank, antigo ministro das Colônias e Herbert Speyer, professor da Universidade de Bruxelas; Henri Rollin, conselheiro do Supremo Tribunal da Bélgica; Pierre Rijckmans, secretário geral da União Colonial Belga, belgas; e o sr. E. Cutelain, senador, professor da Universidade de Padua e chefe da secção dos mandatos da S. D. N.

A primeira sessão presidiu o sr. Conde de Penha Garcia, ladoado pelos srz. dr. Armindo Monteiro, ministro das Colônias, e Louwers, secretário geral do Congresso.

Entre os congressistas viam-se os delegados portugueses srz. dr. Braga e Almeida, dr. Carvalho Pacheco, dr. Fernando Eras-

dio da Silva, dr. Rui Ulrich, marquês de Faria, coronel Roma Machado, engenheiro Lisboa de Lima, Armando Cortezão, dr. José de Penha Garcia, dr. António de Aguiar, dr. Alberto de Oliveira, dr. Augusto de Vasconcelos, coronel Lopes Galvão e comandante Machado.

Aberta a sessão, o sr. conde de Penha Garcia, presidente, profereu o discurso inaugural, em francês.

Depois de saudar a assembleia e agradecer a sua presença aos convidados que vieram tomar parte na sessão, referiu-se concetivamente às condições especiais que Lisboa lhes oferece:

«Estais, Senhores, numa cidade acolhedora, que se honra com a vossa presença. Esta cidade e o próprio país formam um quadro harmonico e dos mais adequados a uma sessão do nosso Instituto. Cercam-vos as lembranças do mais de cinco séculos de trabalhos de colonização, as quais criaram uma atmosfera das mais favoráveis à nossa discussão. Reparis, senhores, que vos encontráis em um país repleto de factos históricos que interessam a todas as nações colonizadoras. Nem um único dos países representados no Instituto pode deixar de recorrer aos documentos dos nossos arquivos para escrever a história das suas colônias desde o seu inicio. E mais um vínculo natural que torna significativo a vossa estada em Lisboa. A simpatia, a mutua compreensão, e solidariedade que deve, por assim dizer, inspirar e aproximar os que trabalham em domínios semelhantes e que aspiram a fins iguais, tornam-se, aqui, mais frisantes ainda.

Os descobrimentos marítimos dos Portugueses, a nossa obra de difusão e de escâmbio de conhecimentos e de produtos tiveram tão grande reflexo na civilização mundial, que experimentámos certamente em Lisboa a sensação de estar numa casa familiar, comum a todas as vossas Pátrias.

Por outro lado é Lisboa a Metrópole de um Império Colonial espalhado em três continentes, o que constitui ainda um testemunho frizante da nossa vocação colonial.

Havia de observar em Lisboa numerosas provas da nossa actividade, e se pudesse penetrar na alma do nosso povo, ficariam admirados de ver como o amor da obra colonial está nela arraigado. O sentimento da unidade nacional é tão vivo em Portugal como nas colônias. A dedicação destas à Metrópole tem sido mais de uma vez submetida a melindrosas provas, mas nunca afrouxou. As nossas Colônias constituem, para nós, uma parte viva e forte da Nação, e sis porque as desginamos de uma forma que admiravelmente traduz os nossos sentimentos: «Portugal do além-mar».

Seguiram-se interessantes referências às teses jurídicas e económicas que vão ser relatadas respectivamente pelos srs. Solas e Vicente Ferreira, cujo elogio foi feito, bem como foram rapidamente enumerados os relatores dos

ssrs. Périer, dr. Warren, Mangini, Coatsman, além dos cinco relatores portugueses.

Foi prestada homenagem ao labor dedicado do secretário geral, sr. Louwera.

Depois de evocada a memória dos condecorados falecidos, o sr. Conde de Penha Garcia referiu-se com elevação à obra presente do Instituto.

Referiu-se aos nomes do dr. Oliveira Salazar e Armindo Monteiro, e concluiu:

«Colocamo-nos no domínio calmo e fecundo da ciência, e procuramos esclarecer as nossas discussões por meio de bom senso e da inteligência. Não ignoramos, todavia, as dificuldades da hora presente. Sabemos bem que o contacto das raças, a força dos nacionamentos actuando às vezes de maiores particularidades tão complexas dos trabalhos coloniais, se levantam como causas de graves dificuldades. Não ignoramos, também, o peso das paixões e dos interesses em todo o empreendimento humano. Mas é isso que, precisamente, faz a força e a autoridade do nosso Instituto. Fazemos o possível nas nossas reuniões de libertarmos sempre de toda a influência que não seja baseada sobre o direito ou sobre a Justiça, sobre o estudo dos factos e sobre a sua interpretação científica. Atravessamo-nos, meus Senhores, um período que dá singularmente para pensar. Houve bastantes queridas desde alguns anos, não sómente no domínio financeiro e comercial, mas também, infelizmente, noutros domínios. A crise económica actuou em toda a parte como um verdadeiro grito de alarme. O facto de ter aumentado, em demasia, a produção das riquezas, socarráu muitas degradações, o que nos lembra as sombrias advertências dos antigos profetas. Eu sei que hoje, como ontem, são os profetas muito pouco atendidos e que as suas previsões despreza-se e esquecem.

A humanidade carece de palavras e idéias por vezes um pouco obscuras e, mais ou menos, metafísicas, para conservar a sua fé e a sua esperança em

melhores dias. Uma dessas idéias é o que actualmente se designa por economia dirigida. Compreendemos muito mal as leis da economia política e, ainda menos, as da economia social; no entanto de o fazer com o espírito de tanto propomos-nos a dirigir-las. Tentabilidade, convencidos da insuficiência relativa do nosso saber. Capacitemo-nos, em todo o caso, da complexidade dos factos sociais e procuremos no estudo deles, ajudados pelo bom senso, os meios de os compreender e autoridade necessária para os dirigir na medida do que é possível. A crise económica que predominou trouxe novas luzes.

Homens não se governam como máquinas; não se industrializa excessivamente nem grande perigo para os capitais metropolitano e para as populações indígenas. Há na realidade na melhor parte das colônias, duas economias diversas: uma metropolitana, complexa, civilizada; outra, simples, primitiva, que particularmente se adapta às condições económicas dos nativos. Entram estas duas economias muitas vezes em conflito, acham-se ás veces as raças indígenas um tanto abaladas pela primeira e, caso curioso, é a ultima que melhor tem resistido ás crises. A política colonial moderna tirará certamente do estudo destes factos mais de um ensinamento proveitoso.

Provou-nos também a crise que o procurar, com demasiada rapidez, a elevação do «standard da vida», é erro que a nossa actual geração está pagando assada caro. Eu um facto incontestável que não deverá ser esquecido pelos que dirigem uma obra de colonização.

A aceleração exagerada do ritmo da produção é uma espécie de corrida aos armamentos; se ela não gera sempre a guerra, ela traz sempre catástrofes. Em matéria colonial também aprendemos alguma coisa a este respeito.

Na verdade, é necessário reconhecer que temos esquecido desde há já muitos anos a necessidade da medida e do ritmo, o que é essencial a toda a obra social verdadeiramente sólida.

Sem pensar que demasia é algumas vezes mais prejudicial do que não pensar bastante, temos acreditado no desenvolvimento rápido e ilimitado das nossas obras de transformação social e económica das colônias.

E preciso reconhecer a fragilidade e a imprudência de algumas das nossas concepções não para perder confiança e ficar parados, mas para retomar o nosso caminho num passo mais seguro e equilibrado.

A ação humana a mais alta e a mais útil é de saber prever. Este sentimento é a base de todo o progresso humano. Prever dentro do terreno das realidades, é poupar muitos dias dolorosos. Fazemos corajosamente pelos nossos estudos e as nossas discussões esta obra salutar. Olhamos o futuro pensando nas novas gerações e fazemos o possível de lhes evitar os erros e as incompreensões que nos fizeram sofrer tanto.

Façam admirado de constatar que



M. agora, eu coloco-te o globo terrestre sobre a sua base legítima.  
(Michel, de Varsóvia rep. no Republica)

# O Mês Artístico

(30.º Exposição de Belas-Artes)



AS PROMESSAS, óleo de Mestre Malhoa

Expositores, público de *elite* e convidados da Sociedade Nacional de Bellas Artes de Lisboa na abertura da sua XXX exposição anual de Pintura a óleo, e



Aspecto da abertura da exposição (Foto Notícias)

escultura ultimamente realizada. A exposição que foi o acontecimento artístico do mês de outubro, pertou grande interesse e foi muito visitada pelo público.

# O Mês Gráfico Nacional



**N**a Exposição da Criança, no Palácio de Exposições do Parque Eduardo VII. (Da esquerda para a direita, o Director Geral da Aeronáutica, o Dr. Pinto, o Engenheiro e o Cardeal Patriarca, o Sr. Presidente da República, o Sr. Ministro da Guerra, a médica Dr.ª D. Maria Carolina Ramos da Guerra que leu a conferência inaugural, Madame Carmona e filha, o Sr. Marquês de Paredes).

Foto do dia da inauguração.

Graficamente o mês foi um mês fraco. Mez de exposições, congressos e festas, não nos deu fotos notáveis porque nenhum acontecimento de verdadeiro relevo se deu ou realizou. A Exposição da Criança foi bastante interessante no seu aspecto festivo com inúmeras conferências e gentes percorrendo em todos os sentidos o palácio da Exposição do Rio de Janeiro definitivamente instalado entre nós, para justificar o prólogo do bom filho a casa torna. Os congressos colonial e dos anatomistas tiveram é certo notável relevo científico, mas que não encou na vida quotidiana. A sua repercusão foi apenas a do mundo jornalístico e científico. A vinda do *Gonçalo Velho* e a perda do jogo em Vigo pela equipa portuguesa foram os acontecimentos que apaixonaram a opinião pública. A entrega das insignias da gran-cruz da Ordem de S. Tiago à Academia das Ciências, foi um acontecimento literário com um alto significado cultural e moral, numa cerimónia cheia de significação e de brilho. No Estoril casou-se o escritor inglês Aubrey Bell, autor de um notável livro sobre Fr. Luiz de Léon, uma *História da literatura portuguesa* que o Dr. Agostinho de Campos de colaboração traduziu e de umas dezenas de estudos, muitos de alto valor literário para o nosso país. Aubrey Bell foi sempre um retrabaldo e um solitário e há mais de 20 anos que se não fotografou. Agora mesmo só à impertinência da objectiva se deve o retrato que nós damos e que o escritor fez os maiores esforços para impedir.



O novo barco de guerra «Gonçalo Velho»



O Sr. Aubrey Bell



Assistência ao Congresso do Instituto Internacional Colonial. Ao centro na 7.ª fila o Sr. Conde de Peña García e o Sr. Ministro das Colônias.  
Em baixo, assistência ao Congresso dos Anatomistas. Fotografia tirada na Escola Médica.



Na Semana Portuguesa de Vigo, Emilia Doer «Miss Espanha», vestida à moda do Milão recebe um formoso ramo do capitão da equipa portuguesa.

Na festa solene que se realizou na Academia das Ciências de Lisboa, para entrega das insignias da gran-cruz de Santiago da Espanha, o seu presidente Dr. Julio Dantas, o reitor da Universidade de Coimbra e vários Académicos entre os quais Bento Carqueja, Achilles Machado, Eugénio de Castro, Joaquim Leitão, Pedro Pitta, Quirós Veloso e Albino Forjaz de Sampayo.



O mês no

## Estrangeiro

— Curiosa fachada de um estabelecimento de carnes em Paris. Tão curiosa que mereceu esta foto da Associated Press e a sua reprodução na *L'Illustration*.



— Apesar de republicana, e de ter dado o voto às mulheres as ruas de Madrid na Semana Santa tiveram o mesmo luzimento da Semana Santa monarchica e reaccionaria.



— A cabine do maior dirigível do mundo *Hindenburg*, com alguns afíciens. Em 4 de Abril deslocou-se no Atlântico com 73 oficiais e 15 passageiros tendo apenas escapado 3 pessoas catastrofe.



— O ódio aos judeus na Alemanha provocou estes disticos, na fachada dos armazéns judaicos, que não foram mandados pintar pelos respectivos donos.

— Os pequenos alemães são já educados para a guerra. Esta gravura mostra dois pequenos partidários do nacional-socialismo no seu traje racista e característico.

— Aspecto da Exposição da Casa Ideal ultimamente realizada em Londres. Casas e mobiliário, utilidades, tudo o que existe capaz de entenderce uma dona de casa.



todos ou quase todos os nossos relatórios se terminam com frases de energia, de confiança e de esperança. Acreditamos o augúrio dos nossos colegas. Que as nossas discussões possam levar à

metrópole e às colónias sentimentos de confiança e de solidariedade, preocupações de justiça, ecos de paz, de ordem e disciplina voluntária sob a égide da ciência e da confiança em Deus.

## O discurso do sr. ministro das Colónias

*Sr. Presidente e meus colegas do Instituto Colonial Internacional*

Com profunda satisfação cumpro o dever de vos dirigir as mais efusivas saudações. Representantes categorizados da ideia colonial de que há muitos séculos os portugueses foram os precursores audaciosos, têm os membros do Instituto Colonial Internacional mais do que ninguém direito a recebê-las. Em nenhum lugar poderiam elas soar melhor do que nesta velha cidade de Lisboa, berço das descobertas e conquistas longínquas, fonte do movimento de colonização moderna. E nenhuma oportunidade mais perfeita do que esta se poderia oferecer para trocarem opiniões sobre alguns dos maiores inquietantes problemas do nosso tempo, a homens que, como vós, com seu engenho, saber ou ação prática, tão farta contribuição têm dado para a obra do prolongamento da civilização cristã na África, na Ásia, e na Oceania.

Interesses de enorme extensão, ambições nem sempre bem cabidas, julgou muitas vezes falsos, têm desvirtuado as questões ultramarinas. É clara a falta de contacto entre as verdades coloniais e a opinião pública; e o acolhimento dado a erros coloniais por certa opinião de homens de Estado facilmente toma os aspectos que por vezes assustam e desanimam.

As palavras que possam dizer-se aqui farão talvez compreender melhor colónias que são diferentes das que na Europa se vêm todos os dias e que por isso não podem ser julgadas com os elementos da lógica que se aplicam aos acontecimentos correntes.

As questões coloniais exigem, só a de uma competência própria, um sentido especial: é assim nos homens como nos povos. Não é colonizador o povo que um dia sonhou com empresas longínquas, ou com prosperidades que da emigração para remotas paragens lhe pudesse vir, só porque na metrópole tem gente a mais ou capitais abundantes. A colonização exige um gênio específico, uma vocação característica, uma força íntima, que participa do gosto da aventura e do estar imediato e ao mesmo tempo de desconhecido, do desprazer pelo bem, ansia de conquistar a riqueza através de mil sofrimentos e perigos, reclama uma maneira de ser especial em que, ao lado de uma infinita tolerância e piedade pelo que lhe é inferior na gente do sertão, figura a intranqüilidade no desejo de os elevar, aproveitando as suas aptidões e abrindo a sua inteligência, sentimento e actividade a clara luz dumha vida mais nobre.

**Inutilidade de grandes excessos de população para uma obra de colonização**

O êxito de uma colonização não é

a resultante de factores quantitativos —em gente ou em capitais. Depende essencialmente da qualidade dos elementos que nela se lançarem—das suas virtudes, em primeiro lugar, da sua organização depois e da sua preparação também.

E' preciso desvanecer o erro de supor que a posse de colónias pode dar a qualquer povo solução ao problema da colocação dos seus excessos demográficos ou dos seus capitais inactivos, erro que pode ser de consequências tragicas para o futuro de toda a obra colonizadora moderna.

A emigração acode sobretudo às zonas em que o desenvolvimento do capital é mais rápido do que o da mão de obra. E' esta circunstância que melhor explica as formidáveis cifras da imigração para os países americanos em todo o correr do século XIX. As possibilidades do meio natural, favorecendo a criação e a acumulação de capitais, solicitavam ali incessantemente novos braços. Assimistimos a uma verdadeira sucção das multidões europeias.

Apesar do avanço da ocupação dos territórios que hoje são as colónias de todos os que aqui nos encontraram, a direção dos movimentos emigratórios não marcou um desvio. Continuavam eins a trilhar indiferentes aos seus velhos caminhos. Enquanto na América as populações brancas se multiplicavam rapidamente na África e na Ásia só acusavam aumentos insignificantes.

No África não ha agora decerto uma população de raça branca superior a 3,5 milhões de habitantes. Mas no século XIX saíram da Europa para longínquos continentes circa de 150

Seguidamente o sr. dr. Armando Monteiro pronunciou o seguinte discurso, que pela sua importância excepcional reproduzimos na íntegra:

milhões de pessoas. Ainda hoje é verdadeiramente microscópio o contingente da emigração para as colónias. Ao lado dos 50 ou 60 milhões de europeus que em 1913 habitavam fora do país natal, fazia na verdade pequena figura o parco milhão e meio que tinha escolhido a África para campo de ação.

Mas poderá esta cifra surpreender?

Sem contarmos com as dificuldades de adaptação ao meio—dificuldades que dia a dia vão diminuindo—a verdade é que nas colónias, apesar do período de intenso desenvolvimento por que têm passado, só em pontos perfeitamente conhecidos é sensível a falta de mão de obra. E facilmente estas insuficiências são satisfatas pelo braço negro ou amarelo. O branco não poderá concorrer com eles. Imaginem que misérias e tragedias provocaria um país cujo governo se lembrasse de transportar para as colónias grandes massas dos seus naturais para resolver o problema do desemprego ou da sua miséria na Europa. Depois de ter gasto fabulosas quantias, pouco mais conseguiria do que criar um vasto proletariado branco em regiões onde difícil seria valer ao seu abandono. A colonização que desse modo se fizesse seria apenas a forma de entregar à fome, à doença, à morte quasi sem defesa, multidões que, apesar da violência de crise, ainda hoje encontram na Europa o amparo de uma solidariedade geral que na África naturalmente faltaria.

Ha longos anos que algumas das nações de mais forte população possuem no continente africano vastas colónias. Se examinarmos, ao fim do profundo trabalho neles desenvolvido, os resultados alcançados, com desânimo verificamos que estão abaixo do mínimo que com pessimismo se podia supor. A emigração só vagarosamente acede ao apelo dos países africanos. E constata-se que povos que longa e aspiradamente lutaram pela posse de colónias —não têm afinal, todos os colonos que precisariam ter. Os grupos dos seus nacionais estabelecidos no estrangeiro são muito mais importantes e numerosos de que os que tomam rumo dos territórios adquiridos na África, na Ásia ou na Oceania.

Ao lado deste facto convém referir um outro, para mostrar a inanição da base dos que vêm nas colónias possíveis surtos de população. E' que muitos dos grandes países europeus compararam a interessar-se pelas actividades ultramarinas precisamente no momento em que as cifras mostravam que o desequilíbrio demográfico tinha desaparecido diante do desenvolvimento industrial. Certos países entraram na vida colonial quando a sua emigração tendia já a desaparecer; e a sua população não sentiu

### NO "PARAÍSO FASCISTA"

#### ADÃO E EVA



Hitler e Mussolini—Parámos esta bola ao meio meu Bonitinho

(Do Mucha, de Varecchia rep. do Lu de 7)



**Dia ao mundo que te escute como só  
gentis contigo!**

(De The Nation de New-York)

#### A influência das aquisições ultramarinas.

No verdade, a colonização não dará nunca uma fórmula que permita a resolução do problema dos excessos demográficos. Estes acuidarão no futuro como no passado, nos territórios que, com menor esforço, permitirão a colonização mais lucrativa. Não é este o caso das colônias africanas. Por uma espécie de fatalidade superior, a população tem-se acumulado nelas muito lentamente, na medida em que a ação do homem sobre o meio foi modificando as condições naturais, domando o que nelas há de violento ou de inconciliável com a vida da gente da nossa raça. Por isso, a difícil função de colonizar pôde ser desempenhada tão perfeitamente por povos de pequenas cifras demográficas, como por aqueles em que estas atingem dezenas de milhões. A colonização não é uma questão de numero. Mas ter colônias não é o mesmo que ter gente em demasia.

#### Inutilidade também de excessiva abundância de capitais para activar a colonização

Há também não é tanto uma questão directamente ligada à grande abundância de capitais como a muitos podem parecer. Na argumentos que se empregam facilmente e que encontram tão favorável acolhimento, mesmo entre pessoas de cultura económica, que no fim de certo caminho tomam o aspecto de dogmas. Encontramo-lo, depois, por falta dum exame atento, repetidos como verdades indiscutíveis e elevados ás culminâncias das ideias directoras do governo dos povos. Estas mesmas condições a opinião que aporta a necessidade dos grandes capitais disponibilizadas como factor essencial da colonização.

Ora o certo é que, se exceptuarmos as zonas minerais, onde, em qualquer ponto do globo, são facetas e possíveis sempre as grandes concentrações de capital, na quasi totalidade das regiões tropicais o dinheiro só encontrará em-

poco na medida em que o seu desenvolvimento agrícola o permitir. Este será sempre lento; dependerá não só de elementos respeitantes as proprias colônias, mas também de factos exteriores. De entre os primeiros devem destacar-se as possibilidades de integração do preto na disciplina dum trabalho ordenado e contínuo e uma prolongada ação sobre as condições naturais do meio, par lhes tirarmos a sua irregularidade e violência; de entre os segundos convém mencionar, pela sua fundamental importância, as probabilidades de absorção dos produtos pelos mercados externos. Quem examinar a lista das genêres coloniais facilmente poderá verificar que o Mundo chegou, quanto à maioria deles, ao estado de saturação. A política do aumento da produção nas colônias tem hoje um sentido quasi exclusivamente nacional. É uma tabuia de salvação. Cada país, fechado no seu egoísmo, procura assentir a actividade produtora ultramarina apenas nas necessidades dos seus próprios mercados, excluindo o recurso à produção alheia. Se para além deste nacionalismo violento encararmos o problema, vemos que da aplicação de grandes capitais ao desenvolvimento da produção sólido complicadas as condições da crise africana; desenvolver-se-á a produção dos géneros a que os mercados não poderão dar facil escoamento. E de notar, como circunstâncias de enorme valor, que ainda hoje muitas empresas agrícolas coloniais se mantêm em laboração graças apenas aos lucros noutros tempos acumulados.

Os efeitos da crise sentir-se-ão em África com maior agudeza se, por um lado, os Estados não tivessem acuidado a muitas das mais presentes dificuldades e se, por outro, as reservas do passado não fôssem cobrindo os prejuízos do presente. Mas já chegámos á sobreprodução. Muitas das matérias primas coloniais obtiveram, nouro tempo, preços que naturalmente não voltaria a ter em épocas próximas, porque as condições em que eram oferecidas mudaram. Temos em Portugal um exemplo de singular evidência na economia da ilha de S. Tomé, cujo brilhante desenvolvimento se deve, em grande parte, ás altas cotações de cacau — que hoje as circunstâncias do Mundo tristemente arrastaram até níveis que, se durante muito tempo se mantivessem, seriam incomportáveis. Esta ameaçada, assim, na sua progressiva vida, uma das mais fecundas e ás altas manifestações da actividade colonizadora da nossa época.

O que serão os preços do futuro? Guigo, com frequencia, afirmar que é preciso ser optimista. Ao contrário, eu creio que é preciso ser pessimista, prevendo o mal, para lhe fazermos face. O optimismo afasta-nos da realidade. Devia a opinião. Por certos meios comerciais terem encarado a vida das colônias com excessiva confiança é que a crise atingiu álbum-már a intensidade que lhe conhecemos. Não julgo que os tempos deurados voltem facilmente: a boa hora servirá a de preparar os povos para acertarem o trabalho árduo, a disciplina e os sacrifícios que as duras eventualidades do presente exigem. Os coloniais

precisam de se defender da opinião das que consideram a prosperidade como o estado natural das coisas e sobre elas allargam as suas organizações. Quantas ruínas se teriam evitado se, na arquitectura das actividades ultramarinas, todos os países tivessem considerado os grandes lucros como exceção e o esgotamento rápido de toda a produção como um favor da fortuna, que é, por natureza, inconstante!

O momento dumha crise como esta oferece, mais do que nenhum outro, uma boa oportunidade para estudarmos as coisas coloniais, sobretudo as africanas, sob o aspecto da sua resistência.

#### A situação das grandes empresas e dos pequenos colonos

Facilmente verificamos que as grandes empresas foram as primeiras a ceder diante do grande temporal económico que se levantou. Não é animadora a paisagem que por esse lado tem dante os olhos. Muitas das que não viem do favor do Estado, vivem amparadas pelo crédito, ou fechadas dentro de moratórias, de accordos, de transacções com crédores, quando não entraram ousadamente no campo das liquidações. Grande numero delas parou completamente a sua actividade. Assim acontece, em grande escala, por exemplo, na zona das industrias minerais. As colônias onde dois terços dos capitais investidos se consideram perdidos. Através da formula das grandes empresas tinha a colonização penetrado no grande público, absorvendo largas quotas das economias privadas. A colonização pela Bolsa é hoje uma grande ruína. E ás delas ficou, para durar muito tempo, a desconfiança geral.

Nem pode isto surpreender a quem pensar nos grandes riscos que oferece a colonização de capitais em regiões francamente povoadas, em que o trabalho é uma força incipiente e cuja riqueza é, muitas vezes, uma obscuridade interrogatória. Constituiram-se em muitos casos grandes acumulações de capital, com fins que se diziam coloniais: no fundo viavam o sustento de certas industrias europeias ou simples manobras de Bolsa. Assim se ergueram, na África, construções gigantescas, que não conseguiram sustentar-se fora dos organismos metropolitanos, e por muito tempo hão de onerar a pobre economia colonial com encargos que os recursos locais difficilmente poderão comportar, e que, na verdade, não são sempre justificáveis, á face das necessidades das variás regiões. O estudo imparcial da actividade das grandes empresas coloniais, que muitas vezes dispunham de somas astronómicas, mostra quasi sempre o seu insucesso. Os industriais e os financeiros abusaram das colônias como objectos de lucro: estas tornaram agora á sua terrível vingança. Para evitar abalos profundos, é preciso que a aplicação de capitais no Ultramar se faça atendendo exclusivamente ás necessidades destas e não ás das industrias ou das finanças metropolitanas. Nas colônias convém talhar com mãos longas. Mais devemos contentar-nos com a terra, sem logo ambicionar-nos chegar ao Ceu. Nem sempre se faz assim, e esse foi o erro. Sobrecarregaram-nos, por isso, as colônias com o peso de juros e

de amortizações que a sua economia não pode suportar, em vez de lhe dar seguros elementos de força, a desordemada e imoderada entrada de capital acabará sempre por se revelar um factor de ruína. O capital deve ser copioso e entusiasmado; que nunca falte o necessário, mas que também nunca transborde.

A média e a pequena colonização têm mostrado maior poder de resistência do que as grandes capitais. As duas vastas colônias portuguesas de Angola e Moçambique dão-nos um exemplo flagrante do que elas valem como força de vanguarda colonial. Verridos pelos primeiros vendavalos os cascos de simples má gestão, pode dizer-se que as forças das colônias ficaram intactas. O comerciante e o agricultor não abandonaram os seus postos. Apesar de todas as dificuldades da hora presente, quais podemos, sem erro, falar da permanência das quantidades exportadas. Em muitos casos, mesmo estas aumentaram.

Não admira: A administração por elas exercida tem um carácter imediato. A direcção não se dilui; as ordens não se afastam dos seus objectivos e o trabalho sobre a influência dum incitamento eficaz: o estado maior e a burocracia são os estritamente indispensáveis. Nenhuma actividade se põe; nenhum esforço é desproporcional; nenhuma despesa deixa de ter um fim útil. E eu considero, cada dia com mais fortes razões, que estas são as grandes molas do éxito nas actividades coloniais.

Não sei assim se o triste correctivo que às passadas audacias do capital privado esta crise infringiu, só não terá desencorajado por muito tempo, nem se elas conseguirão em retomar os longínquos caminhos da África, da Ásia e da Oceania sem solidas garantias por parte dos Estados. Mas sei que a colonização pelas grandes massas de capital não teve a fecundidade e não deixou—no Ultramar—atris de si, a solidade e resistente obra que as pequenas iniciativas, as pequenas economias aplicadas e administradas por quem as reuniu têm construído lentamente.

#### O que tem sido a colonização portuguesa e os seus resultados

Nas colônias portuguesas estamos em frente dum caso típico de colonização levada a cabo por um povo de pequena população e de modestos recursos monetários; e que, apesar disso, chegou modernamente na África a resultados que não temem confronto com os que conseguiram os povos mais populosos e ricos do mundo. Examinemos, em primeira lugar, a questão das populações. Permitam-me que cite alguns números. Em 1913, nos 3.000.000 de quilómetros quadrados que tinham de superfície as vastas colônias alemãs espalhadas pelo globo, viviam 24.839 europeus; nas grandes colônias Italianas de África, segundo dados dignos de fé, habitavam agora 54.500 europeus, o que representa, inegavelmente, um limitado esforço nos 7.000.000 de quilómetros que tem de superfície a África Oriental e Equatorial Francesa; no Camarão e Madagascar vivem 49.000 europeus e assimilados; no Congo Belga havia, há pouco, 20.000 europeus; na Gold Coast, Ber-

ra Leoa, Kenya, Uganda, Tangâniaka, Zâmbia, Niassaland e Rodesia do Norte, segundo publicações dignas de crédito, haviam 42.000 europeus. Nas colônias portuguesas da África residem, na hora actual, calculando baixo, não menos de 80.000 europeus e mais de 120.000 assimilados. Temos 80 brancos por 10.000 indígenas; das outras colônias referidas, a cifra mais alta é de 25 europeus por 10.000 pretos. E, enquanto Portugal representa 30 europeus por 1.000 quilómetros quadrados, nas outras colônias tropicais a proporção não deve ir, em área igual, além de 24.

Assim parece que nenhum país conseguiu, tanto como Portugal, interessar as suas populações no desenvolvimento das colônias tropicais. Um país de pequena demografia obteve resultados que não se os outros terão atingido—apesar das massas enormes da sua gente. Atribui-se a Bismarck, com ou sem verdade, a afirmação de que Portugal é um país com colônias e sem colonos. Os numeros desmentem categoricamente esta opinião, que foiposta a correr Mundo e deu origem a muitas e injustas apreciações sobre a actividade colonial do meu País. Portugal é no Mundo um dos países que mais colonos têm.

Pode considerar-se prodigioso o desenvolvimento do comércio africano nas últimas dezenas de anos. Todas as nações que sobre si tomaram a grande tarefa de debravar o mistério do continente negro têm sabido estar, sem exceções, à altura das suas graves responsabilidades. A nenhuns sacrifícios de vidas ou de dinheiro se têm pougado. Em lugar das raquíticas cifras que indicavam o comércio de há 30 ou 40 anos, encontramos hoje números que resumem sempre milhares.

É difícil, nesta matéria, reunir elementos que não possam ser discutíveis. Nas próprias publicações oficiais topamo-nos com divergências. São diferentes os métodos de notação e de elaboração: números que parecem comparáveis não o são em rigor. Com todas as justas reservas me permito por isso ler aqui algumas cifras.

Em 1928, o comércio total das colônias da África Ocidental Francesa, com os seus 11.000.000 de habitantes, foi de 2.761 milhões de francos; a cada pessoa pertenciam 249 francos. No mesmo ano, a África Equatorial Francesa, Madagascar e suas Dependências movimentaram 1.550 milhões de francos nas suas importações e exportações: a cada um dos 6.750.000 habitantes que estes domínios têm corresponde uma quota de 229 francos. Traduzem estes números um esforço de extraordinária importância e intensidade.

Em 1929, o comércio geral das colônias inglesas de Kenya, Uganda e Tangâniaka somou 26.071.291 libras—o que corresponde a Liras 2.6 por cabeça. A Nigéria, pôrpora, por mais de 19 milhões de negros, teve um comércio avaliado em cifra de 31 milhões de libras—or seja por habitante Liras 1.12.

As colônias Italianas de África tiveram em 1930 um comércio marítimo que veio totalizado em 651.5 milhões de liras: é de 973 libras a capitalização obtida, e é, sem dúvida, muito alta.

O comércio externo do Congo Belga atingiu em 1930 o enorme quantitativo



Ostino da Igreja de Potadam onde funcionava o novo Reichstag  
(Da Leningradskaya Pravda, de Leningrado)

de 3.320 milhões de francos: são 385 francos por habitante. Não podiam sequer sonhar com estas cifras os quase dois milhares belgas, que não há ainda muitos anos trouxeram o Congo para a civilização, escrevendo na história do seu país páginas de imperecível glória. Os seus esforços e lutas fortificaram em larga escala.

Tendo falado dos outros, não parecerá mal que fale agora do meu País. Ficam bem no alto dos numeros citados os algarismos que marcam o movimento comercial das colônias portuguesas de África. Em 1930 somou elas a enorme quantia de 4.244.878 milhares de escudos. Apesar da crise, a captação comercial correspondente foi de cerca de 500 escudos.

Se é certo que todos os países fizeram o que deviam e trabalharam com o afínco e denodo que a nobre missão de colonizar exige, bem parece que Portugal soube dignamente enfileirar entre elas—levando até a um lugar que avulta entre os primeiros a exploração das terras que ocupa.

#### O que temos feito em obras de fomento: portos, linhas ferreas e estradas

Como elementos essenciais de toda esta intensa actividade comercial aparecem-nos os portos, as estradas e os caminhos de ferro. Milagrosamente, a iniciativa do europeu sulcou as colônias em todos os sentidos com rica de comunicação moderna.

No oito ou nove meses anteviços, a África de costa a costa em poucos dias: partindo do Lubito sobre o Atlântico, desce o comboio sem interrupções em Lourenço Marques, sobre o Índico. Pela primeira vez um veículo sobre «raiadas» do Oceano a Oceano. Cito este facto, que ficou ligado à história dos Caminhos de Ferro de Benguela, como indicio do imenso trabalho realizado e das facilidades de comunicação já existentes.

E consistem que reivindique para o meu País um lugar de relvho entre os que mais intensamente se têm dedicado à tarefa de abrir na selva os caminhos da civilização.

Falemos primeiro dos portos.

Não se tem Portugal pougado a despesas para construir nas suas colônias de Angola e Moçambique portos que satisfazem a todas as exigências da técnica moderna. E pode dizer-se que, pelo seu próprio esforço, já em ambos os litorais de África, Lobito e Lourenço Marques oferecem à navegação uma utensilização modelar. As obras em curso no Lobito custaram cerca de 50 milhões de francos; em obras e utensilização empregaramos em Lourenço Marques mais de Liras 2.300.000. São portos magníficos, a que o maior futuro está reservado. Convém juntar-las à Beira, onde obras importantes vão avançando e que, em breve tempo, rivalizará com os melhores portos de África.

Para se ter a noção exata do valor relativo dos grandes portos africanos portugueses, basta dizer que em 1930 entraram em Lourenço Marques 1.671 navios, tendo embarcado e desembarcado 1.876.000 toneladas e 163.025 passageiros. Em Durban entraram 1.283 navios, em East London 740, na Beira 644, em Dar-es-Salam 601 e 637 em Mombasa.

Se é certo que a natureza favoreceu singularmente os nossos portos, não é menos certo que das suas condições próprias não temos procurado tirar todo o proveito possível. Assim os vamos elevando até ao nível em que se encontram os mais importantes.

★ ★ ★

Em matéria de estradas e de caminhos de ferro não tem sido o nosso esforço menor do que o dos outros países coloniais. Temos em Angola e Moçambique 2.750 quilómetros de vias férreas em exploração e mais de 58.000 quilómetros de boas estradas em todas as possessões africanas.

Desculpem-me se ponho diante dos vossos olhos os números que justificam a minha afirmação. Mas pertence a um País que tem sido no estrangeiro muitas vezes injustamente apreciado, que eu não posso perder esta ocasião de dizer o que temos construído e o que somos como elemento criador de riquezas e de civilização.

Para a África Ocidental francesa, Madagascar e África Equatorial, vasto império com mais de 20 milhões de habitantes e 6.735.000 quilômetros quadrados, cita o *Annuaire Statistique de la France* 3.059 quilômetros de via férrea. O Congo Belga tinha em 1930 conseguido já 3.750 quilômetros, realizando assim uma tarefa imensa. A Itália, nas suas grandes colônias tinha 849. A Nigéria, para as necessidades, de 19 milhões de habitantes tinha 1.821 milhas de linhas e a Rhodesia do Norte 506.

Ora de titãs se pode chamar a que levou a estes resultados. Já hoje não podemos fazer uma ideia certa das dificuldades que foi preciso vencer para cruzar o sertão africano, em todas as direções, com dezenas de milhar de quilômetros de caminhos de ferro, dominando as resistências dos homens e das coisas. Há poucos anos ainda o interior da África era praticamente inacessível. Tudo dependia da lenta marcha das caravanas.

O «rai» mudou as condições da vida. Entregou a África ao branco e às sociedades negras, tradicionalmente tumultuárias, levou desconhecidos elementos de riqueza e bem-estar. Deixou sobretudo um que elas ignoravam: a paz.

Ao citar os números que si ficassem só apenas atribuir a Portugal a sua grande e justa parte nesta gloriosa transformação.

### O que são as virtudes do colono português

Lugar de igual relevo nos cabe na matéria de proteção ao indígena, de assistência sanitária agrícola e pecuária. Não documentarei agora com números estas afirmações porque falo há muito tempo já e não quero cansar mais. Limitar-me-ei por isso a salientar que toda a obra colonial portuguesa, levada a cabo por vezes com exigência de fortes sacrifícios por parte da Nação, não acumulou pesados encargos sobre os organismos ultramarinos. Pode dizer-se que, exceptuando Angola, que deve cerca de 800.000 contos, o futuro das restantes colônias está livre. Podemos apresentar Moçambique como o exemplo de uma administração que tem sabido desenvolver-se dentro das suas próprias possibilidades e das disponibilidades gerais do Tesouro, sem utilizar a sua capacidade de crédito.

Pode dizer-se que a colonização portuguesa, de um modo geral, tem conseguido avançar regredadamente sem nunca forçar as finanças do Estado a gastos incomportáveis, contentando-se com pouco quando chegam os tempos das restrições e sempre realizando muito. Nesse admirável espírito de adaptação está um dos grandes segredos dos nossos triunfos ultramarinos. A seu lado o convém colocar três outros factores: a iniciativa do colono, o seu profundo nacionalismo, o talento de tratar com as raças inferiores.

Não tem o colono português encontrado quem dignamente proclame as suas virtudes. E contudo elas podiam

ser apresentadas ao Mundo inteiro como exemplo de audácia fria, de desprezo pelo perigo, de indiferença pelo sofrimento, de sobriedade, de persistência no trabalho, de amor à terra. O colono português tem a sua propriedade, a sua loja, a sua pequena indústria, quasi com um posto de hora. Se a crise vem e inesperadamente lhe tira todo o lucro como que durante anos sonhou resignadamente pôr-se a viver com pouco, espera, fica e reconheça.

Um grande sentimento poetiza a sua vida: o amor a Portugal. O simples nome da Pátria arranca lagrimas de enternecimento aos seus olhos—que nenhum outro sentimento poderia fazer chorar. Valem de Portugal a qualquer colono lusiada perdido no sertão africano: vê-lo transfigurar-se em soldado. Temos assim algumas dezenas das melhores fortalezas em África. O sentimento da unidade da Nação—a mesma na Europa, na África, na Ásia ou na Oceania—domina a sua vida. E Portugal pode pedir-lhe os últimos sacrifícios que, sem hesitar, o fará alegremente.

Falo com saber feito de experiência e gratidão, porque muito tenho pedido, em nome da colectividade, e muito sem regatear, nesta hora difícil, me tem dado.

### O amor dos indígenas à Metrópole

E isto explica o facto de, quasi sem força militar, dominarmos, em plena paz, as grandes populações que trouxemos para a sombra da nossa bandeira. O colono português tem a intuição profunda dos bons métodos da política indígena. Sem violência sabe fazer-se obedecer. Sem rigor consegue a disciplina no trabalho. Como ministro atravessei as colônias portuguesas da África da ponta à ponta; penetrei sónhio em multidões profundas; misturei-me algumas vezes com a turba negra, sem defesa. Sempre me vi acolhido pelo clima alegre do gentio, sempre as suas manifestações de amizade me mostraram que a autoridade que eu representava era olhada com respeito, isento de todo o terror, considerado como a pro-



*Apesar de meu estômago, isto é que não sei se posvere engolir...*

teção de que se necessita e que se deseja. Esta conquista do coração do povo é a obra formidável de todos os portugueses das colónias—de todos sem exceções—e a marca indelevel da nossa colonização—que nos todos confundimos com o próprio futuro de Portugal e consideramos tão necessária às almas como a independência.

E perguntareis agora, naturalmente, se nos contentam os resultados alcançados. Contentes estamos certo, como quem muito e honradamente tem trabalhado e vê dia a dia crescerem-lhe os bens. Mas não estamos satisfeitos. A fascinação do passado faz-nos julgar sempre mediocre o presente. A ambição nacional exige que cada dia façamos mais e melhor; e havemos de fazê-lo, porque sabemos, queremos e podemos.

Ao final, reparo que a paixão pelas coisas coloniais me leva a falar-vos mais como membro da ilustre agremiação que aqui se reúne—e a que tanto me honro de pertencer—do que como ministro que tendo-vos dado as boas vindas, em nome do seu Governo, se deveria talvez ter limitado, protocolarmente, a desejar o competente êxito dos vossos trabalhos.

Mas na verdade o facto de ver aqui reunidos tantos coloniais de grande categoria, ilustres por inúmeros serviços prestados à causa ultramarina e tão distintamente presididos pelo meu compatriota sr. conde de Penha Garcia, tornaria inutil a expressão desses desejos pela antecipada certeza de que as vossas discussões deixariam fecundo resultado—para o bem de "todas as Nações".

Nas sessões seguintes o sr. Solus apresentou a sua tese sobre *O direito privado em matéria de relações entre indígenas e não indígenas*, e o dr. Vicente Ferreira sobre *O regime monetário nas colónias*, que foi impugnada pelos sr. J. Coatman e Ruy Ulrich, e defendida pelo dr. F. Emílio da Silva. A tese do sr. Solus foi discutida por Speyer, Charles e Mafisco.

Discutiu-se a crise das colónias, iniciando a discussão o sr. Vivier du Stru, a que se seguiram os sr. Lisboa de Lima, O sr. Conde Narren fol o relator da 3.ª tese, *A crise nas colónias*.

O dr. Armando Cortesão apresentou um relatório sobre *A Guiné portuguesa e a crise*, e o sr. engenheiro Bacelar Beblano outro sobre *A colónia de Cabo Verde e a crise*.

O sr. Presidente da República recebeu os congressistas, o sr. Conde de Penha Garcia deu-lhes uma festa íntima em casa, e no Grémio Alentejano os congressistas portugueses deram um banquete aos seus colegas estrangeiros.

Incorporando-se ainda nos trabalhos do Instituto Colonial Internacional fez o sr. Luiz Frank, no dia 19, uma conferência na Academia das Ciências sobre *As políticas indígena, económica e financeira seguidas pela Bélgica no Congo Belga*, que foi muito aplaudida.

#### Varias

Uma entretida oportunidade «As ambigüedades sobre as nossas colónias só nos devem estimular para fazermos tudo pelo Império» diz-nos o conde de Penha Garcia, é o título de um artigo muito curioso no *Diário de Lisboa* de 17.

— Brito Camacho e as colónias é o título de um artigo de Aquilino Ribeiro publicado no *Diário de Lisboa* de 19.

— Reuniu-se, no dia 15, no Palácio da Ega, à Junqueira, a Comissão da História da Colonização Portuguesa. Depois de algumas discussões sobre se seria preferível a organização de uma Historia Geral Sintética e Sincronica ou de Monografias das nossas actuais colónias e das que já nos não pertencem, ficou resolvido que se adoptasse este último critério, fazendo anteceder o trabalho de uma Introdução Geral à História da Colonização.

Em 15 de Maio, a comissão reuniu-se,

de novo, para assentar, definitivamente, no plano a entregar ao sr. ministro das Colónias.

**CONFERENCIAS**—Na Semana Portuguesa, em Vigo, pelo tenente sr. Henrique Galvão, *A Gélos no povoamento das colónias*; no dia 12, no Centro Socialista de Alcântara, o sr. Mário Coelho, sobre *A Província de Angola*.

**BIBLIOGRAFIA**—Gilberto Marques—*Africais. Portugal futuro; Colónias de Moçambique. Território de Manica e Sofala; Luís Teixeira—Na roda do Baile*.

#### Historia

Da conferencia que sobre *Joens d'Áro* o professor da Universidade de Coimbra dr. Providência Costa tinha feito na Associação dos Estudantes Católicos do Porto reproduz a Voz do dia 10 um largo excerto.

**BIBLIOGRAFIA**—Moses Benabat Amazak—*A política dos principais de Itália*; id.—*Um discurso de Messanah ben Isael recitado em Amsterdão em 1642*; Testemunho da Fonseca—*Um punhado de genealogias*.

— G. Lencote—*La Maison des Cermes*, 22 fra.; Guy de la Batut—*Louis XV*, 15 fra.; Jaques Boulanger—*Sous Louis Philippe: La Boulevard*, 15 fra.; Miguel de Unamuno—*Avant et après la Révolution*, 15 fra.

#### Geografia

**BIBLIOGRAFIA**—José Pinto Guimaraes—*Paraguasi*.

#### Portugal

— Em O Seculo de 16 publica Vostrelink um artigo sob o título: *O castelo de Wyckem na Holanda*, que foi pertencente dum português, vai ser vendido.

**CONFERENCIAS**—No dia 5 realizou o engenheiro sr. José Araújo Correia, na Sala Algarve da Sociedade de Geografia, uma conferencia sobre *O genio da raga*.

**BIBLIOGRAFIA**—Mario de Gusmão Madeira—*O Aleijado desconhecido*.

**Este numero foi visado pela comissão de censura.**

## V--Letras

- A) As letras e os letreados:** *Instituições culturais. Prémios e estímulos literários.*  
**B) Bibliotecas e arquivos:** *Biblioteconomia. Paleografia. Cronologia. Diplomática. Selos e gravuras. Numismática. Filatelia, etc.*

**C) Bibliografia:**

- a) *Bibliografia. Dicionários. Obras gerais.*
- b) *História literária. Biografia. Memórias, cartas, etc.*
- c) *Romances. Contos. Novelas.*
- d) *Poesia.*
- e) *Obras para crianças.*
- f) *Diversos.*
- g) *Literatura estrangeira e traduções.*

**D) O Livro:** *Artes gráficas. Decoração do livro. Ex-libris.*

## A língua portuguesa

Vem fora do tempo. Será, porventura, o mal novo, recente e insperado? Ninguém, com conhecimento de causa, ousará afirmá-lo. Não se trata, como à primeira vista poderia parecer, dumha varinha de prumo instantanea, virulenta e

violenta, porque estamos perante uma epidemia antiga, já fértil em estragos profundos e de há muito a reclamar remédios, que ainda não lhe foram aplicados. A doença não se caracteriza pela sua espontaneidade. Não se autogera. Não

principiam os filólogos e os puristas a afogar-se com os maus traços que este nosso idioma, dumha riqueza sem par, está sofrendo por parte de muitos que o escrevem e falam, sem saber o que fazem nem o que dizem. A reacção é tardia.

provem de focos desconhecidos. Situa-se na propria base do nosso «casino». Basta, para se ter a certeza disso, tomar contacto, ainda que pela rama, com os programas da instrução pública portuguesa. Chega, e de sobra, reparar na forma como nas escolas nacionais se ensina, em geral, o português e atentar no lugar que ele ocupa entre as disciplinas com que empareixa. Se não se fez dele um filho espírito, pouco menos. Deve-se-lhe, teoricamente, uma importância máxima. Mas, na prática, tudo claudica, tudo soscobra, tudo se afunda num mar de superficialidades, capaz de afogar as mais visíveis, as mais prometedoras vocações literárias.

E ver o português que fala e escreve a grande maioria dos alunos dos nossos liceus. Nem brilho, nem observação, nem sentimento, nem nada. Chame-se um estudante do sétimo ano de letras. Dê-se-lhe um tema, por banal que seja, para ele desenvolver por escrito. O monstrozinho que ele cria, a que pretende dar cor e movimento, que ele anima com os seus conhecimentos e com a sua inteligência, mete medo. Nem ideias nem, frequentemente, sombra de bom senso. Palavras sem nexo, termos fora de propósito, frases pueris, ignorância perfeita da arte de redigir é o que ele revela com uma evidência e uma semi-cerimonia, diante das quais não há paciência, por mais sólido, nem boa vontade, por mais benevolente, capaz de resistir. O espectáculo indecoroso principia por indignar. Depois confrange, tortura, entristece. Dos bicos da pena do letrado incipiente não saiu nada que mereça admiração. Cinco anos de latim a pesar-lhe sobre os ombros e sete de português arrumados na sua pasta escolar não lhe abriram os miolos, não os abasteceram de regras fundamentais, não o ensinaram a ser claro, conciso e correcto. E assim, em vez de produzir duas ou três dúzias de linhas, que se leiam com prazer, deu de si, quando muito, um relatório de cabo de esquadra, em que a sintaxe anda às turmas com a ortografia e o bom gosto não roçou nem ao de leve os seus dizeres ingénuos, pueris, por vezes picarecos e quase sempre ridículos.

Donde provém semelhante incompetência para o uso da língua pátria, que é o instrumento superior e indispensável com o qual o homem se apresenta a travar todas as batalhas, que são o rechelo da existência? Da falta de zélio dos professores? Não. Os professores fazem tudo quanto podem para ensinar bem, para cumprir o seu dever. Afirmo-o com prazer. O mal resulta da falha palpável, inlidível, de não haver, desde a escola primária ao último ano dos liceus, aulas práticas de redacção, nas quais se ensinasse apenas a escre-



Barulho de botas, botas, botas...

(De *Le Rire*, Paris, rep. no Lu de 21.)

ver, pondo-se de lado toda a teoria, que noutras aulas se ministra convenientemente. E' desta lacuna que resulta o português bárbaro, que para si se escreve, com um desafôr a reclamar os maus duros correctivos. Nem todos nascem para literatos, para jornalistas, para poetas. O fogo sagrado, de que tem brotado os imortais monumentos literários, que a Humanidade se ufana, a poucos ilumina. São raros os que o sentem arder no cérebro e nos nervos. São poucos o que a deusa inspiração abriga sob as suas asas de quimeria e de sonho. E é por isso mesmo que as grandes obras de arte, marcos inestrutivos de todas as civilizações, não abundam. Mas do gênio à mediocridade equilibrada e sensata vai uma distância infinita, dentro da qual, se não é possível criar celebridades, se pode difundir uma cultura metódica e rigorosa, que não faça dos ignorantes pedantes nem dos pobres de espírito perigosos engenheiros. E' sobre essa zona amorfa que devem incidir os cuidados dos pedagogos e dos educadores. Os tipos excepcionais caminham por si. Não necessitam de muletas. A força estranha, a vibrar dentro deles, não os deixa ficar pelo caminho, como animais cansados e inutéis.

Mas os outros, os que não sofrem a ação impulsiva do bafo dos deuses, esses não podem ser entregues ás suas próprias faculdades, ás suas debilis energias. E' principalmente para eles que se inventou a escola. E' nessa escola que a sua inferioridade mental, que a sua inércia, que a sua irreflexão, que o seu desapago pelas letras tem de ser modificado, sofrendo todas as metamorfoses, exigidas pela sua condição de filhos espúrios da inteligência. Não se injecta massa cinzenta na caixa craneana de ninguém. Os magos da cirurgia ainda não descobriram o processo de realizar esse prodígio, nem provavelmente pensaram nisso. E' possível, todavia, se não fácil, molhar, afeitar, aperfeiçoar e tornar mais plástica e mais ductil a que cada um traz do ventre materno.

Para isso mesmo é que há ensino. Como há de escrever com correção todo aquele que passar pelos bancos das escolas sem sofrer as lapidações que o seu espírito tacanho ou inclinado apenas ás especulações científicas, reclamar? Não se trata simplesmente de aproveitar tendências individuais ou vocações imperativas. Seria pouco isto. Seria tarefa quase inútil. A tarefa a realizar é outra. Consiste nesta coisa rudimentar e simples de se incentivar gosto pela escrita em quem o não tenha, em se evitar que salam das nossas escolas carpinteirando em português bárbaro, ininteligível e afrontoso, aqueles que por elas passam, carregados de livros e, as mais das vezes, já velhos aos dezenas de anos...

A criação da cadeira da arte de bem escrever a língua portuguesa, a instituição nos liceus de Portugal dum aula catedrática em que o ofício de redigir se aprenda a fundo, é tão necessária á nossa cultura como o pão é á nossa existência física. Sem ela o português bárbaro, encarrapinhado, retorcido e mascavado que para si se usa, por não se saber construir outro melhor, continuará a ser uma das maiores vergonhas do nosso tempo. Na actual organização do ensino, não se deu á prática da composição literária o merecido lugar. Como podem os professores, assoberbados pelo ensino de programas vastíssimos, abrir esse lugar indispensável? Os franceses há muito que compreenderam a importância máxima que na vida dumha criatura humana desempenha a boa e correcta escrita. E por o terem compreendido é que nos seus estabelecimentos culturais se dá á composição literária importância capital. A epistolografia francesa é o espelho do esforço feito pelos pedagogos da França para que o idioma de Corneille e de Michelet não também num barbarismo aviltante. Poulot, o subtíl desenhador das portelras e dos garotos de Paris, publicou, em tempos, em volume, alguns dos seus melhores desenhos, traçados como comentários á Grande Guerra. O livro, curiosíssimo e desopilante por vezes, traz um prefácio. De quem? De duas portelras, que lhe escreveram duas cartas, uma descompõendo-o sem piedade e outra exaltando-o sem reservas. Lelam-se essas cartas, vindas do povo. Quantos alunos dos liceus portugueses, quantos diplomados, quantos letrados com cartas de longos e difíceis cursos seriam capazes de as redigir?

Se a arte de escrever é, entre nós, uma dolorosa lástima; se esta facilidade, que se nasce com cada um de nós também pode ser adquirida com a prática e com a leitura, ainda por si arrastada pelas ruas da amargura e envolta em farpas andrajosas e indecentes, a arte de falar e de dizer também não

está mais afinada, também não é de maior e mais avançado prestígio. Uma e outra equivalem-se. Fundem-se nos mesmos cadinhos. Os rapazes de hoje não sabem falar, não conhecem a música delícia da sua língua. Expressam-se, geralmente, numa algaravia tumultuária, em que as palavras se atropelam com furor, jogando o murro, cabofeteando-se, recusando-se a ligar-se e a unir-se por esse fluido, subtil chamado ritmo. Ovidos educados não toleram sem reagir essa sarabanda de sons quase inarticulados, em que as gerações de agora exteriorizam os seus pensamentos e os seus sentimentos. Não é apena o esmal que adquiriu foros de classicismo, que no pôe os cabelos em pé. São as próprias expressões verbais do dicionário que, despedidas como pedras, rolando ao acaso umas sobre as outras, causam a quem as ouve um amargor de fel, que dificilmente se extingue. A gente nova do nosso tempo é pouco. Não tem tempo para isso.

### A nova lei da censura

Usando da facultade conferida pela 2.ª parte do n.º 2º do artigo 100.º da Constituição, o Governo decreta e eu promuo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º—É garantida a expressão de pensamento por meio de qualquer publicação gráfica, nos termos da lei de Imprensa e nos distes decretos.

Art. 2.º—Continuam sujeitas a censura prévia as publicações periódicas, definidas na lei de Imprensa e bem assim as folhas volantes, folhetos, cartazes e outras publicações, sempre que em qualquer delas se versem assuntos de carácter político ou social.

Art. 3.º—A censura terá somente por fim impedir a prevenção da opinião pública na sua função de força social e deverá ser exercida por forma a defendê-la de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum, e a evitar que sejam atacados os princípios fundamentais da organização da sociedade.

### Academia das Ciencias de Lisboa

#### Sessão do dia 6

Reuniu no dia 6 a assembleia geral da Academia das Ciencias de Lisboa, presidida pelo dr. Júlio Dantas. Depois reuniu a classe de Ciencias, sob a presidência do sr. dr. Pedro José da Cunha, secretariado pelo sr. dr. Pereira Forjaz. O sr. dr. Egas Moniz realizou uma comunicação sobre «Produção esclerogomose da dura-mater, simulando um tumor cerebral», trabalho este, feito em colaboração com o sr. dr. Amândio Pinto.

Descreveu o caso de um paciente com sintomatologia de tumor cerebral: efusão intensa, estase papilar e perda de visão, acessos epilépticos iniciais,

As aulas e o cinema divorciaram-nos dos bons autores, mestres da língua. Daí, não conhecer senão a linguagem banal de todos os dias, que ninguém corrige, nem enriquece, nem depura. Como remediar esta calamidade degradante?

Instituindo, onde se mostre mais conveniente, cadeiras em que se ensine concretamente a falar, a redigir, a declarar. Há, nos programas oficiais do nosso ensino, muito a suprimir, por desnecessário, exagerado e confuso. Fazem-se essas supressões. Ampõe-se tudo o que for excessivo. E abrir-se-á por esse meio espaço suficiente para lá caberem cursos de redacção e edição, tão preciosos ou mais como os restantes. A fala foi dada ao homem para ele exprimir com limpides o que quer, o que deseja, o que pensa e o que sente. Não cultivar ao máximo essa maravilhosa dádiva da natureza é opor à civilização obstáculos irremovíveis. Um povo culto não pode ser formado só por literatos, por grandes escritores ou por fulgurantes artis-

tas da palavra. Mas nenhum povo pode orgulhar-se de civilizado sem saber falar e escrever bem, correntemente e com simplicidade, a sua língua. E essa virtude não se impõe nem se inventa. Adquire-se nas escolas e são os professores que a inoculam na intenção e na consciência dos seus alunos. Vive-se em Portugal, pelo que respeita ao uso que se faz do português, perante um pecado original, perpetrado pelos pedagogos e reformadores do ensino público. Redimire-á esse pecado, dando-se más escolas à arte de falar e de escrever a importância que lhe é devida. Só assim se evitaria que dessas mesmas escolas saiam, em vez de criaturas apias a saber o que dizem e o que escrevem, rabiscadores dum idioma grosseiro e desconhecido, e papagaios infantuados, que articulam sons sem saber o que fazem...

ADELINO MENDES.

(De *O Século* de 2 de Abril)

pelo governador civil, pelo presidente da respectiva comissão de censura, e por pessoas idóneas, que o Governo nomeará.

Junto de cada comissão de censura haverá um representante da Imprensa.

1.º—O recurso será interposto por meio da exposição fundamentada em papel comum, acompanhada da prova original censurada e com indicação da Comissão de Censura que proibiu a sua publicação.

2.º—Quando em recurso for autorizada a publicação do escrito censurado, a entidade que julgar o recurso, ponderando as circunstâncias que ocorreram, poderá propor ao Governo que a empresa jornalística ou o proprietário da publicação seja indemnizado dos prejuízos, propondo também o quantitativo da indemnização.

Art. 5.º—O Governo expedirá, por intermédio do Ministério do Interior, as instruções adequadas à execução deste decreto.

Art. 6.º—Este decreto entra imediatamente em vigor.

Art. 4.º—A Censura será exercida por comissões nomeadas pelo Governo, podendo ser remuneradas as respectivas funções.

Art. 5.º—As comissões de Censura ficam subordinadas ao gabinete do Ministério do Interior, por intermédio da Comissão de Censura de Lisboa, que funcionará como comissão central.

Art. 6.º—As comissões encarregadas de Censura não poderão alterar o texto censurado com aditamentos ou substituições, devendo limitar-se a eliminar os trechos ou passagens reputadas inconvenientes de harmonia com o disposto no artigo 3.º.

1.º—A permissão, pela comissão de Censura, da publicação de qualquer escrito, não revela responsabilidade civil e criminal dos autores ou responsáveis pelo escrito, nos termos da lei de Imprensa.

Art. 7.º—Das decisões da comissão de Censura ha recurso para o governador civil do respectivo distrito, salvo em Lisboa e Porto, onde os recursos serão decididos por uma comissão composta

hemianopsia transitória e halucinação visual, a que fez a prova encefalográfica. Os sintomas neurogénicos e a arteriologia estavam de acordo sobre a localização de um tumor nos lobos temporal e óptico direitos. A arteriografia cerebral mostrava, ainda, que a neoplasia não tinha circulação própria intensa, e que o polo anterior do lobo temporal, impulsionado pelo tumor, exercia uma forte compressão sobre a parte superior do sifão carotídeo, à altura da pequena curva do esfenóide. Operado pelo sr. dr. Amândio Pinto, foi encontrado um tumor da dura-mater, que se estendia para a parte inferior do cérebro.

Foi excisada uma grande porção do

tumor, com uma espessura de perto de 2 cm. O doente, dois dias depois da operação, podia levantar-se; as dores de cabeça tinham desaparecido, e a visão começava a clarar-se. Passados alguns dias, saiu do hospital. Observado, um mês depois da operação, apresentava uma visão muito melhorada e sentia-se bem. O exame histológico do tumor mostrou que se tratava de um processo esclerogómico astítico.

Contudo, este doente não melhorara com uma medicação adequada. Quando se trata de produções desta natureza, é necessário operar os doentes sob pena destes ficarem cegos, podendo, ainda, sobrevir piores consequências. Após o exame histopatológico

co, foi-lhe instituído um intenso tratamento complementar anti-tuberculoso.

O sr. dr. Egas Moniz demorou-se em considerações sobre alguns dos aspectos sintomáticos, apresentados pelo doente, e que, em sua opinião, devem ser considerados como pertencendo a esta espécie de lesões intracranianas.

O sr. dr. Silva Carvalho exaltou o alcance científico das novas investigações realizadas pelos sr. drs. Egas Moniz e Amando Pinto, associando-se ao sr. presidente.

Depois, o secretário da secção, sr. dr. Pereira Forjaz, ofereceu à Academia, em nome do seu autor, quarenta e duas obras do sr. professor dr. Simões Raposo, apreciando o último desses trabalhos, que tem o título: «Contribuição para o estudo da imunidade anti-câncerous», e se ocupa das experiências, feitas em animais sôcios, do ensaio de tecidos cancerosos. O método dos ensaios permitiu esclarecer a maior parte dos problemas relacionados com a evolução dos tumores malignos. No decorrer das experiências, feitas com este objectivo, verificou-se que, em certos animais, em que fôr feita um primeiro enxerto, se não consegue implantar, pelo menos durante certo prazo, novos pedaços de cancro. Este aumento de resistência à implantação de fragmentos de cancro, recebeu o nome de imunidade anti-câncerous. No entanto, a conclusão dessas numerosas experiências é que não existe imunidade natural, absoluta, contra os enxertos de cancro.

### Sessão solene do dia 8

No dia 8 a Academia das Ciências de Lisboa em sessão solene na grande sala da sua biblioteca recebeu as insignias da grã-cruz da Ordem de Santiago da Espanha, oferecidas por iniciativa da *Revista Militar*, e entregues por uma grande comissão de figuras prestigiosas do nosso meio literário e científico. Presidente à sessão o sr. dr. Julio Dantas, tendo à direita o sr. Monteiro de Barros representando o sr. presidente do Ministério e o vice-presidente da Academia: dr. Pedro José da Cunha e à esquerda o reitor da Universidade de Coimbra: dr. João Duarte de Oliveira e Joaquim Leitão, secretário geral da Academia. Falaram o dr. João de Oliveira, como presidente da grande comissão doadora das insignias

terminando a sua oração:

«A oferta das insignias da Grã-Cruz da Ordem de Santiago à Academia das Ciências já não é uma simples, vulgar gentileza dumha instituição honrante a uma sua Irma na dignidade da mesma nobíssima Ordem; passou a ter o carácter dumha homenagem muito mais ampla, em que o sentimento da *Revista Militar* se multiplica, e reforça, até atingir o valor e a expressão dum nobre movimento patriótico, em que toda a Nação culta vem dar plena satisfação á gesto de fidelga gallardia com que o sr. Presidente da Repúblida oficial-

mente consagrara o devoto reconhecimento da Pátria aos méritos da dotta Academia.

A Universidade de Coimbra considerava prestigiada com a honra do alto encargo que confiamos ao seu reitor.

A *Revista Militar*, com sua patriótica resolução, altamente se honrava, mostrando que, sob a sua direção, «Pro Patria», igualmente se inspira noquele conceito dum orador português quando, num discurso preferencial, reconhecia que «o ofício das armas pode dar, e dá muitas vezes, corpo e espeço a um povo, a propulsão das suas caídas coles maior e melhor: caí-lhe pensamento evidas».

Seguidamente o sr. dr. Lobo de Campos entregou as insignias lendo a seguinte mensagem:

A *Revista Militar*, por um dever de patriótica veneração, tocou a iniciativa de oferecimento à Academia das Ciências de Lisboa da «Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espanha», que sua Exceléncia o Senhor Presidente da República se dignara conferir-lhe na memorável sessão inaugural das festas do III Jubileu.

Faria tão nobre fim, dirigiu-se às personalidades mais distinhas e às agremiações mais representativas, o acolhimento magnífico prestado a tal iniciativa logo evidenciou a admiração do esplendor das nossas actividades pela sabia orientadora da cultura nacional.

De menos anos de existência que a veneranda Academia cuja fundação iniciou entre nós uma época de féconde e brilhante trabalho espiritual, a *Revista Militar* incontornável, em dado momento, pelo acazo das circunstâncias, na situação de mais antiga como dignitária da «Ordem de Santiago», o que nessa singular conjuntura muito especialmente a destaca, por legitimar e enaltecer a sede da oficina das respectivas insignias a sua eminente confarre.

Mas a intima satisfação da promotora desta consagração justíssima também se explica pelas velhas afinidades com a dotta Academia, pois que alguns dos seus mais notáveis colaboradores, no decorrer de oitenta anos, foram sócios igualmente notáveis das diversas classes académicas, e muito contribuiram para o seu prestígio e esplendor.

As entregamos as insignias da «Grã-Cruz de Santiago à benemerita Academia, em nome de todos os que, pessoal ou colectivamente, se associaram a esta entidade, comprêmos ter a honra de sancrá-la pelos seus mais recentes e assinalados artigos & Nação, atribuindo poderes superiores a uns Conselhos de Académicos para se organizar o «Grande Dicionário Etimológico e Histórico da Língua Portuguesa», estabelecendo o «Académico Ortográfico» com a Ilustre Academia Brasileira, criando o Instituto de Altos Estudos, o que tudo dignifica mais uma vez a Ciência, a História, a Língua patrícia, instrumento imortal das Belas Letras.

A Academia das Ciências de Lisboa, Grã-Cruz da Ordem de Santiago do Mérito Científico, Literário e Artístico, bem merece, portanto—como nessa prima Instituição da Cultura, constitu-

temente engrandecida pelo alto saber dos seus sócios e pela dignidade e autoridade das suas realizações e empreendimentos—a grande manifestação de honradez e nobreza nacional.

A sala inteira ovacionou efusivamente o gesto da entrega das insignias, e a leitura dessa mensagem.

O sr. dr. Julio Dantas numa oração elegante, agradeceu e disse:

«Esta solenidade, pela razão que a determinou, pelas generosas intenções que a ditaram, e, ainda, pela categoria das colectividades e das individualidades que nela participam ou nela têm representação, constitui uma das mais altas e significativas homenagens que, em todos os tempos, fôr prestadas à Academia das Ciências. Julgo-a, mesmo, única na história das Academias do Mundo, inteiro. Não tenho, porém, que vangloriar-me dela. Essa homenagem não se dirige, pesarmente, a nenhum de nós: passa por sobre os homens, detentores obscuros de um título transitório, e projecta-se em cheio na instituição que essa, sim, ouço afirmar que a merece. E, pois, em nome da Academia das Ciências, a que tenha a honra de presidir: é em nome das labios geraspés de abobas e de leira», que antecedem a nossa, e que, desde o ultimo quartel do século XVIII desinteressadamente contribuiam para o esplendor da ciência e das lettras em Portugal; é em nome dos nossos maiores, da cui opulenta herança moral nós somos hoje os legatários—que eu agradeço à grande comitado da presidência do nobre reitor da Universidade de Coimbra, a oferter, que se dignou fazer-nos, das insignias da Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espanha, com que o ex<sup>rr</sup> o Presidente da República agraciou a Academia das Ciências na data do seu terceiro jubileu.

Mas não é como simples ostentação de culto externo, nem mesmo como homenagem aos nossos cento e cinquenta e quatro anos de permanente labor mental. Que este acto mais nos interessa e mais interessa o País, que a ele, em espirito, assiste. Não. A vinda de v. ex.<sup>rr</sup> a esta casa tem um alcance mais alto e um sentido mais transcendente, que eu me achidero no dizer de acentos. Esta rémota regreça-nos o primeiro grande acto de solidariedade da família intellectual portuguesa. Encontramo-nos—quem o ignora?—numa hora grave para os destinos de antigua civilização occidental, desequilibrada e de negação, em que a tendência dos espíritos para novas formas de ordem política, económica e social, se carece de salvação da forma e da violência, do movimento e da máquina; pelo desengapamento dos ideais espiritualistas e individualistas; pelo profundo sistematismo da filosofia do passado pelo abandono do velho humanismo, europeu e tradicional. Tão necessário é compreender de belas e disciplinas das inteligências. Pequeno a ameaça da subversão total da vida d. espírito, as autorizações intelectuais seteem, heje mais do que nunca, a necessidade instintiva de se unir. O que v. ex.<sup>rr</sup> fizeram, vindos assim—espontaneamente—dar Outridades,

delegados das corporações económicas, presidentes dos centros portugueses de alta cultura, membros da Ilustre Ordem de S. Tiago da Espada — não foi apenas honrar a Academia, que com tanto júbilo os recebeu; fizeram mais, com a perfeita consciência do alcance moral e cívico do seu acto; vieram afirmar, solidariamente connosco, a sua inabalável fé no prestígio da ciência; na permanência da velha civilização. Ihr esplêndida, da latinitude; na maravilhosa imortalidade da beleza; no eterno culto da bondade e da fraternidade humana. E esse, meus señores, o verdadeiro significado da memorável sessão de hoje. A simples entrega de uma insignia simbólica não passa de um pomero, que se ofusca e desaparece perante esta congregação de valores, esta parada de forças espirituais, esta aliança unitária das instituições e dos homens que representam, no nosso País, a ciência, as lettras e as artes.

### Sessão do dia 27

No dia 27 o sr. dr. Cunha Gonçalves leu um curioso trabalho sobre «Direito constitucional dos indígenas de Timor». É um estudo profundo dos modos de ser sociais dos nativos e de alto valor tanto jurídico como etnográfico.

### VARIAS

#### Premios literarios

O sr. dr. Fidelino de Pigueiredo celebrou os seus direitos de autor, na tradução espanhola, do seu livro «As duas Espanhas», para ser criado um prémio denominado «Oliveira Martins», a fim de que, no curso de 1933-34, um estudante ou ex-estudante da Universidade de S. Tiago de Compostela possa ampliar os seus estudos em Portugal.

O juri do concurso a abrir para aquele efeito, será constituído pelo reitor da

referida Universidade e grande administrador do nosso País, sr. dr. Rodriguez Cedarso, o decano de filosofia e lettras, o secretario geral e os delegados da junta administrativa. O candidato premiado deverá apresentar, depois, qualquer trabalho referente ao nosso País, como relatório de viagem ou estudo de investigação científica, o qual se destina às publicações universitárias.

*Homenagem a Ricardo Severo* — De S. Paulo chegou a Lisboa o livro de *Homenagem a Ricardo Severo*, sessão cívica de 31 de Janeiro de 1932, volume luxuoso, que contém os discursos de C. Malheiro Dias, Roberto Moreira, Marques da Cruz e Ricardo Severo. Insere fotografias e um busto do homenageado por Pinto do Couto. Ao director de *A Portuguesa*, foi uma homenagem bem merecida.

### Doutouramento

No dia 30 realizou-se na sala dos Capelos da Universidade de Coimbra o doutoramento dos professores drs. Agostinho de Campos e Virgílio Correia. Foram padrinhos os drs. Joaquim de Carvalho e Providência Costa. O dr. Joaquim de Carvalho pronunciou um notável discurso. Foi uma cerimónia cheia de imponência e tradição.



Antonio Ferro<sup>o</sup> publicou no *Diário de Notícias* de 12 um artigo de fundo intitulado *A Morte do Sebastianismo*. Esse artigo provocou no Republicano uma resposta, no dia 13, com o título *Olga, António Ferro, do Artur Inha*, que no dia 15 novamente publicou *A. I.*, sem que *responde!*

O mesmo jornal publicava no dia 17 a futebol pela idéia. Os republicanos

de todo o País manifestaram o seu aplauso à doutrina do nosso artigo. «Olga, António Ferro». Nos dias 18, 19, 21, o *Republicano* ainda se refere ao caso, anuncianto no dia 27 que o artigo de Artur Inha ia ser impresso em opúsculo. A 1<sup>a</sup> página do semanário *Porto* de 22, é uma caricatura referente ao assunto, com o título *Olga, António Ferro*.

— O jornal *A República*, de 4, publica uma entrevista, sobre Fialho de Almeida com Albino Forjaz de São Paulo. No dia 14, o mesmo jornal publica um curioso artigo *A figura de Fialho e a evocação de sua mocidade angustiosa*, assinado C. S.

— No Primeiro de Janeiro, do Porto, do dia 2, publica Julio Brandão um interessante artigo, *António Nobre e as "Despedidas"*.

— No *Diário de Lisboa*, de 7, publica F. A. Oliveira Martins *Uma certa insidiosa de Guerra Junqueiro*.

— A Cultura estrangeira e Cultura portuguesa do *Diário de Notícias*, do dia 16, ocupava nos *Ensaios comemorativos* de Afrânio Peixoto; a do dia 27, de O perigo Reforçar; — *Serra Nova n.º 336*.

— Sobre Judentude publicou o dr. Ricardo Jorge, no dia 5, um fundo no *Diário de Notícias*, *Portugal e Israel*.

— Ferreira do Castro publica no dia 16 em *O Seculo* um artigo interessante intitulado *Nós, os espanhóis e a cultura*.

— O escritor Inglês Aubrey Bell escreve no *Estado* com miss Barbara Linley Wilkie.

Damos na pagina central a fotografia do escritor que em *A Voz*, do dia 9, publicará uma interessante conferência *Como o escritor inglês Aubrey Bell vê os grandes problemas modernos*.

## b) Bibliotecas e arquivos

Sobre a Nossa Lisboa o *Diário da Manhã* do dia 4 publica um artigo intitulado *Na nossa Lisboa — Vida cultural — Bibliotecas e Arquivos*. Refere-se as principais Bibliotecas e Arquivos da cidade enumerando as preciosidades.

— No dia 25 foi inaugurada em Formos de Algodres a sua Biblioteca Municipal.

— No dia 17 reuniram na Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos, além do sr. director da Biblioteca Nacional e do sr. Inspector da Biblioteca da Academia das Ciências, os sr. professores-bibliotecários das Faculdades de Ciências, Direito, Medicina e Letras da Universidade de Lisboa, dos Institutos Superior Técnico, Superior de Ciências Económicas e Financeiras e Superior de Agronomia, e da Escola Superior de Medicina Veterinária, a fim de se trocarem impressões quanto à possibilidade da coordenação de esforços no sentido do estabelecimento de um plano geral de aquisições de revistas científicas, de forma a intensificar essas aquisições, a evitar as duplicações que não sejam consideradas necessárias, e a promover a organização de um roteiro ou guia geral pelo qual os leitores possam, ao consultar as revistas

existentes em determinada biblioteca, se informarem dos locais onde se encontram à consulta outras revistas da mesma especialidade que os interessem.

A reunião realizou-se, ontem, tendo os sr. professores e bibliotecários presentes manifestado o seu inteiro adorável com a iniciativa do sr. Inspector geral, e posto em relevo a alta importância das revistas técnicas como instrumentos de trabalho e elementos indispensáveis de actualização dos conhecimentos científicos. Foi, por unanimidade, resolvido que, sem prejuízo da autonomia de cada um dos organismos representados, a Inspeção Geral desempenhasse a necessária função coordenadora dos programas de aquisição, devendo os professores ou técnicos bibliotecários de cada unidade, Instituto ou Escola Superior enviar à mesma Inspeção, no mais breve espaço de tempo, a relação das revistas que possuem e assim, a fim de se organizar e publicar o roteiro geral das revistas estrangeiras existentes nas bibliotecas de Lisboa.

Foi ainda resolvido, também, por unanimidade, que se solicitasse das estações superiores o aumento das dotações da Faculdades e Escolas Superiores para aquisição de publicações científicas periódicas estrangeiras, e a criação das

condições administrativas indispensáveis para que nas bibliotecas destes estabelecimentos de ensino se instituísse a leitura nocturna.

— O sr. dr. António Ferrão, director do Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista promoveu uma série de conferências e visitas culturais. Realizaram-se das primeiras as do sr. dr. Armando Cortezão, na Sociedade de Geografia no dia 28, demonstrando que a Cartografia o primeiro lugar aos portugueses; do sr. tenente-coronel Costa Veiga sobre a Idade Média Portuguesa, na Sala Algarve da Sociedade de Geografia, no dia 29, ocupando-se de «Piediguidade e antiguidade das ementas da crônica Gotterman», respeitantes ao reinado de D. Afonso Henriques. Das visitas realizou-se a de D. José Pessanha à Sé de Lisboa, no dia 27.

**BIBLIOTECA PARA OS SOLDADOS**  
Por iniciativa do sr. coronel Joaquim Torreia, comandante de infantaria 10, Aveiro, vai ser criada no quartel desse regimento uma biblioteca para os soldados.

### Livrarias de livros

No Porto, no dia 13 e seguintes van-deu-se a 3.<sup>a</sup> parte da biblioteca que pertenceu a Joaquim Gomes de Ma-

cedo. O 3.º catálogo distribuído alcançava de pág. 321 a 468, e entre os lotes vendidos figuravam um exemplar da *Fraternidade*, de Fernão Mendes Pinto, de 1762; a *Portugalia*, de Ricardo Sáverio, os *Portuguese Monuments Históricos*, as polémicas do *Bom senso* e do *bom gosto* e Eu e o clero, as *Nascentes e viagens*, de Ramiro (1554-1566), a coleção holandesa da *Restauração de Portugal*, a Coleção dos livros inc-

ditos do abade Corrêa da Serra, a coleção dos opúsculos do abade Castro e Sousa, as *Cartas bibliográficas*, de Aníbal Fernandes Tocaz, obras de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Sousa Viterbo, etc.

No dia 10 vendeu-se em Lisboa, na Casa Liquidadora, uma coleção de livros antigos e modernos, realizando o leilão o conhecido livreiro José das Santas, Livros antigos e modernos, ca-

miliaria excelente e uma coleção de autógrafos.

No dia 24 vendeu-se na Casa Liquidadora, a livraria que pertenceu a António Augusto Gonçalves, de Coimbra, 1.136 lotes de publicações de Arte, Eletrofonia e Igreja a Livraria Manuel dos Santos. Prefaciado o catálogo por dr. Luiz Xavier da Costa. O catálogo foi organizado por Arnaldo Henriques de Oliveira.

## c) Bibliografia

**BIBLIOGRAFIA:** Pross.—Julílio Quintinha—*Imprensa de actualidade*; Alvaro Negro—O Carnaval da Morte; Antônio Estrela—António Novais dramático; Alberto Freitas da Câmara—Vampiro lúbrico; Floriano Sergio—Os crimes do bandido Lampião; Severo Portela—Novelas de Portugal. Contos Emilie Sousa Costa—Quem fizer filhos no mundo. Novela. Contos; Armando Ribeiro-Terras fradescas; Sousa Costa—*Páginas de Sangue* 3.º ed.; Ruy Santo Elmo—Mérito. Romance; Ferreira de Castro—Externação; Belo Redondo—A Cidade dos Fantomas. Capa de Ferreira de Albuquerque. Caricatura por Zemánkis.

Forse—Alexandre de Cordova—Auto da minha terra; Antônio Nobre—Despedidas 2.ª ed.; José Sabreiro—O jantar dos Veteranos, 2.ª ed.

Traduções—Flaubert—Zelambo Nova edição; Emilie Zola—A supiosa; Clément Vautel—Minha mulher não quer filhos; O. S. Marden—O Poder da

Vontade; L. Oliveira—Um homem supérior (Trad. de Neves Ferreira);

**JORNAL NOVOS—Luz—Animatográfo—A Gaceta (Albergaria-a-Velha), O Correio e as Telecomunicações.**

Em Paris saiu de aparecer, dirigida por Labey e Langier, uma nova revista trimestral *Le Travail Humain*. Ocupa-se da Psicologia do trabalho e da Tecnologia, Biometria humana e Higiene, Orientação e selecção profissional; Acidentes de trabalho, Previdência Social, Educação física e esportes. O seu custo para Portugal é de 115 francos o an.

**LIVROS FRANCESSES:**—La Jeunesse d'Auguste Comte et la formation du positivisme, 32 francos.

— Seymour de Ricci—Le problème des bibliothèques françaises. (Pequeno manual prático de biblioteconomia), 10 fra; Caron et Stein—Répertoire bibliographique de l'histoire de Fran-

ce. T. IV, 1926 e 1927, 100 fra; García de la Puente—Catálogo de los Manuscritos Franceses y Provenzales de la Biblioteca de Escorial, 20 fra; Prester-Foucault—Bibliographie des impressions espagnoles des Pays-Bas, 50 fra; Polain—Catalogue des livres imprimés au Quinzième siècle des Bibliothèques de Bruxelles, 110 fra; Malibé—O tomo II da Bibliographie des livres de Juiz, 200 fra.

— Pierre Champion—François Villon sa vie et son temps, 100 fra; Antoine Albalat—Gustave Flaubert et ses amies, 6 fra; Boquet—Autour d'Albert Samain, 12 fra; Parché—Verlaine tel qu'il fut, 18 fra.

— N... Archives d'histoire doctrinale et littéraire du moyen age, 40 fra; Vallery-Radot—Anthologie de la Poésie catholique. Des origines à nos jours, 15 fra.

— M. Thirreau—L'Art moderne et la graphie, 40 fra.

**NECROLOGIA:**—Faleceu em Paris, no dia 30 a condessa de Noailles. Romana de origem, Ana-Isabel de Benariba, princesa de Bracovian, nascera em Paris em 1876 e casara com o conde Mathieu de Noailles.

Estrelou-se com o volume de versos *De cœur innombrable*. Era comendador da Legião de Honra, distinção que nenhuma mulher alcançou e reputada a melhor poeta de França.

— Em Malaga, Espanha, no dia 1 faleceu o poeta Salvador Rueda, o princípio da lírica espanhola contemporânea. Foi bibliotecário e viveu quase cego, com 73 anos numa pequena vila que lhe ofereceram os seus admiradores. Visitou a América Espanhola, as Filipinas, o Rio de Janeiro, e publicou ultimamente *O poema do beijo*, coleção de sonetos.

**NECROLOGIA:**—Em Tanger no dia 8, Walter Harris, redactor do *Times* em Marrocos desde 188. Grande amigo dos franceses era gran cruz da Legião de Honra. Em 24, em Madrid Félix Lorenzo, tuberculoso, com 53 anos.

## Portugal na imprensa estrangeira

— *The Sphere* publica no numero de 8 de Abril uma gravura representando o dr. Roldo Preto atravessando duas fileiras de corelegionários que o saudam: Portugal's Hitler: Senhor Roldo Preto, leader of Portugal's blue shirts, who are known as the National Syndicalists, takes the salute from members of his army.

**HOMENAGENS**—No dia 6 realizou-se em Santarém a colocação de uma lápide, na casa onde nasceu o poeta Guilherme de Azevedo, na travessa do Sequeira.

— Também na mesma cidade, no dia 20, se promoveu uma homenagem ao poeta Salazar Mousinho.

**LISBOA**—O *Diário de Notícias* durante o mês publicou curiosos artigos ilustrados com sincopografias sobre *Ajuda de Cima*, no dia 6; *O Bairro Alto*, no dia 13; *Santos-o-Velho* e *Madrugó*, no dia 16; *A Mouraria*, no dia 23; *S. Paulo*, no dia 27. São curiosos artigos com abundantes notas históricas, arqueológicas e de grande curiosidade.

**CONFERENCIAS**—No dia 7 realizou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Bruxelas, o professor Le Gentil, uma conferência sob o título O romance português.

O professor Thomas, da Universidade, fez a apresentação do conferente, exaltando-lhe as altas qualidades de talento. Citou o papel desempenhado pela poesia portuguesa no desenvolvimento da literatura europeia e salientou que todos os que se interessam por estudos literários devem voltar os olhos para Portugal.

Concedida a palavra ao conferente, começou este por afirmar que o romance coincidiu em Portugal com a expansão marítima colonial e, mais tarde, no século XIX, com o despertar da nacionalidade. As características do romance do primeiro período foram a exaltação, o amor e o mistério. Nessa atmosfera nasceu o livro de Amadis. Se-

guidamente, o conferente exemplificou as obras de Gil Vicente, 84 de Miranda, D. Francisco Manuel de Melo e Bernardo Ribeiro, e afirmou que o verdadeiro romance português data da fase do romantismo e que todo o Portugal moderno saiu do choque entre o absolutismo e o liberalismo.

Após ter lido vários textos e comentado diferentes obras, definiu Herculano, Rebello da Silva, Andrade Corvo e Oliveira Marreca como grandes romancistas históricos.

Passou depois ao estudo do romance de costumes, evidenciando a obra de Camilo. A infância, hiper-sensibilidade, neurose e vida tumultuosa deste igrégio escritor mereceram largas referências ao conferente. Considerou Camilo essencialmente romântico por temperamento e sistema. Referiu-se à sua facilidade prodigiosa de escrever, ao seu espantoso conhecimento da língua, e comparou-o a Balzac.

Depois de marcar o contraste entre Camilo e Júlio Dantas, estudou a escola coimbrã e pôs em relevo a figura, ação e psicologia de Eça de Queirós, o seu cosmopolitismo, os seus exageros resultantes do seu dom de ironia.

Esta parte da conferência foi admirável de espírito crítico e profundo conhecimento da obra de Eça de Queirós.

Aludiu, por fim, a Abel Botelho, Telêmaco de Queiroz, Venâncio de Moraes e Aquilino Ribeiro, sendo as últimas palavras do conferente coroadas pelos mais lavrados da conferente coroadas pelos mais ruidosos de 9.

## VI -- Arte

### A) Belas Artes

- a) Arquitetura, Urbanismo,
- b) Pintura, escultura, desenho, Artes decorativas, Diversas.
- c) Museus, Exposições, Vendas de Artes, Gremios e Sociedades. Os artistas.

### B) Teatro, Cinema, Música

- Canto e dança, Telefonia e discos. Os artistas.

### c) Museus, Exposições, Vendas de Artes, Gremios e Sociedades. Os artistas

#### Museu Nacional "Soares dos Reis,"

O Museu «Soares dos Reis», no Porto, que há anos estava fechado, foi separado da Escola de Belas Artes, elevado à categoria de nacional, sendo a sua direção confiada ao dr. Vasco Rebelo Valente, autor do estudo de arte «Jérónimo Rossi». Dispõe o museu de quatro mil escudos e foi essa a importância com que se fez o milagre da sua reorganização. «Ao fundo do Museu, numa «abside», fica a estátua do «Desterrado», de Soares dos Reis, e por todas as dependências desse recinto de arte alinharam-se obras de notável merecimento, como esculturas, pinturas, desenhos, vitrines com outras de ourivesaria, etc. Tudo arrumado numa impressão de apurado gosto e de excelente ordem».

No dia 11 realizou-se a cerimónia da reabertura do Museu, efectuando-se no gabinete do director uma sessão a que presidiu o dr. Agostinho José Costa Lobo, secretariado pelo coronel sr. dr. Augusto de Sousa Rosa e pelo arquitecto sr. José Marques da Silva. Rodando a mesa viam-se entre outros os srs. dr. Vasco Valente, João Grave, dr. Joaquim Costa, Julio Brandão, professor dr. Aarão de Lacerda, Teixeira Lopes, Antero de Figueiredo, Ricardo Spratley, prof. dr. Almeida Garrett, dr. Manuel de Figueiredo, José Meneses, engenheiro Francisco Lima, dr. Jacinto de Magalhães, dr. Couto Soares, dr. Leopoldo de Oliveira Mourão, José Rosa, Joaquim de Freitas Gonçalves, Emanuel Ribeiro, arquitecto Joaquim Martins Gaspar, Joaquim Lopes, Diogo de Macedo, António Azevedo, a viúva de Soares dos Reis e filha, dr. Pedro Vitorino, Julio Pina, Henrique de Castro Lopes, Eduardo Lopes, Henrique Moreira, etc.

O sr. dr. Costa Lobo abre a sessão e elogia o dr. Vasco Valente, que fala a seguir, e explica a orientação que deu aos trabalhos efectuados. Elogia o sr. ministro da Instrução por ter criado o Museu Nacional Soares dos Reis com a promulgação do decreto n.º 21.504 porque ele corresponde às velhas aspirações da cidade.

«Forçado a cingir-me à miníma dotação orçamental que me foi concedida,—prossegue o sr. dr. Vasco Valente—tive de

desprezar pormenores de decoração que seriam relativamente dispendiosos, contentando-me com fazer desaparecer o deplorável aspecto de armazém que dantes tinha este Museu, dando-lhe uma tonalidade mais agradável e dispondo as telas por forma a que não brigassem entre si, mas pudessem ser melhor apreciadas.

«Muitas das antigas obras não figuram no elenco moderno porque ou são de valor inferior ou não há espaço disponível, havendo necessidade de lhes obter instalação condigna.

«O Porto que há um século precise—diz o sr. dr. Vasco Valente—marcou o seu lugar na história da Arte em Portugal, criando nestas mesmas salas o primeiro Museu público do País, que nos princípios do século XIX tivera a Real Academia de Marinha e Comércio, professores como Vieira Portuense, Sequeira e Teixeira Barreto, bem merecia que finalmente o Estado começasse a atender as suas legítimas aspirações culturais. E, portanto, justo que as nossas homenagens se estendam a todos aqueles que, no passado, impulsionaram o culto da Arte nesta cidade: em primeiro lugar à Academia Real de Marinha e Comércio, antepassada da Universidade do Porto e fundada pela Companhia Geral de Agricultura

tura das Vinhas do Alto Douro, à sua aula de desenho e respectivos professores, um dos quais, o já citado José Teixeira Barreto, efectuou o primeiro passo para a criação de um Museu, legando em 1810 a sua coleção de quadros no mosteiro de Tibães.»

Lembra seguidamente D. Pedro IV, o fundador do Museu, e João Baptista Ribeiro, seu primeiro director. Assim dispôs na sala da entrada as obras desta e numa sala própria as dos três mais categorizados professores da Academia de Belas Artes, noutra a que chamou de Arte Antiga, a riquíssima coleção de esmaltes iluminados «um dos justos padrões de glórias» do Museu, o Jerónimo de Frei Carlos e o célebre triptico da capela do Espírito Santo da confraria do Santíssimo Sacramento de Miragaia.»

«Noutra sala dispôs, prossegue o dr. Valente, algumas obras de João Giama e de Augusto Roquemont, artistas que no Porto trabalharam, e, por fim, como que servindo ante-câmara ao «Desterrado», genial produção de Soares dos Reis, encontram-se alguns quadros de Silva Porto e a coleção das encantadoras produções de Henrique Pousão, que só por si ennobrem este Museu.

«Numa pequena abside, fica



— Convencionava-se que as bombas serão todas pequenas... e se o senhor for esmagado por um "tank", lembre-se que ele não pesa menos de 15 toneladas.  
— O... Obrigado.

(Do Lu de 21 de Abril)

exposto o «Desterrado» obra prima do grande estatuário Soares dos Reis, patrono deste Museu, o seu retrato, original do professor Marques de Oliveira, desenhos, diplomas, medalhas e outras recordações oferecidas pela viúva e filha do malogrado Artista. Pelas diferentes salas poder-se-ão apreciar algumas das suas gostos originais e na falta destes as reproduções em bronze de outras obras do mesmo artista.

«Esta instalação é de carácter provisório, e portanto modesta, estando bem longe de ser monumental, o que vem por de manifesto a conveniência de se conseguir um edifício mais apropriado, que torne este Museu digno da capital do Norte e das preciosidades artísticas que lhe possuem e, sobretudo, este evite a dispersão das outras pertencentes a particulares, animando-as a legá-las ou a depositá-las num Museu devida-

mente instalado. É muito aplaudido por todos os assistentes.

Pede seguidamente ao sr. ministro da Instrução, por intermédio do chefe do distrito, para que a Arte seja protegida e o Museu auxiliado nas suas aspirações. O sr. coronel Scusa Rosa felicita o director, em nome do Município, e o sr. dr. Costa Lobo, elogiando o esforço realizado, felicitam o director. O Museu está patente ao público.

## A XXX Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes

30.ª exposição de pintura, escultura; arquitectura, desenho e gravura.—No dia 7 efectuou-se a visita da Imprensa, realizando-se no dia 8 a sua abertura ao público. Exposições PINTURA A ÓLEO os srs. Fortunato Anjos (dois trabalhos), Mario Augusto (5), Frederico Ayres (3), José Bassilas (1), Carlos Bonvalot (2), D. Regina Branco (3), Raul Carapinha (2), D. Maria de Lourdes de Melo e Castro (5), José Contente (2), Joaquim Costa (3), José Albino Armando Costa (4), Pedro Cruz (2), Romano Esteves (3), Falcão Trigo (5), Martinho da Fonseca (3), Simão da Veiga Frade (1), D. Maria Izabel Gentil (1), Frederico Henrique George (2), Pedro Guedes (3), José Leite (2), Raimundo da Silva Machado da Cruz (5), José Augusto Madeira (1), José Malhoa (5), Eduardo Malta (1), José Serra da Mota (3), Emerico Nunes (5), D. Beatriz Pais (3), Severo Portela Junior (3), João Reis (5), D. Maria Luiza Reis (5), José Veloso Salgado (1), D. Alfa Machado Santos (5), António Sauda (1), Constanço Silva (3), Luiz Salvador Marques da Silva Junior (3), D. Maria de Lourdes Ribeiro do Carvalho e Silva (2), José Augusto de Sousa (1), Henrique Fernandes Tavares (2), Túlio Vitorino (2); AGUARELA os srs. João Hermano Baptista (1), D. Regina Branco (3), Luiz de Ortigão Burnay (1), Eugénio Colson (1), Gabriel Constante (5), Joaquim Costa (1), Mario Costa (5), José Manuél Felix (2), Pedro Guedes (1), Adolfo M. Hubner (3), Eduardo Leite (5), José Marques (3), Alfredo Morais (5), Narciso de Moraes (1), Carlos de Moura (1), D. Raquel Roque Gameiro Attolini (5), Emílio de Paula Campos (3), D. Signa Osorio Teixeira Ribeiro (2), Alfredo Roque Gameiro (3), João Alves de Sá (5), Luz Cristina da Silva (1), Manuel de Campos Silva (1), José Augusto Sousa (2); A PASTEL os srs. Benedito Cela (1), Joaquim Costa (1); DESENHO os srs. Luiz Varela Aldeimira (5), José Contente Frederico Henrique George (1), Pedro Guedes (3), D. Aurora Alves de Figueiredo (1), Martinho da Fonseca (3), Carlos Moura (1).

João Reis (1); GRAVURA os srs. Gustavo de Almeida Araujo (2), Luiz de Ortigão Burnay (5); ESCULTURA os srs. Marcelino Noronha de Almeida (2), Albucquerque d' Bettencourt (1), D. Maria Izabel Gentil (5), Diogo de Macedo (1), Delfim Maya (3), João da Silva (2), Anjos Teixeira (5), Julio Vaz Junior (1), Raul Maria Xavier (5); ARQUITECTURA o sr. Luiz Cristina da Silva (5).

Está publicado Catalogo que insere 23 reproduções.

O Estadual adquiriu Pescadores de Carlos Bonvalot, e Pedras à tarde de Roque Gameiro. Foram premiados com 3ª medalha de Pintura, Frederico George, e com menção honrosa, D. Beatriz Pais, Fortunato Anjos, Machado da Luz, e José Contente. Na gravura obtiveu a 2ª medalha Ortigão Burnay, e menção honrosa Gustavo de Almeida Araujo. Na escultura obteve medalha de honra Anjos Teixeira e na arquitectura Luiz Cristina da Silva.

—O mais caro da exposição é o trabalho n.º 59 As promessas de José Malhoa por 25.000\$00 (estudos, e o mais barato o n.º 188 gravura em madeira Narinhas de Gustavo de Almeida Araujo que valeu precário por 100 escudos.

Ha 1 trabalho para 25.000\$00, e já apontado, 2 de 15.000\$00, 2 de 10.000\$00, 1 de 9.000\$00, 1 de 8.500\$00, 2 de 8.000\$00, 2 de 7.000\$00, 2 de 6.500\$00, 4 de 2 de 7.000\$00, 2 de 6.500\$00, + de 6.000\$00, 1 de 5.000\$00, 1 de 4.500\$00, 2 de 4.000\$00, 2 de 3.500\$00, 7 de 3.000\$00, 6 de 2.500\$00, 10 de 2.000\$00, 1 de 1.800\$00, 10 de 1.500\$00, 5 de 1.200\$00, 1 de 1.000\$00, 6 de 1.000\$00, 1 de 950\$00, 2 de 900\$00, 3 de 850\$00, 7 de 800\$00, 1 de 750\$00, 8 de 700\$00, 4 de 650\$00, 14 de 600\$00, 1 de 550\$00, 13 de 500\$00, 2 de 450\$00, 7 de 400\$00, 10 de 350\$00, 10 de 200\$00, 1 de 220\$00, 6 de 250\$00, 2 de 220\$00, 6 de 200\$00, 1 de 180\$00, 2 de 170\$00, 5 de 150\$00 e 1 de 100\$00. Ha como se vê para todos os preços.

Na exposição saíram largas críticas na imprensa diária. Podem ver-se no *Diário de Lisboa* dos dias 4 (Varela Aldeimira e J. V.), no *Diário de Notícias* nos dias 8

(Varela Aldeimira e A. P.), 17 e 20 (A. P.), no *Seculo*, dias 8 e 10, *Republ. Pública*, dia 12 (*Mardel*) e *Diário da Manhã*, dia 16 (J. A.).

### Exposições de pintura

No dia 3 inaugurou-se na rua Serpa Pinto, galeria U. P., a exposição do artista brasileiro Tom, pseudônimo de Tomaz de Melo, com 33 quadros, desenho, aguarela e óleo. Crítica no jornal *Notícias* do dia 6 (A. S. M.).

—Nos dias 4 a 18 expôs na su-

curral do *Seculo*, no Rossio, o sr.

Alfredo Antunes, colaborador de

*O Seculo*, infantil. Caricaturas e

desenho de tipos populares.

—No dia 5, no salão de *O Seculo*, a pintora D. Giulomar Fagund s. artista de S. Paulo, Brasil. Apresentou-a Matos Sozinha, discursando o poeta brasileiro Gulherme de Almeida. Sobre a artista uma larga entrevista no *Republ. Pública* do dia 10 (A. A.).

—Do dia 5 no dia 20, na Casa da Imprensa, exposição de célos de Antônio Alegre de Sampaio e Melo, discípulo da E. B. Artes do

Expôs 39 quadros de assuntos de Lisboa, Estoril, Porto, Tramosa, Ancada (Mangualide) etc.

—No dia 19, na galeria U. P. exposição de desenho e pintura de Almada Negreiros. Crítica de Rui Santos no *Republ. Pública* do dia 20. Portaria.

—No dia 21 no salão de *O Seculo*, exposição de pintura de Alvaro Gaspar P. (dileg.), Celestino Alves, Matilde de Carvalho. Encerrou-se a 1 de Maio.

### Exposição de mobiliário

—Inaugurou-se no dia 8, no Portão, salão Silva Porto, a exposição de mobiliário alentejano.

### Os artistas

—Na actual exposição de Belas Artes expuseram o seu autorretrato Edwardo Malta e D. Beatriz Pais.

—A pintora D. Beatriz Pais tem nela também um busto feito por Marcelino Noronha de Almeida.

★ ★ ★

No *Diário da Manhã*, o escritor António Pedro declara numa entrevista: «Cultiva-se a saúde na Arte portuguesa, cuide-se da moral do nosso povo e ver-se-á que o trabalho não é canga...».

—Em Montreal, no Canadá um incêndio destruiu uma das salas do castelo da família William Vanhorn. Perderam-se muitos quadros celebres. Os prejuízos ascendem a 15 milhões de francos.

—O macaco está na ordem do dia. Negociado o cão pelos ilustradores ingleses, tratam agora o macaco. Em *The Sketch*, exata londrina, Lawson Wood no numero de 5 de Abril tem uma página colorida O macaco equitabilis e jongoles de ocos, que é uma composição admirável. Numa revista alema Lawson Wood aparece reproduzido no seu trabalho O macaco saltando a corda.

**BIBLIOGRAPHIA:** —Julio Jesus-José Quim Manuel da Rocha, Joaquim Leomar da Rocha. Pintores de séculos XVIII-XIX; Luís de Pina—O Castelo de Guernard.

**NECROLOGIA:** —Faleceu, em Madrid, no dia 1, o caricaturista Xaudaró. Xaudaró era o mais conhecido dos caricaturistas espanhóis. O seu jornal preferido era o «A. B. C.». As suas crónicas preferidas: o cão e o homem das barbas. O cão acompanhava sempre as suas caricaturas.

Um dia, para preencher um espaço em branco num desenho, traçou nele um cão. Depois rejeitou esse desenho, dando ao animal atitudes e expressões

extraordinariamente cómicas. O público habituou-se a ver o cão e não conhecia outra caricatura de Xaudaró senão o comentário ruivo do animal.

Um dia, ao representar na habitual caricatura uma catástrofe ferroviária, não teve espaço onde desenhar o cão. Isso alarmou toda a Espanha. Na madrugada do dia seguinte, quando Xaudaró aguardava notícias dum neto, que estava doente e distante, um boleirinho bateu à porta para entregar um telegrama. Abriu-o, emocionado, toda a família em sobrepresso, com recômo dum má notícia. O telegrama era, apenas, dum admirador, preguntando se o cão teria morrido no desastre.

Depois, sempre que Xaudaró deixava de incluir o cão nas suas caricaturas, choviam cartas a perguntar-lhe por ele. Por fim, não mais deixou de o desenhar, e numa caricatura, que representava um aspecto dum gabinete médico, como não tinha pavimento para colocar o animal, meteu-o dentro dum frasco de álcool.

Outras das suas crónicas que ficaram célebres foi a do «homem das barbas», tipo de grande comédia, cujas expressões eram o comentário das caricaturas em que entrava, dispensando quaisquer legendas. Estas, segundo dizia Xaudaró, eram o que mais trabalho

lhe dava. Encontrando o assunto, fazia o desenho num quarto de hora ou vinte minutos; mas a legenda levava às vezes uma hora, para sair concisa, intencional, mordaz. Não era porque Xaudaró tivesse dificuldade em escrever, pois redigia com brilho, tendo escrito várias conferências humorísticas e três peças cómicas, uma delas em colaboração com outro grande caricaturista, K. Hito. A dificuldade estava em encontrar a antese, que o desenho ilustrava. Uma dessas legendas, ao acaso: A cena desenhada representa um inventor a descobrir um complicado aparelho, «infalível para evitar catástrofes de aviação». O inventor, maravilhado, pregunta como funciona a máquina e a resposta é: «Muito simplesmente: carregue-se em trés idiomas, estas palavras: «Não vá em avião, ainda que lhe pegam de joelhos».

Xaudaró tinha o espírito da caricatura popular, da graça natural e sádia, que fazia rir tudo. Assim, a caricatura política não era o seu forte, nem curva da pessoa. Criava símbolos cómicos, tipos que não eram ninguém e tinham algo de toda a gente. Com a sua morte perdeu a Arte e a Espanha uma das suas maiores figuras.

## b) Teatro, Cinema e Música

### Teatro

**PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES:** —No Teatro Maria Vitoria foi no dia 7 a 1.ª representação de *As Laredeiras*, original de Lopo Lauer, Vasco Sequeira e Alvaro Santos, música de Vasco Magno. Primeira figura: Maria das Neves. Outras: Maria Cristina, Cottinelli, Alfredo Henriquez, Pereira Saraiwa, Leônio d'Ega.

Pega popular, tipos conhecidos dos arredores de Lisboa. Agrado. No dia 4 realizou-se no Politeama a recita de despedida dos quintanistas de Direito. A revista *Costumada justiça* de José Jaime Neves e Regino Gonçalves, quintanistas foi desempenhada por alunos da Faculdade agradando inteiramente.

No dia 10 realizou-se no Teatro Nacional a 3.ª tarde clássica. Dois Surdos, 1 acto do Barão de Roussouw; Quem desdenha... 1 acto de Pinheiro Chagas; As duas bengalas, 1 acto de Sousa Neto. Introdução do professor António Pinheiro; no dia 15 no Coliseu, e Desfile Tropical pela Companhia Brasileira; no dia 16 em S. Carlos a primeira da Rainha Santa, 3 actos e 6 quadros históricos, último trabalho do Rui Chanceta. Ilda Stichini foi a interprete principal. Irene Izidro, Amelia Pereira, Assis Pacheco, Alexandre Arredondo, outros. Oscar Pacheco leu palavras sobre Rui Chanceta, merecidas e elogiosas; no dia 18 O Achicador, 3 actos de Henry Bellattle, traduzido por A. Dias Costa. Interprete Alves da Cunha. Outros: Bertha de Brito, Abílio Alves, Branca Riquetti, Cajou de Oliveira, outros.

No Coliseu a 25 Solado de Fruítes pela companhia brasileira, original de Miguel Santos e Alfredo Breda música de Hinkel Tavares, Lauro de Araújo, Jardel

Jerônimo e Bonifácio de Oliveira; a 30 A Fera Amansada de Shakespeare no Teatro da Trindade, interpretação de Alves da Cunha e no Varieté, Ganhão Pôlo pela companhia Amarante e Hortense Luz. O Ganhão Pôlo é imitação de João Bastos.

\* \* \*

Na Sociedade de Escritores, Autores e Compositores Teatrais recebeu na sua sede no dia 26 os seus camaradas brasileiros foi uma festa íntima muito cordial.

—O Diário de Notícias publicou a sua página teatral no dia 12 com uma curiosa resenha sobre os teatros que arderam, desde 1697, o do Pátio da Rua das Arcas até ao Carlos Alberto, no Porto, em parte, já este ano. Insere este numero outro curioso artigo sobre as revistas de hd 50 encls. Publica 1 acto de D. Fernanda de Castro, Foi assim.

—No Diário da Manhã de 12, publica Mem Bugalho um artigo Como foi representada a «Leonor Teles» há trinta anos. No de 14 publica J. de F. (Jorge de Paris), um artigo sobre A Santa Isabel de Rojas; no de 19 sobre A Santa Isabel romântica; no de 21, Os salões; no de 23, Os «Misterios da Inquisição» pelos reitores; no de 24, Voltaire em Algarrebela; no de 23, Um cómico brigão; no de 26, Chintz-sizes; no de 27, A Estrela equestre.

—No dia 1 em Vigo, no teatro Garcia Barroso Matos Soeiro realizou uma conferência sobre Gil Vicente, pai da comédia portuguesa. Foi apresentado pelo jornalista Avelino Rodrigues Elias. Seguiram-no boilados de Francis e Ruth e representou-se o 2.º acto da peça de

Carlos Salvagem Entre puestas, por Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro. Rey Colaço recitou versos gauleses de Rosalia de Castro. Estêvão Amarante cantou fados e o tenor Castán Mineiro canções populares.

### Cinema

Entrearam-se durante o mês no Palácio e Odeon o Rei dos réplicas, comédia de William Haines; O Asul do Ceu e O Filho inesperado no S. Luís; O Grande Físigo no Royal Clube; Matilde Dolores e O Secretário de Madame e Aldrabbó à força no Condes; O Mistério do Avião Correio no Olímpia; Catolicismo e Nossa mulher nota de outro no Tivoli; A filha do repórter no Central e no Gimnasio; Esta ou nenhuma no Palácio e Odeon; Mão cutânea no Gimnasio.

—A Companhia Portuguesa de Filmes Sonora abriu concurso para admissão de intérpretes para o filme A Campeão de Lisboa. Juri Leitão de Barros, Cotiléni, Telmo, Paúlo de Brito Aranha, dr. José Galhardo e René Bohéh constituiram o juri. Foram muitas e lindas as escolhidas. No dia 6 foram as instalações da Tobis Kläng-filmes visitadas pelos sr. ministros do Comércio, Obras Públicas e Instrução. Os estúdios situados na Quinta das Conchas à Alameda das Linhas de Torres têm uma superfície de 10.000 m<sup>2</sup>. As instalações são modernas e excelentes.

—O ministro da Instrução publicou o argumento da primeira película adjudicada sob o parecer da Comissão de Cinema Educativo.

### Radiotelefonía

—O Posto emissor Radio-Toulouse foi destruído por um incêndio na noite de 4.

**Musica**

**CONCERTOS**—Realizaram-se inúmeras no Salão do Conservatório e vários. Sobressairam os concertos populares realizados pelo professor Hermínio do Nascimento; o concerto do dia 9, em São Carlos, de música religiosa; e o espetáculo do dia 19, também em São Carlos, As mulheres que amaram Jesus e cenas bíblicas.

\* \* \*

António de Andrade, artista lirico.

foi agraciado com a comenda de S. Tiago da Espada.

Na República de 25, Alvaro Pinto, publicou um curioso artigo sobre A perda de situação de Oscar da Silva, o ilustre português, actualmente no Rio de Janeiro. É uma Carta do Brasil em que se descreve, de verdade, a vida do compositor português.

**CONFERENCIAS**—No dia 2, na Casa da Madeira, em Lisboa, sob o sr. Visconde do Porto da Cruz, sobre Danças, servos e músicas madeirenses. O professor Freitas Branco executou musicas

regionais da Madeira.

—No Porto, no dia 1, na festa da mulher portuguesa, D. Judit Lima Fuentas, falou sobre A arte do canto através dos tempos. Baseou a sua conferencia num pensamento de Quintiliano—duas são as vidas que neste mundo se vivem, a material e a espiritual, e fassendo o elogio da musica assevera que foi o canto a primeira manifestação musical. Historia e evolução da musica e diz que «o nosso País é talvez um dos que mais elementos reúne para conseguir vozes frescas e bem timbradas».

**VII -- Vida Social**

- A) O homem e a mulher: Festas e reuniões.
- B) Sports e educação física: Caça, pescar, ginástica, jogos, equitação, natação, esgrima, automobilismo, foot-ball, touro, corridas, etc.
- C) A moda: Artes femininas, Economia doméstica, Culinária e gastronomia.
- D) Vida religiosa
- E) O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro

**b) Sports e Educação Física**

Em «sport», os factos mais importantes foram a perda, no «foot-ball», da «equipe» portuguesa que em Vigo foi vencida por 3 a 0. A iniciativa da série de corridas de morte no Campo Pequeno; o empate, 3 a 3 dos militares portugueses em Tourcoing; a Escola de Engenaria do Exercito ganhando a «Taça dr. Manuel Queiroz»; a selecção de

França, ganhando-nos por 55-28 no Basket-ball; o dr. Henrique da Silveira ganhando o campeonato de florete, e a inauguração da nova Carraria de Tiro para armas de precisão em Pedrógão. Pôr do mais falado no meio esportivo o que relatamos, o que emocionou as gentes, mobilizando a Semana do Vigo, um mundo de interessados.

**c) A moda — d) Vida religiosa****A Exposição da Criança**

No Parque Eduardo VII inaugurou-se no dia 15 a Exposição da Criança. Expuseram os Estabelecimentos da Assistência oficial e os de Assistência Particular. Machado Pinto foi o grande animador da Exposição que foi inaugurada solenemente com a assistência de S. Exa. e ex. Presidente da República e ministros. Foi a conferência inaugural a de Dr. D. Maria Carolina Ribeiro, médica e professora de Puericultura, na Assistência, no dia 21, tendo realizado outras conferências os drs. drs. Salazar de Sousa, Ilíberi, Alvaro Caires, dr. D. Branca Rúua e Palma Lendo, drs. Pina Junior, Dias Costa e varias enfermeiras visitadoras.

**As ideias práticas**

Um anuncio em L'Art Vif nos lembra que as nossas estações telegráficas postais podem vender umas cartecinhas com 10 selos de 40 centavos, exactamente como as estampas francesas dos correios e as estampas do Metro em Paris. E as pequenas capas podem ainda conter anunciantes que as paguem.

No Porto, no dia 2, no Palácio do Cristal e perante milhares de pessoas, realizou-se o concurso do Vestido branco e a Noite da Moda das Costureiras. A principal base do concurso era que o vestido não custasse mais de 25 escudos. Pôr premiada a menina Iolanda de Freitas Magalhães em primeiro lugar e em 2º e 3º Maria Alice Ferreira da Silva •

**NEUROLOGIA**—No dia 4, faleceu no Estoril o sr. dr. Matos da Oliveira Monteiro, conselheiro judicio do Conselho Superior de Vilação e antigo director do Automovel Club.

★ ★ ★

**LIVROS FRANCESES**—Williams—*Le Bridge tel qu'en le joue aujourd'hui*, 12 francos.

mesma Sociedade, outra sobre o tema Alimentos que curam.

**BIBLIOGRAFIA**—Baroness X—Saber viver. Regras de etiqueta.

—N... — Les Courses féminines. Livre que toutes les jeunes filles doivent consulter, 20 francos. Binat—L'Amour et l'Emotion chez la femme,



Automóvel construído para Abbas Hilmi II ex-kehiva do Egito fazer as suas viagens pelo deserto. Constitui uma casa completa

(De The Sphere d. 5)

## A CARICATURA EM PORTUGAL



Machado Pinto

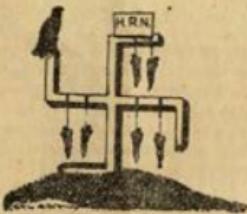
Director geral da Assistência Pública,  
a primeira enfezada e o primeiro mariz  
da beneficência nacional

(Do Sempre fixe de 6 de Abril)

## A EXPOSIÇÃO DA CRIANÇA

Exposições pela amiga da Sra. Rita Coimbra - Prémio de honra do certame

(Do Sempre fixe de 20 de Abril)



## Hobre a terra e sobre o mar

—Enfim que ha de novo?

—De novo só o «Gongalo Velho»

(Do Diário de Notícias de 9 de Abril)

## Hitler Rex Naziorum

(Do Diário de Lisboa de 14 de Abril)

Horro de Hitler quando está com i mo-ex

(Do Sempre fixe de 20 de Abril)



—Uma vez, no mar encontrei de depar com tanto do Noro, quando eu era menino para pescar um te guinador...»

—Ao subir encontrei gelo da superfície do mar.

—Não havia sangue e frio — Peguei no serrote e pu — E, talvez, é?

me a serrar o gelo!

—Não tenho,

(Do O Primeiro de Janeiro.—Porto, 16 de Abril)

## A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



O tio Sam, desenraptado e exausto: — Não me peçam a mim, que já chegou a minha vez de pôr em ordem também.  
 (De L'Ami du Peuple, de Paris, rep. na Repórteria de 17 de Abril)



Bem quejava eu de surra ou de fome.  
 — Para?  
 — Para que me dessem uma camisa.  
 (De Ahora de 21 de Abril)



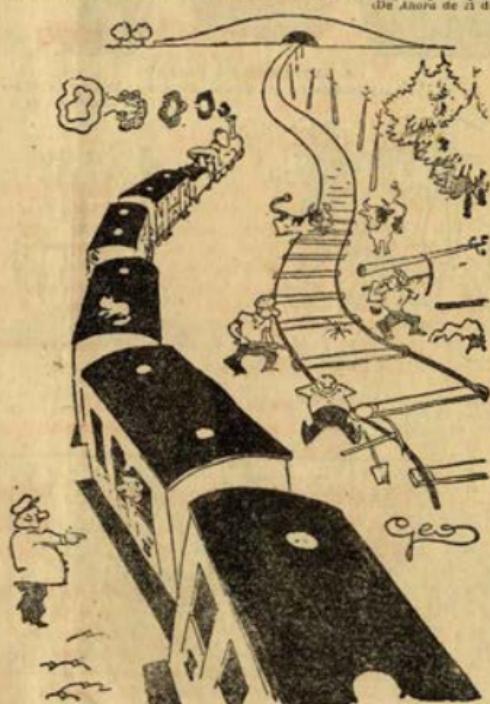
Na Grécia... Vê? Ja da antiguidade vêm essa mania de construir edifícios num círculo de fundos para os acuar.  
 (De Ahora de 11 de Abril)



Momento mal escolhido — ate malhei  
 le F.R.D. etão a chama-la no telefone...  
 (De Ahora de 23 de Abril)

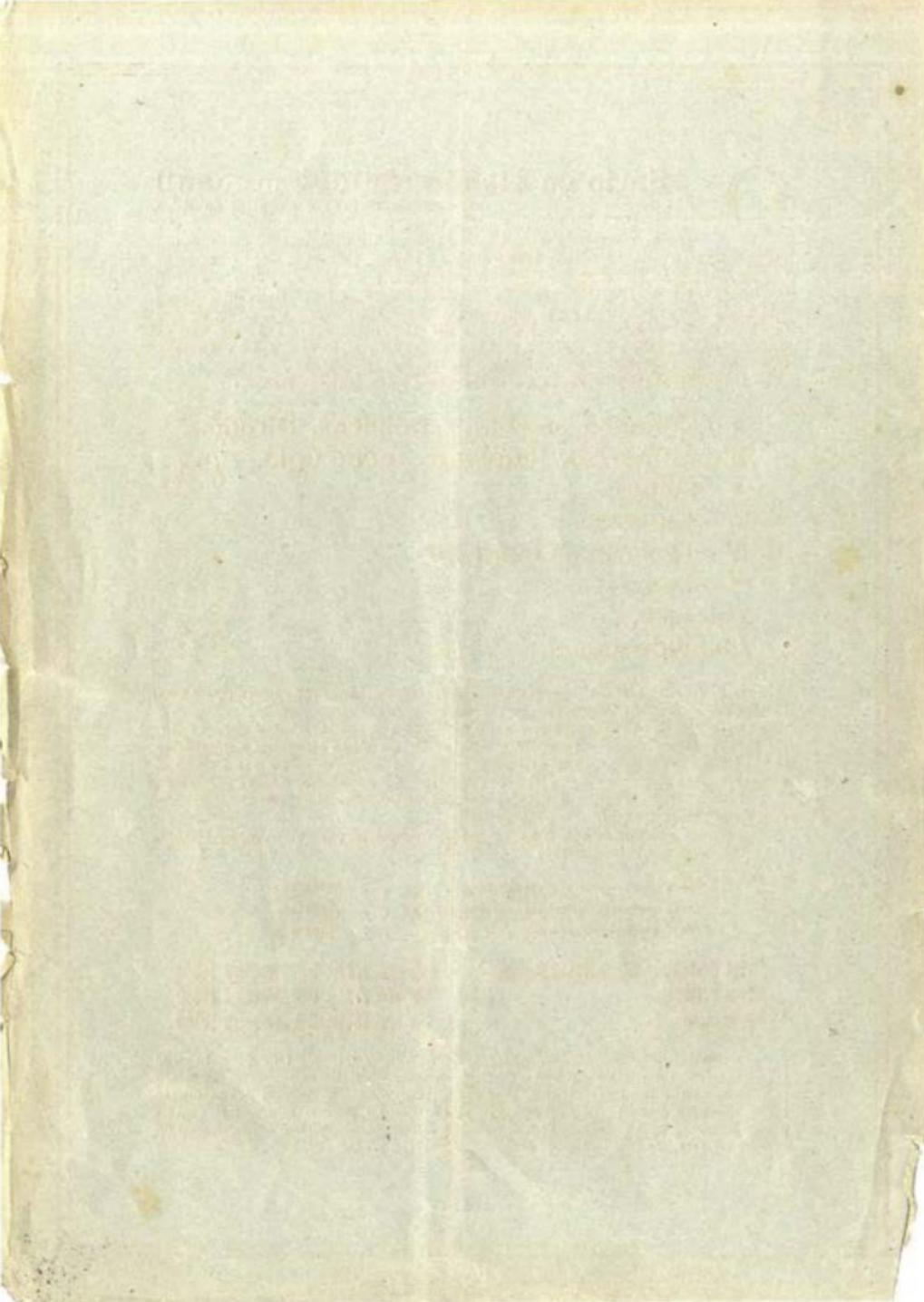


— Como é que gestaria de pintar assim  
 — Deveras?  
 — Pelo menos para principiar.  
 (De Ahora de 21 de Abril)



— Mas porque é que o comboio não vai pelos raias?  
 — Então v. não vê que é tão a reparar a licha?

(De L'Humour de 7 de Abril)



**O Diario de Lisboa (edição mensal)** procura elucidar o público de uma maneira sintética e completa de todos os factos, acontecimentos e idéias, inventos, modas, de tudo enfim o que acontece e vai pelo mundo. Procura preencher uma lacuna, como é uso dizer +, procura ser útil e, para isso, se o público o ajudar, melhorará todos os números as suas secções. Colaboração especializada, advogados, professores, médicos, engenheiros, literatos, artistas, músicos, homens da finança e homens do comércio, homens do mar e da guerra, aviadores e industriais, todos enfim que representem um sector da vida moderna, todos serão buscados para darem o seu saber, iluminarem o seu sector com as luzes da sua experiência e o saber de uma vida a ele dedicada. Este número é um ensaio. Bom? Procurarão melhorar. Mau? Faremos o possível por que seja bom.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) dividir-se-á nas seguintes secções:

- I -- Ciencias sociais e políticas. Direito.
- II -- Comercio, Industria, Tecnologia, Agricultura.
- III -- Ciencias.
- IV -- Historia e Geografia.
- V -- Letras.
- VI -- Arte.
- VII -- Vida social.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) receberá de bom grado informações e sugestões dos seus leitores, indicações de nomes para a sua expansão, etc.

Desenvolverá as suas secções, procurando evitar o desequilíbrio que é óbvio os seus primeiros números hão de ter; procurará enfim servir de órgão orientador e informativo dos homens que desejam uma vida retrospectiva que mês a mês os ponha a par de tudo, e lhes preencha as lacunas que o tempo, os afazeres, ou o dinheiro, a todos estabelece.

Toda a correspondência e assuntos de redacção devem ter bem legivelmente — Redacção do DIARIO DE LISBOA (edição mensal).

Todos os assuntos de administração apenas à Administração do DIARIO DE LISBOA.

Os preços de assinatura são:

Um ano (12 números) . . . . .	25\$00
Um semestre (6 números) . . .	15\$00
Número avulso . . . . .	2\$50

Africa Ocidental, India, Macau e Timor . . . . . Um ano 27\$00, um semestre 16\$00

Africa Oriental . . . . . Um ano 27\$40, um semestre 16\$20

Estrangeiro . . . . . Um ano 28\$60, um semestre 16\$30

**Publicidade:** — O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) feito para pessoas cultas, servindo um público especial e durante 30 dias, além da sua incorporação em coleções, é útil a livrarias, colegios, papelarias, imprensa, etc. Estabelecemos preços convencionais e equitativos, no propósito de prestarmos ao público que nos lê, com os nossos anuncios, uma honesta e segura fonte de informações. Dirigir à Administração do DIARIO DE LISBOA, Rue da Rosa, 57. Telefones 2 0271, 2 0272, e 2 0273.